SÉRGIO RODRIGUES
"Um romance indispensável."
Zuenir Ventura
ELZA E O GAROTO
A HISTÓRIA DA JOVEM COMUNISTA QUE O PARTIDO MATOU
COMPANHIA DAS LETRAS

SÉRGIO RODRIGUES

# Elza, a garota

## *A história da jovem comunista que o Partido matou*

*2ª edição*

COMPANHIA DAS LETRAS

*Para Daniel e Clarissa, meus filhos*

# Sumário

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.

*Não há reparação possível para Deus nem para os romancistas, nem mesmo para os romancistas ateus. Desde o início a tarefa era inviável, e era justamente essa a questão. A tentativa era tudo.*

Ian McEwan, ***Reparação***

# 1.

*Tinha dezesseis anos. Ou assim dizem. As versões variam. Em algumas, Elza é mulher-feita, vinte e um. Na maioria tem dezesseis. A idade altera talvez o grau de escândalo da união, mas não o fato de que Elza era a namorada, mulher, companheira, concubina, amante, amásia oficial do secretário-geral do Partido Comunista do Brasil — o cargo máximo da organização — em 1935. O ano em que a esquerda brasileira tentou o lance mais ousado e sofreu a maior derrota de sua história. Miranda tinha quase a idade do século. Bem-apessoado, simpático, dizia a todos os companheiros que amava Elza e pretendia, assim que as circunstâncias políticas permitissem, fazer dela uma mulher honesta. Antes, porém, precisava se desincumbir daquele trabalhinho de tomar o poder no país.*

*Elza Fernandes era mais para miúda, embora estivesse na média das mulheres brasileiras de sua época: um metro e cinquenta e oito. Talvez ainda fosse crescer. Os legistas que examinaram seus ossos cravam dezesseis anos, relatando um corpo em formação. A idade exata é um dos mistérios do lacunar personagem, que nem direito a um tamanho definitivo conseguiu ter em nossa história, oscilando entre meninota e adulta. Essa é uma das falhas mais clamorosas entre as muitas do processo 1381 do Tribunal de Segurança Nacional, que em novembro de 1940 condenou Luiz Carlos Prestes e mais seis pessoas a penas de trinta anos de prisão pela morte de Elvira Cupello Calônio, ocorrida no dia 1o de março (ou pouco antes, ou pouco depois) de 1936. Penas que seriam todas abreviadas pela anistia de 1945.*

*Sobre um ponto, ainda que cegamente, a fúria cartorial brasileira não tem dúvida: Elza adentra o processo instaurado em abril de 1940 para apurar a autoria de seu assassinato como morta aos vinte e um. Assim é citada — nascida em Sorocaba em 1914, filha de Francisco Cupello Calônio e Emilia Luiza. O problema é que, pelo restante da papelada, depoimentos a fio, meses e meses, vão aparecendo referências aos dezesseis anos de Elza, à menoridade de Elza, ao corpo de criançola de Elza, e fica tudo por isso mesmo. Até o laudo dos legistas, a análise óssea, aponta decisivamente para uma adolescente, mas em momento algum o processo tenta esclarecer a contradição que o perpassa como uma lança: quantos anos tinha a morta, afinal?*

*A professora Marly Vianna, ex-dirigente do PCB e uma das acadêmicas brasileiras que mais tempo e energia dedicou ao estudo dos acontecimentos de 1935, me disse, na sala cheia de livros de seu apartamento no Leblon, estar convencida de que a idade de Elza foi rebaixada pela polícia, pela imprensa e até pela medicina legal para tornar o crime mais hediondo aos olhos de uma opinião pública já maciçamente predisposta contra os comunistas desde o malogro da insurreição de novembro. Invenção correlata ao clichê "comunista come criancinha", a tenra idade da moça cumpriria o papel de retocar um quadro em si bastante feio, carregando nas tintas da covardia. Ou seja: Elza tinha vinte e um mesmo, dezesseis era fabricação da direita.*

*Respondi que não era bem assim. Miranda também dizia que Elza tinha dezesseis. Sara Becker, militante comunista de São Paulo que às vésperas da insurreição de 35 foi enviada ao Rio, conheceu a namorada do secretário-geral do Partido na casa de Rosa Meirelles, uma das bases informais da conspiração, aonde Elza ia todo fim de tarde filar um café com pão. Sara tinha dezoito na época e me descreveu Elza como uma garota da mesma idade dela. Foi resoluta neste ponto: a mesma idade. O*

*que, se não prova os dezesseis, menos ainda prova os vinte e um. E há o diabo daquela ossatura em formação de que falam os legistas. Comprados pelo governo? Não seriam caros, é verdade, mas para quê? Aos olhos da Justiça — e de um tribunal de exceção, em que condições muito restritas de defesa eram oferecidas aos acusados — não seria necessário encontrar agravante legal nenhum, menos ainda fabricá-lo. Idade alguma tornaria o homicídio mais homicídio. Tanto que, oficialmente, continuou valendo até o fim a citação da vítima como nascida em 1914. Se era para mentir sua idade, por que não trabalhar direito e falsear a data de nascimento na citação?*

*A tese dos vinte e um vai ficando menos verossímil à medida que se mergulha no assunto. É mais fácil imaginar um erro de documentação, um 1919 virando 1914 por culpa do garrancho do escrivão ou de um pai analfabeto ou bêbado — ou ambos — que se atrapalhou na hora de fazer o registro, anos depois do nascimento. Ou quem sabe a confusão não teria sido provocada por uma daquelas mentiras profissionais que os comunistas tinham sempre na manga para confundir a repressão, leques de nomes falsos, idades falsas, histórias falsas? A paulista Elza aparece referida aqui e ali como mineira. Quando, em janeiro de 1936, foi presa junto com Miranda no apartamento da avenida Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, em que de forma temerária os dois eram vizinhos de um "comunista público" como Jorge Amado, sua história maluca já era outra. Contou à polícia em seu primeiro depoimento não saber o nome de seu namorado nem o de seu pai. Quanto à sua origem, porém, foi decidida: disse ter vindo de São Paulo. A pé.*

*Até loura dizem que ela foi. Mas aí já é um outro disfarce.*

*Nesta história, Elza terá dezesseis porque um dia os peritos Nilton Salles e Rubem Pereira de Araújo, do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro,*

*após examinarem a ossada exumada num quintal suburbano, escreveram o seguinte:*

> Os núcleos de ossificação e as cartilagens de conjugação oferecidos no esqueleto examinado são os comumente observados nas mulheres de quinze a dezesseis anos de idade. Observam-se ainda inclusos os quatro dentes do siso. … Sua idade deveria ser de dezesseis anos quando se deu a morte.

*Infelizmente, minhas pesquisas nos dois cartórios de registro civil de Sorocaba não conseguiram fixar acima de qualquer dúvida a idade de Elvira Cupello Calônio. Tomara que alguém possa acrescentar nos espaços em branco aquilo que eu não tive como descobrir. Muita coisa eu não consegui descobrir, mas essa é uma das primeiras.*

*Exatamente quantos anos tinha Elza quando, julgada traidora pela cúpula do PCB, foi estrangulada pelos companheiros com uma cordinha de varal e enterrada dentro de um saco de aniagem no quintal de uma casa erma em Guadalupe.*

*Que idade ela terá para sempre.*

Molina tinha acabado de completar quarenta e três anos e estava em busca de uma história que valesse a pena contar quando encontrou Xerxes, ou foi encontrado por ele. Sua sensação, vizinha do tédio e do cansaço, de que já não havia no mundo história que compensasse o trabalho de narrá-la, fosse com palavras, fosse com imagens ou por qualquer outro meio — gestos, dança, sinais de fumaça, telepatia —, começou a se modificar naquela tarde de abril em que pisou pela primeira vez no apartamento do velho, um dois-quartos apertado no Flamengo, atendendo a seu anúncio nos classificados. Poucos dias depois nada restava de sua inapetência narrativa, e ele mal dava conta de dividir seus dias entre a leitura de jornais antigos, as conversas com Xerxes em sua sala atulhada de livros e as horas febris passadas diante do computador, batucando telas e telas de uma prosa

que, Molina já não tinha dúvida nenhuma, finalmente *precisava* ser escrita. Embora provavelmente ainda não devesse ser lida, mas isso não lhe ocorreu naquela hora.

Xerxes — decidiu chamá-lo assim mesmo, por razão semelhante à que fez uma moça batizada Elvira ficar conhecida como Elza — não se limitou a lhe dar uma grande história num momento em que, desempregado e imerso numa reclusão de misantropo que só Camila, sua namorada vinte anos mais nova, conseguia romper, Molina era sitiado por histórias tão pequenas, tão mesquinhas, que o mundo parecia confinado num presente estúpido sem origem nem consequência. Pensando mais tarde naqueles dias, percebeu que era como se Xerxes fosse mais do que a fonte, o contador: era a própria História encarnada. Talvez seja compreensível que, em tal estado de espírito, Molina tenha deixado de levar em conta os sinais de que nem tudo era o que parecia ser.

Disse Xerxes:

Quanto menos está em jogo, maior a violência dos litigantes. Faça dois homens esfomeados disputar uma fatia de pão com banha e a luta será cruenta, quiçá mortal. Agora ponha dois capitalistas de charutos nos beiços para discutir, entre goles de conhaque e sobre os despojos sangrentos de um banquete, quem vai arrastar para o seu lado do contrato aquela migalha percentual correspondente a milhões: pronto, que belo clima de civilidade presidirá a mesa!

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que o velho falava como se escrevesse, vírgulas e tudo. Tamanho poder de articulação era coisa de um outro tempo, e foi só então que a idade quase impossível do homem — noventa e quatro, estava no jornal — desabou na sala diante dele como um rochedo, um totem, uma pirâmide. Civilidade hipócrita, prosseguiu Xerxes, não se discute, mas ainda preferível a uma punhalada na carótida. Donde se conclui que, na sociedade de classes, a convivência pacífica é um luxo burguês.

Molina tinha chegado da rua aceleradinho, exasperado, depois de arranhar o carro de Camila no poste ao tentar estacioná-lo numa vaga absurda e em seguida ver dois flanelinhas disputando a tapa o direito de lhe cobrar pelo privilégio de parar ali. A sensação de apocalipse iminente que pairava no ar da cidade, com seu presente eterno achatado atrás e na frente, feito carro popular espremido para caber numa vaga de velocípede — aquele zumbido familiar não tinha entrado com ele porta adentro. Entendeu que na sala penumbrosa, coberta de livros e fotografias em preto e branco encaixilhadas em pesados porta-retratos, o tempo era outro. Teve a presença de espírito de dizer ao velho que seu raciocínio era gracioso, mas desconsiderava séculos de impérios fundados em crimes. Toda elite é violenta, pontificou, pedante. Chegou a estranhar sua própria voz. Xerxes sorriu.

Achei que o comunista aqui fosse eu, disse, empertigado em sua poltrona, tamborilando no castão da bengala apoiada no chão entre os caniços branquelos que despontavam da bermuda larga. Era um dia anormalmente abafado para o início do outono, mas o corpo longo e ossudo de Xerxes estava envolto num cardigã cinza sobre a camiseta branca, meias felpudas de padrão escocês, chinelos de couro nos pés compridos. A violência da elite, ele disse, eu conheço bem, e seus olhinhos claros, de um verde de água suja, fixaram os de Molina. Mas essa é outra história. Foi você quem chegou aqui contando o caso dos guardadores de automóvel que quase se matam pelas migalhas que caem da mesa da pequena burguesia, isto é, da *sua* mesa.

E o senhor é o quê, operário?

Sentiu, ao dizer isso, que soava agressivo, embora não tivesse essa intenção. Tentava descontrair o ambiente, brincar com o velho. Talvez para impedi-lo de notar o quanto se sentia deslocado em sua sala à margem do tempo. Ele não pareceu levar a mal, mas ficou sério.

Sou um intelectual revolucionário, disse, é o que teria respondido muito tempo atrás, um pequeno-burguês que conseguiu, por meio da reflexão, da

leitura disciplinada da teoria leninista e da prática política e sindical, superar as limitações patéticas de sua classe e ascender a uma consciência superior, onde refulge a inexorabilidade da história. Maria!, gritou de repente. Aguardaram em silêncio até a empregada, que também era idosa, vir da cozinha. Café, comandou, emendando, mas isso foi muito tempo atrás. Hoje eu sou só um velho comunista. Pode me chamar de pequeno-burguês que eu não ligo. Já fui chamado de tanta coisa: zinovievista, trotskista, esquerdista, direitista, oportunista. Você é o quê, jornalista?

Respondeu que sim. Era mais simples e menos perigoso do que se declarar escritor. Alguém que se declara escritor sempre corre o risco de ouvir a pergunta, ah, e escreveu o quê? Embaraçoso, se você nunca escreveu nada. De toda forma, o anúncio no jornal não mencionava a palavra escritor. Procurava, em sua formulação curiosa, um *redator-jornalista-roteirista com amor pela história e paciência com os achaques de um velho revolucionário derrotado, para ajudá-lo a escrever suas memórias*.

Instigado por Xerxes, Molina fez um resumo de sua carreira, tentando, provavelmente sem êxito, maquiar os sinais de decadência que proliferavam à medida que a ordem cronológica mudava os cargos de editor para colaborador, e os veículos, de grandes jornais para revistinhas suspeitas. O velho ouvia tudo compenetrado. Sentindo que a exposição estava carente de brilho, Molina pensou em acrescentar que era um dos grandes especialistas mundiais na maior série televisiva da história, *The Twilight Zone*. Desistiu a tempo: improvável que aquilo lhe valesse pontos com Xerxes. Terminou de enumerar seus feitos esquivos e explicou que agora tudo estava mudado, era independente, não admitia mais patrão, estava investindo num jornalismo mais lento e menos superficial como só é possível nos livros, eis por que, quando leu o anúncio nos classificados, pensou tá pra mim. Tagarelava abjetamente, de puro nervosismo. O silêncio do velho desconcertava. Totem, esfinge. Como se contivesse um julgamento mudo mas implacável daquele presente esvaziado, feito no

tribunal de uma época mais autêntica tanto na miséria quanto na glória. O volume das memórias de Xerxes devia ser ciclópico, e a ideia do trabalho que o aguardava pareceu de repente assustadora.

Isto é, se pegasse o emprego. Mas tinha que pegar o emprego, não tinha? Já era seu. Um livro. Pagamento mensal garantido por três meses, o velho explicou, talvez mais. Nada tão luxuoso quanto sua carência de desempregado o fez enxergar naquelas circunstâncias, mas decente com certeza. Descobriu depois que o dinheiro era do próprio Xerxes, não havia editora, ONG ou fundação metida naquela história de registrar as memórias de um matusalém comunista. Chegavam abafados os uivos dos ônibus freando lá embaixo, no sinal quase em frente ao cinema onde, anos antes, uma geração carioca mais equivocada que a média se convencera de que Jean-Luc Godard ia mudar a história da humanidade.

O que você sabe, perguntou Xerxes, sobre a insurreição de 1935?

A Intentona?

O outro confirmou com a cabeça.

Bom, o que todo mundo…

Resposta errada, filho. O que todo mundo sabe sobre a Intentona é necas, xongas. Ninguém sabe mais nada de quase nada, é verdade, mas sobre a Intentona sabe menos ainda. Pergunte aos universitários, e o velho deu um sorrisinho sarcástico para sublinhar que aludia ao programa de perguntas e respostas da TV, aquele em que os candidatos tinham o direito de repassar a uma junta de universitários algumas das questões que não conseguiam responder. Os universitários, na maioria das vezes, tampouco. Pergunte aos universitários, o velho prosseguiu, mesmo os de história, e eles mal vão saber diferenciar a Coluna Prestes da quartelada de 35, quer apostar?

Conheço uma estudante de história que sabe, Molina ia respondendo, mas a escolha vocabular do velho o tirou dos trilhos. Quartelada?

Sim, você se espanta? Não há palavra melhor para definir o que houve em 35. Pela fragilidade da tentativa, pelo grotesco dos erros de avaliação política que os conspiradores cometeram e também pela ferocidade da

repressão que sobreveio, com consequências que iam influenciar os rumos do país por décadas, aquele foi um capítulo dos mais marcantes, com seu sabor tragicômico, no livro das quarteladas latino-americanas. Um livro bem grande, aliás.

Um tijolaço, concordou Molina. Mesmo assim, emendou para sua surpresa, pois não sabia grande coisa sobre o assunto — talvez tentasse bajular o velho comunista? —, apesar de tudo, foi uma aventura fascinante.

Aventura fascinante, uma c'ralha, Xerxes retrucou vivamente, o sotaque lusitano caricatural amenizando o palavrão. Aquilo foi uma estupidez, filho. Atrasou em meio século o amadurecimento político deste país, uma desgraça. Aventura fascinante…

É claro que houve erros de avaliação, Molina não entendia por que estava sendo tão renitente no debate, não podia ser só puxa-saquismo, mas foi em frente: erros sérios, mas a coragem daqueles homens…

E o que a coragem tem a ver com isso? Coragem é muito bom, mas mal-empregada vale menos que o salário da Maria aqui, e Xerxes tomou das mãos da serviçal, que acabava de entrar na sala, a bandeja inox com as xícaras brancas e o açucareiro de argila. Com desenvoltura sobrenatural para alguém de sua idade, bengala repousando ao lado contra o braço da poltrona, depositou suavemente aquilo tudo, que parecia pesado, sobre a mesinha de centro. Açúcar? Duas colheres? Serviu-o com mãos trêmulas. Depois pingou oito gotas de adoçante em sua própria xícara.

Sabe qual a diferença entre um filho da puta de extrema direita e um filho da puta de extrema esquerda?, perguntou, mexendo o café. Dizia aquilo a propósito de nada que Molina pudesse vislumbrar, e completou:

O filho da puta de extrema direita sabe que é um filho da puta.

O de extrema esquerda não sabe?

Não tem a menor ideia. Se acha mais puro que são Francisco de Assis…

Xerxes deu uma gargalhada, bicou a xícara e teve um acesso de tosse tão intenso que quase entorna o café. Estavam sozinhos na sala, Maria sumida lá dentro. Molina tomou a xícara de suas mãos e se ofereceu para buscar água, mas o velho acenou que não precisava. Aos poucos se recompôs,

recuperou o fôlego. Logo estava se pondo de pé entre gemidos discretos, amparado na bengala. Tem um livro que eu queria te mostrar, soprou, fazendo sinal para que Molina o seguisse.

Hesitou. Porta-retratos ocupavam os poucos espaços deixados pelos livros nas prateleiras que forravam todas as paredes. Homens de terno e mulheres de vestido fechado, em preto e branco. Livros de arte, de história, livros vermelhos em sua maioria, com lombadas de todas as cores. O velho andava devagar. Foi atrás dele.

O quarto também tinha muitos livros, mas menos que a sala, apenas uma das paredes coberta de prateleiras. Xerxes não demorou a encontrar o que procurava. Era um exemplar de E. M. Forster em inglês, e, após folheá-lo rapidamente, estendeu a Molina o volume aberto. Ele leu as palavras sublinhadas a lápis ao mesmo tempo que ouvia o velho recitar, com um sotaque *posh* até não mais poder: *If I had to choose between betraying my country and betraying my friend, I hope I should have the guts to betray my country.* Você concorda?

Seria um teste linguístico?

Deixa eu ver: se eu tivesse que escolher entre trair meu país e trair meu amigo…

Xerxes completou: … só queria ter a coragem de trair meu país. Você concorda?

Um teste moral também, com certeza. E político-ideológico.

Depende do que ele quer dizer com país, tentou ganhar tempo, e depende do amigo.

Resposta típica dos jovens, bufou o velho.

Não sou jovem.

Para mim é. Você é um menino.

Xerxes se deixou cair sentado na cama estreita e o convidou a ocupar um pequeno pufe poeirento próximo à porta. No outro canto do quarto, ao lado do guarda-roupa escuro de ar centenário, havia um biombo de bambu. Disse: Prestes fez o que recomendava Forster, embora

provavelmente nunca o tenha lido: ficou com seu amigo, o Partido Comunista, e traiu seu país. Você concorda com isso?

É claro que não, Molina sacudiu a cabeça.

Por que não?

Prestes cometeu muitos erros, mas era um patriota. Não traiu seu país.

Mas veio com seus amiguinhos estrangeiros fazer uma conspiração financiada pelo Comintern, não é verdade?

Seria possível que Xerxes, um comunista, estivesse falando sério? Ou de comunista ele não tinha nada? Qual era a daquele velho, afinal?

Essa, respondeu, foi a base da propaganda anticomunista de Getúlio.

O velho sorriu, parecendo feliz.

Resposta correta. Não só de Getúlio. Até o fim da ditadura militar, nos anos 80, quando eu já era velho, o discurso da direita foi uma extensão daquele de 35. O anticomunismo que dominou a sociedade brasileira no século XX nasceu com Vargas. Teve sua maturidade e sua velhice de 64 em diante, com os generais, mas a matriz de tudo, o foco irradiador deve ser buscado nos anos 30. Se você procurar bem, vai descobrir que o fulcro do fulcro do nosso anticomunismo babão é algo tremendo que aconteceu em 1935: Prestes caiu. O herói tombou.

No breve silêncio que se seguiu, Molina sentiu nitidamente o ar ficando pesado, carregado de luto.

Para milhões de pessoas neste país, Xerxes continuou, um fervor novo na voz, Prestes morreu como líder político ao vir tomar o Brasil com a ajuda de uma potência estrangeira, acompanhado de agentes de uma potência estrangeira, a soldo de uma potência estrangeira. Isso foi o que a polícia de Getúlio Vargas espalhou e a imprensa repetiu em variações infinitas com muita alegria, com muita solicitude. O problema é que isso também não era mentira. Claro que Prestes não veio tomar o poder *para* Moscou: veio tomar o poder para si mesmo. Também é absurdo pensar que o objetivo de 35 fosse instaurar no Brasil, assim de cara, a ditadura do proletariado, ainda que numa versão morena de país semicolonial. Nada disso, nós não éramos

tão malucos assim. O governo de Prestes seria um compromisso, o governo possível, ou não seria nada. Mas que os russos estavam bancando a farra, com a cúpula da conspiração na folha de pagamento, estavam mesmo. Se você tem uma visão de mundo avançada, internacionalista, não há nada de mais nisso: países são ficções, construções históricas destinadas a se tornarem obsoletas na sociedade sem classes. A pátria de Prestes, como a minha, era o proletariado. Mas vai convencer o Zé das Couves. O número de brasileiros que nunca perdoou isso a Prestes é inestimável. E lastimável.

Molina se remexeu no pufe, cada vez mais confuso. O senhor fala como se também não tivesse perdoado Prestes, disse. O velho o encarou por alguns instantes. Você não pode imaginar o que era Luiz Carlos Prestes neste país entre os anos de 1925 e 1935, entre a Coluna e a quartelada, disse. Molina respondeu que sabia que era grande, e ele: Grande? O maior filho da terra, meu filho. Um mito de força descomunal, respeitado como ninguém nas Forças Armadas e amado pelo povo, grotões adentro. Um monstro na mística, no gênio para as manobras de campanha. Mas um desastre na política, aquela que se faz em gabinetes. O único gabinete que Prestes jamais compreendeu foi a sala do aparelho onde estava no momento.

Permita-me dizer, disse Molina, que o senhor se expressa de modo engraçado para um comunista.

E permita-me redarguir, disse o velho, com o antigo trema e tudo, que você pensa assim porque é jovem e ingênuo. Sou tão comunista quanto qualquer um. Mas penso com a minha cabeça.

O que durante muito tempo foi uma puta contradição.

É verdade, ele riu. Um oximoro. Já passei dessa idade.

E não passamos todos? O mundo não passou?

O velho se ergueu sobre a bengala, caminhou lentamente até o biombo e sumiu atrás dele. Molina ficou surpreso ao compreender, passados alguns instantes, que ele estava trocando de roupa.

Filho, eu quero que você leia tudo o que conseguir encontrar sobre esse momento-chave da história do seu país, disse Xerxes, só a cabeça visível

sobre a tela de bambu. Não tenho tempo para ficar lhe explicando os rudimentos de dois em dois minutos, a história vai ter que sair de uma vez. Meu tempo, como você pode ver, é curto.

Mal vejo a hora de começar, respondeu Molina, num tom que lhe pareceu tristemente próximo da sabujice.

Xerxes saiu de trás do biombo vestindo um roupão atoalhado que um dia fora amarelo-ovo. Alto, frágil, meio curvado, fez Molina pensar num aspargo empanado, se é que existia tal coisa. Andou até o criado-mudo ao lado da cama, abriu a gaveta de cima e pegou um gordo envelope de papel pardo. A caminho do banheiro da suíte, passou-o às mãos de Molina.

Para você ir se divertindo. Leia tudo, mas preste atenção especial num nome: Elza Fernandes. Volte depois de amanhã no mesmo horário e não se esqueça de trazer gravador e fitas, muitas fitas. Vou tomar banho, anunciou com a mão na maçaneta do banheiro, emoldurado pelo batente. Na saída, mande a Maria vir me ajudar. Até mais ver, e fechou a porta em sua cara.

# 2.

*Elza loura? O repórter do* Globo *jura que sim. Se podemos ou não confiar no repórter do* Globo *é outra história. Na edição de 16 de janeiro de 1936, ele escreve o seguinte sobre a prisão de Adalberto* (*outro dos codinomes de Miranda*) *e Elza em seu apartamento alugado no "elegante" prédio 606 da Paulo de Frontin, uma avenida que ainda estava longe de ser estragada pelo viaduto homônimo:*

> Um agente da Ordem Social se dirigiu ao apartamento 11, que era agora o quartel-general dos conspiradores extremistas, e bateu à porta. Atendeu uma jovem loura e encantadora, de olhos azuis muito vivos.
> — O sr. Adalberto?
> A rapariga, sublinhando a frase com um lindo sorriso, respondeu:
> — Esse senhor não mora aqui.
> O funcionário insistiu e os sorrisos reticenciosos se repetiram. Era para desconcertar…
> E quase para despistar também…
> Mas o investigador não se deixou envolver pela magia daquele sorriso perigoso.

*O estilo kitsch é típico da cobertura dada ao caso Elza Fernandes. Se na época o texto jornalístico em geral se inclinava para a subliteratura, o noticiário pós-Intentona tem, em doses ainda maiores, um ranço de manipulação dos baixos instintos do leitor — neste caso, a serviço de um projeto político claro. Vale mais o clima que o fato, os efeitos dramáticos afogam a exatidão. Foi nesse ambiente que puderam prosperar algumas mentiras grosseiras sobre a insurreição de 1935, um movimento que, depois de derrotado militarmente em poucas horas, passaria as décadas seguintes*

*sendo goleado no campo da propaganda, como se tivessem lhe faltado defeitos reais. A mais resistente dessas mentiras, durante anos reiterada a cada mês de novembro em "ordens do dia" que os comandantes militares expediam e a ditadura de 1964 obrigava a imprensa a publicar, é aquela segundo a qual magotes de oficiais legalistas foram mortos a facadas pelos insurretos enquanto dormiam, numa exibição vertiginosa de covardia. Mesmo desmentida por um historiador "burguês" do peso de Hélio Silva, até hoje essa lenda encontra fiéis desavisados por aí.*

*Diante disso, melhor jamais excluir a hipótese da cascata. Não se pode descartar que Elza tenha virado loura por mera conveniência do roteirista, por ser essa a cor de cabelo das vilãs de Hollywood. Ou das mocinhas inocentes de Hollywood. Ou, melhor ainda, das mulheres esquivas e perigosas que não se sabe se são vilãs ou mocinhas inocentes em Hollywood.*

*O jornal que assim descreveu Elza, e ainda lhe incrustou uns "olhos azuis muito vivos", embora ela apareça morena de olhos escuros em sua única foto (tirada pela polícia) que sobreviveu, é o mesmo que a chamou, antologicamente, de "desconcertante rapariga de alma vermelha e coração romântico" numa reportagem de título espetacular: "Comunista do amor". Esse tom brega era basicamente o mesmo de toda a grande imprensa. Um trecho clássico é o do* Correio da Manhã *de 27 de abril de 1940, após a exumação do cadáver de Elza:*

> E todo o Brasil, ainda horrorizado pelas descobertas recentes da polícia, lembra-se de uma cabecinha garota de cabelos negros num gracioso tumulto de mocidade, olhos de jabuticaba e um sorriso vivo de quem, ainda às portas da vida, muito esperava da vida.

*Se a estrutura dramática era simples, o Bem contra o Mal, caprichava-se nos floreios. E tome, de um lado, "fanatismo comunista", "terror vermelho", "tipos degenerados", "indivíduos sem moral"; do outro,*

*"garota graciosa", "misteriosa", "romântica", "inocente", "desditosa". A tal ponto abusou a imprensa das fórmulas chapadas e altissonantes que, em crônica publicada no* Correio*, o escritor Bastos Tigre, que por razões de prestígio profissional tinha de ser rigoroso com o estilo, decidiu revestir seu próprio pitaco anticomunista de um verniz metalinguístico para não ser acusado de repisar terreno batido:*

> Os adjetivos postos ao serviço da imprensa para qualificar crimes estão a tal ponto gastos pela reportagem policial que perderam quase todo o seu vigor expressivo. E francamente não encontro palavra com que possa, por amor ao estilo, adjetivar o estrangulamento da "Garota" pelo "Cabeção". Feroz, truculento, bárbaro, perverso, frio, cruel, tenebroso, horripilante, tudo isso ele o foi: mas foi, principalmente, estúpido.

*A estupidez do crime não se discute. Mesmo se levarmos em conta que era alimentado por notícias com esse grau de suculência, porém, o discurso anticomunista que a grande imprensa brasileira adotou após o fracasso do levante de 1935 tem um componente ostensivo de histeria. Lendo os jornais da época, é fácil entender como Getúlio Vargas conseguiu transformar o episódio no ponto de virada de sua carreira — de presidente fraco e titubeante, desafiado de forma cada vez mais aberta pelo interventor gaúcho Flores da Cunha, entre outros adversários, a maior nome da política brasileira no século XX. Vargas uniu o país contra o "inimigo vermelho" com muita competência, e a adesão maciça do jornalismo se deu, por assim dizer, espontaneamente. Em 1940, quando Elza foi desenterrada e seus assassinos levados a julgamento, poderia haver a desculpa da censura governamental instituída em 1937 com a ditadura do Estado Novo. Mas em 1936, quando ela foi presa, a imprensa ainda era relativamente "livre" — apesar do estado de sítio aprovado pelo Congresso em novembro de 1935 — e o discurso já estava pronto.*

*Como escreveu o brasilianista John Foster Dulles, "as relações entre a imprensa brasileira e o governo Vargas eram boas". O adjetivo parece*

*modesto. Dulles lembra que o presidente recebeu um grupo de jornalistas cariocas no dia 9 de janeiro de 1936 para agradecer seu apoio. E que o presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Herbert Moses, declarou na ocasião estarem os jornalistas convencidos de que Vargas era movido "unicamente pelos princípios do mais alto patriotismo".*

*Para qualquer jornalista de hoje, aquela cobertura é motivo de vergonha. O que não impede ninguém de rir um bocado também.*

*Apesar dessa inconfiabilidade, digamos, estrutural, não se deve omitir a possibilidade de Elza estar realmente loura, ou pelo menos alourada, no dia de sua prisão. Qualquer despiste seria bem-vindo num momento em que, sob a chefia de Filinto Müller, a Polícia do Distrito Federal já tinha prendido e começado a massacrar o alemão Arthur Ewert, mais conhecido como Harry Berger, um dos cabeças da conspiração, e caía com ferocidade inédita sobre todos os comunistas, esquerdistas em geral e até liberais que conseguisse desentocar.*

*Dois fatos sugerem que o repórter do* Globo *podia não estar vendo coisas. A própria Elza contaria no mês seguinte a seus companheiros de Partido — àquela altura transformados em captores e juízes — que na prisão, em janeiro, um dos torturadores da Polícia Central, Romano, lhe puxara os cabelos "dizendo que pareciam pintados". E o exame dos "cento e setenta e cinco gramas de pelos exumados" no quintal em Guadalupe, quatro anos depois, resultou num laudo assinado pelo legista Thales Dias, do Laboratório de Anatomia Patológica e Microscopia do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, em que se lê o seguinte trecho:*

> Após lavagem em água corrente e depois de perfeitamente secos, é verificada a coloração castanha dos pelos, coloração esta variada, do escuro quase negro, junto às extremidades proximais, ao castanho-claro, mais próximo das extremidades distais.

*Variação típica de cabelos pintados quando começam a crescer — é possível. Mas será que já havia louras de farmácia na época? Aos montes, como prova este trecho do poeta franco-suíço Blaise Cendrars recuperado por Nicolau Sevcenko para o terceiro volume da coleção* História da vida privada no Brasil*:*

> Eu estava no Brasil na época em que o filme ***Platine Blonde*** foi exibido (em fins dos anos 20), de forma que pude testemunhar que o filme foi de fato um tremendo sucesso no Rio de Janeiro, pois em menos de uma semana todas as lindas mulatas e negras caprichosas que saem de suas casas ao pôr do sol para passear na avenida Central, se exibindo e gozando da brisa fresca vinda da orla do mar, na Praia do Flamengo, haviam descolorido seu cabelo e maquiado o rosto com tons cor-de-rosa.

*O filme se chama na verdade* Platinum Blonde (*no Brasil,* Loura e sedutora) *e não é de "fins dos anos 20", mas de 1931. Chegou ao Brasil em 1932. Comédia leve sobre um repórter que se apaixona por uma rica herdeira, foi dirigido por Frank Capra e elevou ao estrelato Jean Harlow, a loura platinada do título. Naturalmente, isso não prova nada. A não ser que Elza teria todos os meios de se travestir de Jean Harlow se assim o desejasse.*

*É verdade que faltaria explicar aqueles olhos azuis. Lentes de contato estão fora de questão. As que existiam desde fins do século XIX eram trambolhos experimentais, e embora a tecnologia tenha passado por avanços extraordinários nos anos 30, quando o optometrista americano William Feinbloom fabricou as primeiras lentes plásticas, a tecnologia ainda estava longe de ser usada com propósitos cosméticos.*

*O papo de olhos azuis parece maluquice mesmo. Provavelmente um lugar-comum, acompanhamento automático para o qualificativo "loura", mais ou menos como o adjetivo "crasso" gosta de se grudar ao substantivo "erro".*

*Custei um pouco a entender minha obsessão por tirar a limpo a cor que tinham os cabelos de Elza no dia de sua prisão. Isso não teria pouca importância, afinal? Acabei concluindo que não. O que me incomodava naquela "Elza loura" era a sugestão de vale-tudo que ela instaurava em torno da personagem e sua história, como uma metonímia da indeterminação eterna à qual aquela moça acabou reduzida pelas toneladas de discurso interessado — anticomunista — e de silêncio igualmente interessado — pró-comunista — que lhe despejaram em cima.*

*É impressionante como de Elvira Cupello Calônio, a menina de verdade, nascida no interior, analfabeta, encantadora, deflorada jovem por seu namorado trintão, sobrou pouco ou nada. Elza virou símbolo, signo, ícone, garatuja, risco, traço e finalmente lacuna, espaço em branco. Cancelaram-na. Cadê Elza? Ninguém viu. Que Elza?* Aquela *Elza? Ih, para com isso… Chegou um dia em que os dois contendores, tanto o que agitava freneticamente o estandarte da vítima de monstros quanto o que murmurava para dentro um soturno "teve o que mereceu", se viram de repente cansados daquele joguinho. Compreensível. Mais até do que cansados: fartos, enojados. Já não havia nada ali. Qualquer retórica em estado puro, sem sustentação real, tem prazo de validade. Foi quando o nome de Elza se tornou impronunciável. Ou, no mínimo, de um profundo mau gosto.*

*A vigorosa história operária de Sorocaba deu frutos bibliográficos ponderáveis, como os livros dos historiadores locais Adalberto de Araújo Neto e Carlos Alberto Cavalheiro. Consultei os dois, que me atenderam com gentileza, mas, assim como os cartórios da cidade, nada puderam me dizer que eu já não soubesse sobre sua famosa — ou infame — conterrânea. Araújo Neto explicou que, nas pesquisas para seu livro* Sorocaba operária*, não se preocupara com nomes, histórias individuais:*

*“Procurei enfatizar a classe operária em si”. O que é justo. Elza, de toda forma, saiu de lá cedo demais para deixar sua marca.*

*Emblema do esquecimento, a pasta com o nome de Elvira/Elza guardada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, na Praia de Botafogo, onde foram parar as fichas da velha Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desps), não contém um único documento além de sua foto — a mesma de sempre, o escracho policial heterodoxo em que, sob a luz dura habitual, mas num estranho meio perfil, Elza parece tão longe de merecer os elogios unânimes que um dia colheu à sua graça e beleza. Essa pasta vazia, melhor dizendo, esvaziada, é intrigante. Descaso, esculhambação? Sempre uma possibilidade. Mas o motivo pode ser menos casual.*

*Certamente não se deve atribuir a uma inocente ignorância a mais clamorosa das ausências de Elza: aquela que pulsa como um sol em negativo no coração do livro* Velhos militantes: depoimentos*, de Ângela de Castro Gomes (coordenadora), Dora Rocha Flaksman e Eduardo Stotz. Trata-se de longas entrevistas com quatro velhos militantes de esquerda. Um deles é Eduardo Xavier, o Abóbora, ouvido por um total de seis horas entre setembro e outubro de 1986, quando completava oitenta e sete anos. Abóbora, português vindo para o Brasil na juventude, foi um dos condenados pela morte de Elza — aquele que, segundo algumas versões, teria desmaiado enquanto ela se debatia num redemoinho de braços e pernas, cordinha de varal enterrada na carne do pescoço pelas mãos fortes de Cabeção. Não houve episódio mais marcante na vida de Abóbora. Nem em seu perfil público nem — é legítimo supor — em sua geografia íntima. Mas, ao longo de seis horas de conversa, seus entrevistadores conseguiram a proeza de garantir que Elza não desse as caras nem por um minuto. Nem por um segundo. Como se nunca tivesse existido.*

*Cadê Elza?*

*Ninguém viu.*

Após o primeiro encontro com Xerxes, Molina pegou o carro arranhado e seguiu para seu apartamento alugado na Praia de Botafogo. Sua namorada — minha, minha, ele costumava repetir com seus botões, bocó, quando alguém ameaçava destroncar o pescoço ao vê-la passar na rua — tinha concordado em dormir lá aquela noite, o que era um tanto raro. Camila dizia que o apartamento a deprimia. Molina morava num quarto e sala escuro e poeirento, com livros em pilhas periclitantes enchendo de obstáculos os poucos caminhos que podiam ser traçados na área de quarenta metros quadrados, depois de transbordarem de três estantes de metal desconjuntadas pelo excesso de peso. Um aparelho de TV velho e bojudo, com um sofá na frente, era só o que impedia sua sala de parecer o depósito de um sebo decadente. Nenhum quadro ou pôster nas paredes, nenhum enfeite em parte alguma — luminária, quinquilharia de família, foto, tapete, almofadinha, nada. O quarto era ligeiramente melhor: além da cama e da mesa do computador, itens de pura funcionalidade, um cabide de pé com alguns chapéus e boinas de outros tempos ameaçava humanizar o ambiente. Mas ficava na ameaça. Molina não tinha como discordar, o conjunto era deprimente mesmo. A sua cara.

Enquanto esperava Camila, ligou o computador e digitou no Google: Elza Fernandes.

O site de busca respondeu com muitas páginas, todas praticamente iguais. Num tom anticomunista exaltado, variações do mesmo textinho contavam a história da adolescente ingênua e analfabeta que era amante do chefão do PCB em 1935 e, no pega pra capar que se seguiu ao fracasso da infame Intentona, ficou sob suspeita de colaborar com a polícia e foi covardemente estrangulada pelos companheiros de credo exótico, tendo sido então seu corpinho infantojuvenil, depois de dobrado ao meio com força bruta, enterrado ao pé de uma mangueira num quintal suburbano do Rio. E pronto — tchanam! Vejam só, senhoras e senhores, lá ia a retórica

dos caras, que tipo de gente sub-humana nós quase tivemos no comando do nosso país! Que catástrofe foi evitada pela ação firme do governo e das gloriosas Forças Armadas! A elaboração visual daquelas páginas espelhava a pobreza de espírito de seu conteúdo: além do texto, só havia o três por quatro em preto e branco de uma garota triste, chucra ou desconfiada, quem sabe tudo isso junto. Olhos melancólicos, cabelos curtos, nem de longe bonita. A descoberta deixou Molina confuso: a tal Elza era uma musa da extrema direita. Aonde Xerxes queria chegar com aquilo?

Digitou: Xerxes + comunista. Depois, Xerxes + PCB. Não havia o menor traço do homem na rede.

Só então se lembrou do envelope pardo, que ao entrar em casa jogara ainda fechado sobre o sofá da sala. Foi buscar uma lata de cerveja na geladeira e se sentou para abri-lo. Estava recheado de livros: *Olga*, de Fernando Morais, *Camaradas*, de William Waack, e *Revolucionários de 1935*, de Marly Vianna. Também havia dois CDs que, a julgar pelo que vinha escrito com esferográfica na capa do primeiro, continham uma cópia do processo 1381 do Tribunal de Segurança Nacional, de 1940, que condenou os assassinos de Elza Fernandes. Então, sacudindo o envelope para se certificar de que estava vazio, derrubou no sofá a parte mais preciosa de seu conteúdo: um maço de notas preso por um clipe. Contou o dinheiro, dava um terço do que tinha combinado com Xerxes pelo trabalho — um mês inteiro adiantado.

Quando Camila tocou a campainha, Molina abriu a porta de banho tomado, vestido com sua melhor roupa.

Vamos jantar fora, anunciou.

Foram ao Luigi's, uma cantina familiar na praça São Salvador, e pediram massa com vinho tinto chileno, o máximo de gastança que ele julgou prudente em sua situação de ex-quase-indigente. Decidiu esperar que Camila terminasse a segunda taça antes de lhe contar que tinha arranhado o carro dela. Enquanto isso, umedecendo um naco atrás do outro de pão italiano caseiro em azeite extravirgem e engolindo tudo feito

um maníaco, falou com animação incomum de Xerxes, de Elza, de Prestes, de uma história cheia de sangue e dor que Camila, brilhante estudante de história, devia conhecer melhor do que ele. Ah, mas não por muito tempo, pensava Molina, feliz de ver como se dilatavam de prazer e curiosidade os olhos enormes da namorada, seu traço mais marcante — aquelas jabuticabas perfeitamente negras, tão negras quanto os cabelos curtinhos de Louise Brooks que lhe emolduravam o rosto pálido. De repente, Camila soltou um gritinho:

Ih! O Xerxes tem idade para ter conhecido a Cobra! Ganharam olhares de todas as mesas vizinhas.

Biblicamente, inclusive, concordou Molina, pensando minha, minha. Mas estava um pouco desconcertado. Como era possível que ainda não lhe tivesse ocorrido aquilo, se ultimamente Camila não falava de outra coisa? Devia ter sido evidente desde o início: fora contratado para escrever sobre uma época próxima daquela que a melhor aluna de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro vinha pesquisando para sua monografia de fim de curso. Pesquisando bem ao estilo camiliano, com seriedade e aplicação desproporcionais ao peso institucional do projeto. A feminista paulista Ercília Nogueira Cobra, que Camila chamava de Cobra, tinha virado uma obsessão para sua namorada. A mulher mais corajosa do mundo, ela dizia. Tão corajosa que Molina, em segredo, acreditava ter sido aquela Ercília possuidora de um número menor que a cota normal de parafusos. Morena franzina, ganhou fama na época por fazer algo equivalente a adentrar o reduto rubro-negro das arquibancadas do Maracanã metida numa camisa do Vasco: pregou e praticou o amor livre da forma mais ostensiva possível no Brasil da República Velha, pagando de seu próprio bolso e assinando com seu nome verdadeiro a edição de dois livretos quase suicidas: a novela autobiográfica *Virgindade inútil: Novela de uma revoltada* e o ensaístico *Virgindade anti-higiênica: Preconceitos e convenções hipócritas*. De tanto Camila martelar aquilo, Molina tinha decorado os títulos.

Você acha que a Elza também era feminista?

Sei lá, Camila. Era uma menina.

Chegaram os pratos.

Conheço a história dela muito por alto, disse Camila, despejando queijo ralado sobre seu canelone. Ela traiu mesmo o Partido?

Foi o que disseram na época, vamos ver a versão do velho. Mas estou com um grilo.

Camila, de boca cheia, aguardou, olhos pregados nele. Molina mirava indeciso seu espaguete. Talvez tivesse comido pão demais. Tomou um gole de vinho.

Na internet, disse, só quem fala da Elza é a extrema direita mais hidrófoba, uns sitezinhos horríveis.

E daí?

Daí que eu fiquei pensando qual é a desse velho.

Se ele também é de direita? Mas não é um comunista?

É o que ele diz.

Entendi. A trama se adensa. Mas vai com calma, Mô.

Mô, pois é. Aquela parte era um pouco embaraçosa, um cara da idade dele ser chamado de Mô. Mô de Molina ou Mô de amor? Nunca ficou claro, provavelmente as duas coisas. Ele às vezes precisava lembrar a si mesmo que, na boca de uma menina que ainda nem completara vinte e um, o tratamento era mais que natural — era o máximo.

Minha, minha, minha.

Claro que vou com calma. Quem disse que eu estou nervoso?

Não prejulgue o homem, eu quero dizer. Eu sei que você é um coroa do tempo da Guerra Fria, mas preste atenção: o mundo hoje é pós-comunista. A História não cabe mais nesses esqueminhas, se é que um dia coube. Deu para entender?

Camila abriu um sorriso adorável, lábios roxos de vinho.

Às vezes, disse Molina, eu esqueço que você usava fraldas quando caiu o Muro de Berlim.

Isso. E chupava o dedão do pé.

Menina, não provoca.

Por que não?

O quanto Camila estava contente com seu novo trabalho ele pôde sentir quando, saindo do restaurante, mostrou o arranhão feio no para-lama e ela nem ligou. Mais tarde, em seu apartamento deprimente, confirmou tudo ao sentir a mão direita dela lhe acariciar o peito, como sempre fazia, com abandono saciado, até dormir. Nas últimas semanas vinha suspeitando de um declínio na intensidade da corrente elétrica que aqueles dedos transmitiam, à medida que sua ferrugem de quarentão desempregado se espalhava por corpo e alma. Tranquilizou-se ao constatar que a amperagem estava normal outra vez.

O dia seguinte foi dedicado à leitura dos livros que Xerxes lhe dera. Sua pressa em formar uma visão geral do assunto o levou a adotar o mais confuso dos métodos: estudar índices, folhear, ler a esmo, varrer o maior número possível de páginas com um olhar de escâner, esperar que esse feixe de luz imaginário tropeçasse com um nome familiar e então ler o trecho em torno dele, ir ao índice onomástico para seguir o mesmo personagem ao longo da história, pular temerariamente de um livro para outro a fim de comparar versões sobre um determinado ponto, voltar, reler, ler de trás para a frente, escorregar, entender uma parte, desentender mais ainda. Esse percurso convulsivo e zapeante foi facilitado pelo fato de Xerxes ter sublinhado diversos trechos com uma caneta marca-texto. As partes em amarelo-limão eram como boias fosforescentes no breu: fez questão de ler todas.

Quando tocou a campainha de Xerxes, no fundo de um corredor escuro povoado por latidos de cachorro e cheiro de bife, Molina levava, além de uma cabeça que zumbia com nomes e datas, o minúsculo gravador digital que Camila lhe emprestara — uma maquininha que tornava as *fitas, muitas fitas* pedidas pelo velho um anacronismo cômico. A perspectiva de reencontrar Xerxes não o deixava confortável. Ainda havia uma aflição sem

nome, um ligeiro aperto nas tripas quando tocou a campainha e, não obtendo resposta, tocou de novo, dessa vez mais longamente. A diferença é que agora fizera um rápido reconhecimento do gramado em que se enfrentariam. O passado, aquele bloco infinito de breu, já não pertencia só ao seu interlocutor.

Depois do terceiro toque, quando já considerava, até com certo alívio, a possibilidade de desistir, Maria abriu a porta. Sem dizer nada, segurou-a para que ele entrasse.

Boa tarde, Maria, eu tenho hora marcada com…

Ela sacudiu a cabeça, fechou a porta atrás dele e se meteu cozinha adentro.

Molina ficou plantado no meio da sala, sem jeito, tentando decidir se devia se sentar no mesmo sofá de couro gasto que ocupara em sua primeira visita. Resolveu esperar em pé mesmo. Para matar o tempo, começou a examinar na penumbra de persianas fechadas as velhas fotografias em molduras severas de estanho e madeira que se alternavam com lotes de livros nas prateleiras. Dois dias antes, tinha captado apenas o efeito geral daquelas imagens: um efeito de velhice, passado remoto, matéria fria, semelhante ao daqueles pequenos retratos que adornam sepulturas. Agora tentava extrair dali outros sentidos. Xerxes, jovem bonitão de cabeleira negra — impossível não reconhecê-lo, nariz reto, sobrancelhas em V —, posava todo espigado entre homens com bigodes incríveis, a maioria metida em paletós surrados, calças cotós, sapatos gastos. Um Rio de Janeiro lindo, puro, como pano de fundo.

Então notou numa das fotos um outro Xerxes ao lado de Xerxes, igualzinho. Truque de estúdio? Gêmeo? *Doppelgänger?*

Um pigarro às suas costas anunciou a presença do velho. A aparência dele alarmou Molina. Vestia um pijama verde-água de algodão, os olhos pareciam mais fundos, os movimentos mais lentos. A bengala mais necessária. Tinha envelhecido alguns anos em quarenta e oito horas. Tentou disfarçar seu espanto com um tom casual:

O senhor tem um irmão gêmeo?

O velho custou a transpor os três passos que o separavam de sua poltrona xadrez. Derreteu lentamente em cima dela e ficou por alguns instantes imóvel, de olhos fechados, como se tentasse subjugar uma dor forte. Talvez só estivesse recobrando o fôlego. Finalmente abriu os olhos e disse:

Morto. Como todo mundo. Todo mundo morreu. Ligue o gravador.

Obedeceu, e o homem começou a falar. Logo Molina percebeu que sua voz e sua lucidez não tinham envelhecido nem um minuto. Talvez estivessem mais fortes, em contraste com o corpo à beira da morte do qual brotavam.

Em 1934 eu tinha vinte anos, disse Xerxes, trabalhava como revisor do *Jornal do Commercio* e era anarquista. O anarquismo era influência de um tio, irmão de minha mãe, João Mateus, alfaiate, com quem trabalhei quando rapazote. Eu achava bonito o discurso do meu tio, percebia ali uma dignidade, uma altivez que não via nas outras pessoas. Então quer dizer, eu pensava, que a libertação é uma postura individual acima de tudo, uma coisa quase existencialista — se podemos lançar mão desse anacronismo. Pelo menos era assim que eu compreendia a conversa de João Mateus e seus amigos. Eram anarquistas puros, não se relacionavam com os anarcossindicalistas. Mas o anarquismo, que tinha sido basilar na formação da classe operária brasileira do início do século, estava em decadência àquela altura. Já tendo desistido do ofício de alfaiate, para o qual nunca levei o menor jeito, em 34 fui trabalhar nas oficinas do *Jornal do Commercio* e conheci o Luiz. O Luiz era do Partido. Ele se aproximou com a cautela recomendada nesses casos. A propósito de comentar notícias que acabávamos de revisar sobre a colheita de grãos na União Soviética ou coisas do gênero, foi aos poucos introduzindo questões sociais, sondagens. Descobrimos afinidades, claro: a revolta íntima, a certeza de que havia algo de muito errado com a distribuição das riquezas deste mundo. Até que o Luiz me perguntou se eu já tinha lido alguma coisa do genial e saudoso

Lênin, ele falava Lenine, àquela altura morto havia dez anos. Respondi que conhecia por alto o pensamento dele, de frases soltas reproduzidas no jornal, e o Luiz ficou escandalizado. Mas então você não sabe nada do materialismo dialético, companheiro! E me passou uma descompostura, ou quase isso. Que um jovem inteligente e de bons instintos como eu precisava descobrir o socialismo científico. Que o mundo estava à beira de uma maravilhosa transformação, a sociedade sem classes era o destino inexorável da espécie. E eu achei aquela conversa mais excitante, mais prática, mais moderna que a de João Mateus. Sem falar que o Luiz, assim de passagem, como quem não quer nada, mas evidentemente querendo, o Luiz mencionava companheiras. Mulheres, pois é. A turma do João Mateus não tinha mulheres, ou melhor, alguns tinham mulheres, mas eram mulheres que ficavam em casa cuidando dos filhos. Não eram da turma, não eram companheiras. Nem eram bonitas como algumas daquelas que o Luiz comentava com uma expressão concupiscente que me parecia excepcionalmente vulgar. O Socorro Vermelho, uma das organizações que serviam de fachada legal para as atividades do Partido, era povoado de saias, ele dizia, me cutucando as costelas com o cotovelo. E por baixo das saias havia anáguas, por baixo das anáguas, calcinhas, e a verdade é que o ardor revolucionário criava todas as condições, o Luiz quase babava ao dizer isso, todas as condições, companheiro Xerxes, para a transposição dialética dessas etapas. Era um tanto cômica aquela mistura de política e libidinagem, admito, mas eu era jovem, e me fisgou. O Luiz podia não ser um comunista ortodoxo, mas conhecia bem a cartilha e me emprestou livros, os de sempre, Lênin, Stálin, tudo traduzido do espanhol, camponês virando campesino, aquele negócio. Li tudo com a maior aplicação. Achava algumas coisas difíceis, mas entendia a maior parte. Numa noite de agosto, um mês depois da nossa primeira conversa, fui levado pelo Luiz à minha primeira reunião.

Lembre-se, lá eu não sou Luiz, foi a única advertência do meu colega. Meu nome é Romero.

O encontro era na casa de um deles, Antônio, no Rio Comprido. Todo mundo usava nome de guerra. Um era Cláudio. O outro, Guarani. Eu, me disseram, seria Romeu. Romero e Romeu, achei aquilo esquisito. Eu tinha sido levado pelo Romero, então era Romeu? Mas julguei mais apropriado ficar quieto, só observando. Nenhuma companheira à vista. Não me lembro muito bem de tudo que foi discutido, mas sei que me pareceu comezinho, pequeno, torpe. Esperava um debate filosófico de grosso calibre sobre os destinos da humanidade e aquelas pessoas falavam de como levantar fundos para rodar um panfleto, quem escreveria o texto, se ele deveria dizer "Proletários de todo o mundo, uni-vos!" ou "Todo poder aos sovietes!". Essa questão dividiu o grupo, um detalhe que nunca esqueci: Cláudio ficou de um lado, Guarani e Antônio do outro, Luiz-Romero indeciso. Pensei em sugerir que o texto tivesse as duas palavras de ordem e pronto, caso encerrado, não se falava mais nisso. Por que não, se ambas pareciam boas, eu pensava, embora não soubesse direito o que vinham a ser sovietes. Ainda bem que não tive tempo de abrir a boca. De repente a campainha tocou e todo mundo pulou da cadeira, fuzilando o Antônio com os olhos. Houve até um, se não me engano foi o Guarani, um sarará magricela, que correu para a janela como se fosse pular. Fiquei preocupado, estávamos no terceiro andar. Mas o Antônio tranquilizou todo mundo e disse que estava esperando uma companheira. Uma companheira da maior confiança, ele frisou, diante do mau humor geral. A campainha tocou de novo. E essa sua namoradinha tinha que vir bem no meio da nossa reunião?, bronqueou o Luiz, meu amigo devasso, com uma severidade que eu até estranhei. Não é minha namorada, você não sabe o que está falando, nem brinque com uma coisa dessas, tartamudeou o Antônio, pálido, antes de sair do quarto para abrir a porta da rua. Voltou um minuto depois em companhia de uma moreninha de cabelos curtos, uma menina muito sorridente, muito viva. A primeira companheira que eu conheci.

Boa noite, boa noite, boa noite, boa noite, ela repetiu com voz melodiosa, um cumprimento para cada um dos presentes. Eu sou a Elza.

Xerxes pegou o copo d'água na bandeja estendida por Maria, que entrara na sala com seus passos de fantasma. Bebeu meia dúzia de goles curtos, com cada um engolindo um dos comprimidos alinhados em fila na bandeja.

Elza não ficou nem dois minutos lá. Tinha ido apenas buscar um livro, pelo que entendi. Saiu depois de repetir aquela fila indiana de boas-noites para nós, e o Antônio foi levá-la até a porta. Quando voltou, todo mundo olhava para ele e depois se entreolhava com expressão maliciosa, sorrisinhos canalhas no canto da boca. Então o Antônio, parecendo aborrecido com aquilo, disse:

Elza Fernandes é companheira do companheiro Miranda.

A frase teve o efeito de uma tromba-d'água despejada sobre uma fogueirinha de são João. Eu, neófito, não sabia quem era o companheiro Miranda, mas pelas caras que todos fizeram em volta da mesa quando o Antônio falou aquilo, uma mistura até engraçada de alarme, constrangimento e pressa de mudar de assunto, entendi logo que devia ser um mandachuva. Só depois o Luiz me confirmou que era isso mesmo. Eu não ficara sabendo, mas Miranda tinha acabado de ser eleito secretário-geral do Partido, na ascensão mais fulgurante da sua história. Era o bambambã, o chefão, e diziam, segundo o Luiz, que isso era uma simples questão de justiça: sujeito brilhante, corajoso, oratória inflamada, fino na teoria e experimentado na prática — o melhor de todos nós, com muitos corpos de vantagem. Talvez aquilo tenha aumentado minha curiosidade sobre a mocinha de cabelo curto e porte empinado, que andava como se tivesse mola nos sapatos. Só sei que a lembrança dela me perseguiu por muito tempo depois da reunião no Rio Comprido. De alguma forma obscura e até ridícula, mas nem por isso menos potente, aquela moreninha jeitosa parecia confirmar para mim o absurdo retrato do comunismo como paraíso sexual na Terra que o Luiz tinha me pintado em seu trabalho de proselitismo. Comecei, meio sem querer, a imaginar uma hierarquia em que as mulheres de melhor qualidade eram reservadas aos dungas do Partido, de forma que aquela Elza Fernandes, por Marx!, só podia ser

papa-finíssima. Cheguei a sonhar com ela, sonhos suarentos, arfantes, incompletos, noites a fio. Tenho consciência de como tudo isso deve soar tolo para um jovem de hoje, mas não se deve esquecer, meu filho, que estávamos nos anos 30. Mesmo nos meios operários, que cultivavam uma relação bem mais saudável e natural com esses assuntos do que a pequena burguesia puritana, mesmo nesses meios a vida de um mocetão saudável não era fácil. Profissionais à parte, e dessas eu lhe asseguro que nunca fiz uso, o jogo era duríssimo. Não que fosse impossível marcar um gol aqui, outro ali. Marcava-se. Mas o sujeito tinha que estar preparado para reações violentas do árbitro ou da torcida adversária. Casamentos forçados, suicídios com Lysol, cadeia, tudo isso estava no horizonte. Não é de admirar que a maioria de nós preferisse ficar na mão.

Xerxes fez uma pausa, como se aguardasse um comentário qualquer. Molina demorou alguns segundos a entender que sua careta, um esgar medonho, era um sorriso maroto. A única palavra que conseguiu articular foi:

Imagino.

Os olhos do velho se perderam em algum ponto da parede coberta de prateleiras acima de Molina. A princípio, pensou que ele estivesse procurando um livro, mas logo percebeu que Xerxes buscava uma memória no arquivo de sua cabeça — um acervo que começava a lhe parecer comparável, em volume de informação, à Biblioteca Nacional.

Era uma sessão de *King Kong* na Cinelândia, disse, fim de tarde de sábado. Fui sozinho, como costumava fazer. Eu era maluco por cinema. Já tinha visto aquele filme, era uma reprise, mas estava à toa e achei que seria uma boa ideia ver outra vez, tentar decifrar melhor os prodigiosos truques ópticos que, na época, nós ainda não tínhamos aprendido a chamar de efeitos especiais. Mostrou mais um esgar, desta vez acompanhado de uma risadinha rouca. Você consegue, meu filho, imaginar um tempo em que *King Kong*, o primeiro, com Fay Wray e aquele boneco grotesco filmado em *stop motion*, mais *stop* do que *motion*, consegue imaginar um tempo

em que *King Kong* foi um prodígio de tecnologia, um assombro que mesmerizava multidões na sala escura? Porque, se não conseguir imaginar isso, se não tiver essa capacidade de abstração, não vai conseguir entender grande coisa da minha história.

Bom, é claro que, começou Molina. Mas deve ter sido uma pergunta retórica, porque Xerxes o interrompeu, nem um pouco interessado na resposta:

Entender, ou melhor, *sentir* a carga de novidade que representou para nós aquele filminho da RKO, como se tivesse estado lá, é um exercício intelectual comparável ao de respirar o ar que respirávamos naqueles tempos — e agora, não sei se você reparou, estou falando de política outra vez. É algo difícil de explicar para uma pessoa do século XXI, essa gente que está sempre pronta a matar ou morrer por uma briguinha de trânsito, mas jamais por suas ideias. Isso nunca. Nenhuma crença, a menos, talvez, que você seja um terrorista muçulmano, nenhuma crença justifica renúncia alguma, a perda de absolutamente nada, que dirá da vida. A paixão pela torcida organizada de um time de futebol, ah bom! Em nome disso, sim, se mata, se esfola, se morre todo domingo e às vezes até no meio da semana. Mas ideologia, convicção política, visão de mundo? Bah. Vocês são engraçados, não são? É difícil explicar aquele mundo, o mundo do meu tempo, mas vou fazer uma tentativa.

O tom paternalista de Xerxes o feriu. Teve vontade de lhe dizer que fosse com calma, quem estava pensando que ele era? Eu li o livro do John Reed!, esteve a ponto de gritar. Mas se conteve.

Como sequela da Primeira Guerra, o velho foi em frente, desde os anos 20 o ambiente político vinha se imantando cada vez mais nos extremos: o centro, a democracia liberal clássica, de repente ficou patética, risível. E o Brasil, onde a democracia nunca tinha sido bem liberal e muito menos clássica, o Brasil espelhava isso ao seu modo, nos governos impopulares e repressivos de Arthur Bernardes e Washington Luís. Mas era na Europa

que o pau comia entre direita e esquerda, o centro encolhendo cada vez mais, feito iceberg que derrete até virar gelo para botar no uísque.

Mãos compridas apoiadas no castão da bengala, Xerxes pareceu crescer em sua poltrona, elétrico e teso como Molina o conhecera na antevéspera. Todo mundo sabe e até você deve saber, disse, que houve um momento do século XX em que o valor de uma vida humana chegou ao piso: os anos 40, com o morticínio da Segunda Guerra, quando sessenta milhões de pessoas viraram carne moída. Mas para que o preço da carne caísse a tal ponto no mercado internacional de almas, foi preciso existir uma outra década em que ainda não se morria tanto, mas as fundações filosóficas, digamos assim, do matadouro estavam sendo lançadas. Estou falando, claro, dos anos 20 e sobretudo dos 30. Ah, os 30… Apogeu das grandes ideias totalizadoras de engenharia social, tanto de esquerda quanto de direita. Um tempo de compressão do centro, de achatamento do humanismo, de pulverização da crença na liberdade individual como valor supremo — tudo isso, que se poderia chamar de ideologia pequeno-burguesa, para usar um dos nossos chavões preferidos na época, tudo isso encolhia a ponto de parecer ridículo. Nós, jovens de então, éramos modernos, futuristas, vontades de aço, exigíamos soluções de aço: os velhos burgueses titubeantes não nos serviam mais. Grandes sistemas governariam o futuro da humanidade. Estados totalitários, racionais, planificadores, justos. Nações forjadas na guerra, alimentadas de morte. Porque, no fim, seria numa guerra que inimigos tão inconciliáveis teriam que se matar. A luta de classes em sua última instância. O mundo era pequeno demais para aquelas duas concepções de humanidade.

Molina se remexeu no sofá, e Xerxes deve ter interpretado isso como desconforto, porque o fixou com seus pequenos botões verdes e disse: Não se deve imaginar de forma alguma que eu queira estabelecer aqui uma equivalência moral entre o Preto e o Branco, o Vermelho e o Verde, o Bem e o Mal. Não! Para mim, um fascista e um comunista jamais serão intercambiáveis. Por Althusser, meu filho: nada poderia estar mais distante do meu pensamento. O comunista é uma pessoa muito melhor, não tem

comparação. Declaro aqui solenemente que, mil vezes se enfrentassem o Vermelho e o Verde, mil vezes Vermelho eu seria. Isso não me impede de reconhecer que a vida de um indivíduo era sacrificável tanto para um sistema quanto para o outro. E como poderia ser diferente se os dois se engajavam em guerra tão grandiosa, tão definitiva, por nada menos que o futuro da espécie? Como disse Michael Corleone: "Quem está sendo ingênuo, Kay?". Em outras épocas, como a sua, as pessoas têm sido menos dispostas a conceder tanto poder ao Estado e tão pouco ao cidadão. Não nos anos 30. É este o ambiente que você deve respirar aqui: aquele em que uma vida vale pouco, vale nada. Sempre foi assim? Bom, vamos convir que naquele tempo valia ainda menos do que tem valido em média nos últimos, digamos, duzentos anos, duzentos e cinquenta. Antes disso não ouso arriscar quanto valia uma vida humana no mercado, mas suponho que não muito, até por razões de saúde e higiene. Agora imagine, se puder, um comunismo sem a consciência das monstruosidades de Stálin, puro Lênin. Imagine que ainda é 1930. Esse comunismo que ainda não sabe dos crimes do Bigodão Mau é puro futuro, uma aposta generosa. Se você era jovem, invocado, se tinha uma certa disposição solidária e aventureira como eu tinha, era uma aposta irresistível. Em termos sociais e em termos históricos. Entenda: o século XX trazia um sopro, uma promessa de mudanças de dar vertigem. Uma promessa que acabaria por cumprir, aliás, embora nem de longe da forma que esperávamos. O comunismo sem Stálin, puro Lênin, é como a direita militarista sem Hitler, puro Napoleão: acredite, o mundo era bem melhor antes desses caras. Foi um aprendizado duro, meu filho, o daquele tempo feroz. Um Bigodão Mau, um Bigodinho Mau, uma guerra partida em duas que dividiria a História em antes e depois. Quando mais tarde veio Gorbatchóv e caiu o Muro, foi estranho, muito estranho, como se me tirassem o chão. Mas isso afeta a mim, como comunista. Alguém que acreditou a vida inteira que, com todos os erros havidos, bem ou mal, o comunismo era um projeto de engenharia social que não tinha mais volta — era eterno, mais avançado, inevitável. Ver tudo isso desmoronar feito um castelo de cartas foi um momento histórico

decisivo para mim, para nós. Mas a Guerra Mundial é diferente. Essa divide em duas a história da humanidade inteirinha, de cada um de nós, seja de que credo for, saiba disso ou não. Violentamente. Como um machado divide ao meio um toro de lenha, entendeu? Espirrando farpas para todo lado.

Xerxes parou para tomar fôlego. Molina permaneceu num silêncio atordoado. O velho disse:

Tudo isso por causa do *King Kong*, hein? Melhor irmos com calma. Ainda estamos na Cinelândia, é outubro de 1934, uma noite abafada de sábado, parece que vai chover, e eu estou saindo do cinema quando encontro Elza.

Aquele nome ficou brilhando no ar, entre os feixes finos de sol amarelo filtrados pela persiana. A tarde envelhecia sem que Molina se desse conta. Na sala de Xerxes se sentia incorpóreo, ideia pura. Pensou nas bolhas de âmbar que congelam momentos num presente eterno em Tralfamador. Era como se estivessem dentro de uma dessas, cercados por outras em corredores entrecruzados que se perdiam de vista, num museu translúcido e infinito chamado Tempo. Uma bolha como aquela em que Martin Sloan reencontra sua própria infância e se torna coxo para sempre, no terceiro episódio da primeira temporada de *The Twilight Zone*.

Precisava perguntar ao velho se ele já tinha lido Vonnegut.

Xerxes repetiu mais lentamente: Elza. Molina julgou ter ouvido um suspiro. Subitamente preocupado com a permanência daquelas palavras, conferiu o gravador em cima da mesinha de centro, ao lado do gordo cinzeiro de opalina: a luz vermelha continuava acesa.

Todo início de noite, disse Xerxes, uma brisa salgada vinha da Baía de Guanabara e subia a Rio Branco despenteando árvores, só para nos lembrar que, apesar das aparências e dos esforços de Pereira Passos, o nosso Haussmann, estávamos no Rio e não em Paris. Mas aquela noite a brisa era mais que uma brisa, era quase ventania. Eu já disse que armava chuva.

Parada sozinha na porta do cinema, bloqueando o caminho de quem saía, Elza parecia em dúvida sobre que rumo tomar na vida depois da morte daquele macaco. Usava um vestido azul-claro que estalava ao vento. Me reconheceu logo. Sem saber o que fazer depois de ter me apresentado — como Romeu, tive essa presença de espírito —, ofereci um cigarro. Eu fumava muito nessa época, sempre daquela marca que o Noel botou num samba, Liberty Ovais. Cigarros caros, um luxo que me concedia: eu nunca disse que era imune aos desvios pequeno-burgueses. Elza recusou meu presente, mas retribuiu mesmo assim com um sorriso que me encheu de felicidade e de pânico. Era um sorriso aberto demais, bonito demais, eu não estava acostumado. Achei que tinha uma chance com ela e tive medo. Minhas pernas tremiam. Enfurnei as duas mãos nos bolsos da calça para disfarçar. Perguntei se ela queria tomar um sorvete na Cavé.

Um sorvete?!

Elza tinha uma voz mais para o grave, harmônica, mas quando ficava excitada com alguma coisa, o que acontecia com frequência, a voz afinava e ela soltava uns guinchos muito engraçados. Disse que nunca tinha tomado sorvete e eu tive certeza de que estava rindo da minha cara. Só depois soube que era verdade, Elza nunca tinha tomado sorvete. Seu primeiro sorvete foi comigo.

Se movia feito bicho, com alguma coisa felina na coreografia de braços e pernas. Não era linda, de jeito nenhum. O capitão Davino a chama de linda em seu livro, aquele bandido do Gruber também, mas ela não era linda. Era uma graça, mas tinha traços apenas normais, agradáveis. Uma menina morena como tantas. Mas Elza não era tantas: era única. Só quem a conheceu pode entender. Subindo a Rio Branco, eu ia flutuando na consciência morna dos olhares masculinos que a seguiam com cobiça, e em algum momento, inevitavelmente, acabavam por ricochetear em mim com inveja.

Eu nunca tinha entrado na Cavé. A confeitaria fundada em 1890 era elegante demais, com seus vitrais franceses e seus fregueses de nariz em pé,

soirées e ternos de corte inglês. Aquilo não era para mim. Nem para Elza, com seu vestidinho azul-bebê e seus sapatos baixos que começavam a desbeiçar nas pontas. Mas quem se sentiu desconfortável lá dentro, numa mesinha de canto, fui eu. Casmurro, tentando interceptar com o rabo do olho possíveis olhares de reprovação à nossa presença, eu lamentava estar usando meu terno cinza ordinário, em vez do preto mais alinhado que reservava para ocasiões especiais. Mas como eu podia saber que aquele sábado seria o mais especial da minha vida? Elza estava alheia a tudo isso, era pura felicidade, uma excitação de criança. Falando alto, alto demais para os padrões exagerados de discrição ditados pelo meu constrangimento, perguntou se era verdade que os sorvetes eram feitos de neve, e, se era, como faziam para arranjar neve no Rio de Janeiro, importavam da Suíça, dos Estados Unidos da América? E não derretia na viagem de navio? Foi a primeira vez que tive um vislumbre da impressionante, da quase milagrosa inconsciência de classe daquela menina. Dava vontade de pegar no colo, ninar. De assaltar por trás, morder a nuca e, ao mesmo tempo, proteger. Eu estava um pouco zonzo, parecia que os lustres rebuscados da Cavé brilhavam excessivamente, com uma luminosidade intrusiva. Elza escolheu uma taça de sabor baunilha, uma coisa elaborada em forma de pirâmide, com decoração de éclairs recheados de doce de leite e *wafers* finíssimos representando borboletas. Nem consultou o cardápio, apontou para a mesa ao lado e disse: Quero igual. Mentalmente, subtraí do dinheiro que tinha no bolso o preço do sorvete extravagante — mal sobrava para o bonde. Aleguei uma indisposição estomacal, o que era apenas meia mentira, para pedir só água.

Não sabendo o que dizer, enquanto ela tratava de erodir sua pirâmide com colheradas vorazes, calculei que a namorada de um dirigente comunista tão graduado devia estar habituada a debates teóricos cabeludos, e louco para impressioná-la comecei, em voz baixa, a recitar tudo o que me lembrava de um artigo que tinha lido havia pouco tempo na *Classe Operária* sobre grupos imperialistas em luta no Brasil: Standard Oil e

Anglo-American na área de petróleo, Chargeurs Réunis e Mala Real Ingleza na navegação, os exportadores de café de Santos contra a São Paulo Railway, ingleses, americanos e até japoneses, a essa altura entrando no país com força total, se digladiando em São Paulo pelo domínio do café e do algodão enquanto ingleses, americanos e franceses lutavam pelo cacau da Bahia. E blá-blá-blá-blá-blá. Elza me olhava em silêncio, com a boca suja de sorvete. Interpretei seu mutismo como aprovação à minha cultura revolucionária e, me inclinando para a frente na mesa, baixei a voz ainda mais: Diante desse quadro, eu disse, é evidente que Getúlio está mais perdido que bússola sem ímã. Veja o decreto do mil-réis ouro, por exemplo, fere os interesses ingleses, e fere profundamente. Ao mesmo tempo o monopólio do câmbio favorece os ingleses e americanos e prejudica os franceses. O homem não sabe para onde ir. Tenta ir para todos os lados ao mesmo tempo, isto é, todos menos o lado dos verdadeiros interesses do povo brasileiro. Não lhe parece que seja assim?

Elza segurou a colher a meio caminho da boca, inclinou a cabeça um pouco de lado e disse: Se você diz… Mas o que é bússola?

O velho teve um acesso de riso tão escandaloso que a cabeça de Maria assomou na porta da cozinha.

Pois é, meu filho: Elza não sabia nada. Nada de nada. Ou melhor, sabia fazer sabão com cinza, sabia passar roupa à perfeição com ferros cheios de brasa, sem deixar a roupa queimar ou a fuligem sujar o tecido, sabia um monte dessas coisas que as mulheres trabalhadoras do seu tempo eram obrigadas a saber. Era filha de um operário da Light e tinha oito irmãos, me contou. Vinha de uma cidade que na época costumava ser chamada de Manchester Paulista, uma Sorocaba de concentração proletária maior que a de muitos grandes centros. Mas não tinha verniz nenhum, nenhuma cultura política e muito menos familiaridade com os luxos pequeno-burgueses que àquela altura o rádio e principalmente o cinema começavam a enfiar na cabeça de todo mundo, ricos e pobres: sabonete Gessy Lever, o sabonete das estrelas, e toda essa porcariada. Estávamos bem no começo da avalanche de mercadorias que hoje soterrou tudo, e

Elza olhava aquilo com curiosidade, mas sem entender direito o que se passava. Faltava a ela o referencial mínimo. Para começar, era analfabeta. Adorava ir ao cinema, achava Greta Garbo a mulher mais deslumbrante do mundo, mas me confessou com a maior candura que não entendia uma palavra do que era dito na tela. As legendas tinham tanto sentido para ela quanto as manchetes dos jornais e os cardápios dos restaurantes — e a era da dublagem, infelizmente, ela não ia viver o bastante para pegar. Os filmes eram um prazer pequeno-burguês, ela disse, citando Bangu, grande amigo de Miranda. Um produto do imperialismo dos Estados Unidos da América. Mas Elza não ligava para isso nem para o fato de não entender nada, ficava meses sonhando com algumas cenas, certos detalhes, Garbo se olhando no espelho, o penteado de Claudette Colbert, que acreditava ser parecido com o seu. Às vezes achava até bom não entender o que as pessoas na tela diziam, assim podia imaginar só coisas bonitas.

Tudo isso Elza foi me contando enquanto passeávamos a esmo pelo centro do Rio, aquela noite de sábado, depois que saímos da Cavé. Foi dela a iniciativa de enganchar o braço direito no meu esquerdo, numa intimidade que eu não forcei, mas recebi como uma bênção. Eu não sentia mais medo. A chuva prometida acabou não vindo, e a certa altura a capa de chumbo das nuvens se rasgou magicamente, silenciosamente, de alto a baixo, bem no ponto em que brilhava uma lua quase cheia no céu cinza-claro. Elza então se aconchegou mais a mim, apoiou a cabeça em meu braço e perguntou se eu podia ensiná-la a ler e escrever, porque Miranda, que estava tentando fazer isso, aliás com a maior paciência, burrinha e cabeça-dura que ela era, Miranda a abandonara, e agora ela não sabia mais o que ia ser da sua vida. Chegávamos ao Passeio Público, e em meio ao burburinho das ondas se quebrando contra as pedras ouvi Elza fungar. Acariciei sua moita de cabelos revoltos com a mão livre e a conduzi ao banco mais próximo. Lágrimas descendo, ela sorria encabulada: Sou boba, não liga. Meu coração inchou e quando dei por mim estava bebendo as lágrimas de Elza, uma menina, mas ela não era mais a namorada do Miranda, que felicidade, o futuro era bom, era bom demais o futuro. E

naquele momento, em meio aos beijos mais inesquecíveis da minha vida, eu prometi a ela tudo, alfabetizar, amar, e nunca nunca nunca deixar que nada de mau lhe acontecesse nunca.

Molina disse:

Mas então é uma história de amor!

Não havia sarcasmo nessas palavras, pelo menos não do tipo intencional. Foi uma observação espontânea, movida a surpresa e até mesmo a uma espécie de encantamento. Alívio também: se o interesse do velho em Elza era sentimental, calculou, ficava relativizada ao infinito sua preocupação com as implicações políticas daquela história.

Xerxes pareceu voltar de um transe profundo. Piscou repetidas vezes e o olhou como um entomologista observa uma borboleta vulgar, apenas para confirmar a impressão inicial de estar diante de um espécime desprovido de interesse científico ou estético.

Uma história de amor, ecoou suas palavras. Todas são, filho. Mas se você quer dizer como na *Sessão da Tarde*, então não. Ou como *Love Story*, aquela choradeira de câncer e hospital, também não. Se esse tipo de rótulo romanesco é do seu agrado, talvez você possa experimentar, quem sabe, um paralelo com *Romeu e Julieta*. Ajuda bastante o fato de meu codinome ser Romeu, lembra? Só falta transformar Elvira Calônio em Elza Capuletto, e o velho mostrou o amarelo de sua dentadura numa careta cruel, repare que as iniciais são as mesmas. Vamos ver até onde esse caminho nos leva? Em vez de famílias veronesas inimigas, o que nos separava era o Partido — gostou? Hmm, suponho que não. Mesmo nos meus delírios mais descabelados, eu nunca cheguei a acreditar que Elza fosse Julieta, que tivesse sido apaixonada por mim. Me deu uns beijos que eu nunca mais esqueci, numa noite em que se sentia abandonada e triste, foi só. Depois eu soube que naquele sábado de outubro, o sábado do *King Kong*, Miranda estava em Moscou fazendo o seu famoso número circense de equilibrar bolas no nariz e andar de monociclo na corda bamba, tudo

ao mesmo tempo, para felicidade de Manuilski e dos outros russos todos. Imagine a perfeita sincronia. Na noite em que eu enchia Elza de beijos, crente de ter encontrado o rumo definitivo da minha vida, Miranda tratava de lançar num francês fluente as bases de desvario que um ano depois iam frutificar na mais absoluta insanidade. Sim, *tovarich*, o Brasil está maduro para a revolução! Isso mesmo, *tovarich*, controlamos milhares de sindicatos de norte a sul! Evidente, *tovarich*, o Exército, como iríamos nos esquecer do Exército? Este está, segundo os últimos cálculos, setenta por cento sob nosso comando. Talvez setenta e um. Como disse, *tovarich* — os cangaceiros? Oh não, claro que não deixamos os cangaceiros de lado em nosso trabalho sem trégua, temos elementos tratando neste exato momento de dar um sentido verdadeiramente marxista-leninista à vanguarda armada do campesinato, *mon cher tovarich*! E blá-blá-blá-blá. Aí, meu filho, você talvez tenha que mudar de peça shakespeariana. Espero que isso não dê um nó na sua cabeça, mas é personagem de uma outra história o Iago em que dizem que Miranda se transformou naquela sua temporada na capital do Mundo Livre, quando tão baianamente fez crescerem os olhinhos da Internacional Comunista para este país grandalhão e interessantíssimo, embora semifeudal, que até aquele momento eles indesculpavelmente esnobavam. Mesmo assim, no fim das contas talvez não seja tão absurdo eu ser Romeu. Desde que eu seja um Romeu pior que Romeu, um Romeu unilateral. Nunca ficou claro para mim qual tinha sido o mal-entendido que levou Elza a se considerar abandonada pelo homem da sua vida a ponto de, na ausência dele, se atirar nos braços de outro como se agarrasse uma boia na tempestade. Provavelmente era só uma besteira, porque tudo indica que Miranda não via as coisas da mesma forma, nunca acreditou em separação. Ela acreditou por sua própria conta, mas bastou ele voltar da viagem com um presente vagabundo qualquer, um corte de tecido soviético, imagine, e pronto. Elza era louca por Miranda. Sempre tinha sido. E, para minha infelicidade, até a morte nunca deixaria de ser.

Xerxes mergulhou num mutismo triste. Era noite fechada. Molina pediu licença para ir ao banheiro e, quando voltou, o velho o esperava de pé junto à porta da rua, uma mão na bengala e a outra na maçaneta. Até depois de amanhã, disse. Não se esqueça de levar o gravador.

# 3.

TESTEMUNHA

SEVERINO MONTEIRO DA SILVA, natural da Paraíba do Norte, com quarenta e oito anos de idade, casado, sabendo ler e escrever, funcionário público federal, trabalhando como investigador da Polícia Civil do Distrito Federal — número 92, e servindo na Seção de Fiscalização de Explosivos, Armas e Munições, residente à rua Ada, número 56, em Piedade, aos costumes, disse nada. Compromissada na forma da lei, e inquirida a respeito dos fatos deste inquérito, respondeu: — que em dias do mês próximo passado, que o não pode precisar agora, recebeu ordens para se deixar dirigir num serviço policial afeto a esta Delegacia Especial, pelo colega de nome Castro; que esse serviço seria o de assistir e dirigir umas escavações num terreno, a fim de serem descobertos vestígios de enterramento de cadáver humano; que acompanhou o referido investigador Castro a um lugar longínquo de Deodoro, que depois ficou sabendo ser a rua Maria Bastos, 48-A, num trecho da estrada do Camboatá; que mais dois investigadores foram juntos ao depoente e Castro, os de nome Segadas e Ribeiro, e os quatro, sob uma só orientação, dirigiram uns trabalhadores braçais, estranhos à polícia, para a execução dos trabalhos de escavações; que o depoente sabia o fim desse trabalho: — o de ser descoberto o local em que teria sido enterrada Elvira Cupello Calônio, assassinada em 1936, por elementos do Partido Comunista; que ao fim do segundo dia desse trabalho, e depois de abertos alguns buracos, desconfiou a turma da razão de ser de um, que se ligava a um outro em sentido horizontal, de onde exalava um cheiro fora do comum e onde, de envolto com a terra revolvida, se viam alguns cabelos; que, por ordem do investigador Castro, os serviços foram interrompidos nessa altura, e a notícia da descoberta, trazida a esta Delegacia pelo mesmo investigador; que, ao dia seguinte desse descobrimento, compareceu ao local referido o capitão delegado especial, acompanhado de vários auxiliares, inclusive o delegado que preside a este ato, e o acusado desse crime, EDUARDO RIBEIRO XAVIER, e o irmão de ELVIRA CUPELLO CALÔNIO, Luiz Cupello Calônio; que o delegado que dirige este ato ordenou que se processasse a continuação do escavamento desse buraco, e que esse trabalho foi executado pelo próprio depoente e o referido Castro; que assim é que foi completamente desobstruído o buraco horizontal — feito como que se fora uma fossa, e vista, e retirada dali, uma ossada humana; que o depoente ouviu, porque

estava muito próximo, o irmão de Elvira dizer que reconhecia pelo crânio que lhe fora passado às mãos a sua irmã.

*É espantosa a cena, documentada numa foto de primeira página em* A Noite*, edição de 17 de abril de 1940: o delegado Hugo Auler, terno branco e chapéu-panamá, passa às mãos de Luiz Cupello Calônio, também militante comunista, o crânio de Elza. E o irmão da infeliz, como se isso fizesse algum sentido, não se debate nem por um segundo em dúvidas hamletianas: reconhece de pronto a caveira, para logo em seguida renegar publicamente o Partido, diante do batalhão de policiais e jornalistas presentes.*

*Não havia a menor dúvida de que o corpo exumado fosse o de Elza. Se dúvida houvesse, porém, ela teria que ser desfeita por especialistas. Como o dentista Maurício da Gama e Silva, que logo se apresentou à polícia para contar que nos últimos dias de 1935 atendera em seu consultório na avenida Rio Branco, 145, primeiro andar, uma moça de dezesseis anos presumíveis que se identificava como Elza, natural de Minas Gerais. De cara inchada, ela tinha um abscesso no pré-molar superior direito, que o dentista tratou de extrair imediatamente. Em consultas posteriores, realizou outros trabalhos na boca da moça — obturações em porcelana, detalha em seu depoimento — até que, no início de 1936, Elza deixou de aparecer. Quando leu nos jornais a notícia da exumação, Maurício da Gama e Silva ligou uma coisa à outra e se ofereceu como voluntário para "prestar o seu concurso na elucidação dos fatos". Infelizmente, explicou, um incêndio ocorrido no prédio onde ficava o consultório destruíra seu fichário, mas ele conseguiu reconstituir a ficha de Elza porque, como disse, guardava dela perfeita memória, "por ser uma boa dentadura" — ainda que incompleta por não ter se dado ainda a irrupção dos sisos ou terceiros molares, "devido à sua pouca idade".*

*Se a arcada dentária não bastasse para atestar acima de qualquer dúvida a identidade do cadáver, havia as roupas, os sapatos e outros acessórios da vítima, que ninguém precisaria ser parente ou ter diploma de medicina legal para reconhecer. Bastaria para tanto ter tido alguma convivência com ela: o guarda-roupa de uma moça de sua condição não seria tão grande, afinal. Foram recolhidos no buraco daquele quintal vizinho à estrada do Camboatá e catalogados pelos peritos os seguintes itens:*

A) Par de sapatos dos usados pelas mulheres, de gáspea anegrada, imitando pele de cobra, parecendo de verniz, tendo na parte superior uma (tira?) de couro marrom, de salto baixo, com cadarços, medindo vinte e sete centímetros, muito alterados e endurecidos pela ação do tempo; B) Xale reduzido a várias porções puídas, de coloração inapreciável; C) Combinação de fazenda fina, parecendo seda, de coloração variada do amarelado ao amarelo sujo, muito puída e com vários rasgões, dilacerando-se com facilidade, medindo oitenta centímetros de altura; D) Vestido, reduzido a fragmento, parecendo de voile, de cor marrom com zonas lilases, muito alterado e lacerado; E) Corda de cinco milímetros de diâmetro, reduzida a dois fragmentos, um de vinte e três e outro de vinte e sete centímetros, havendo nó na ponta de um deles; F) Fragmento de fazenda de algodão grosso, alterada, e pedaço de espécie de fita amarelada.

*Não, o sentido da cena incongruente representada por Hugo Auler e Luiz Cupello Calônio à beira de uma cova recém-aberta, em torno da qual se aglomerava uma pequena multidão, deve ser buscado longe da lógica propriamente policial. O que vigorava ali era a lógica do teatro. Autoridades e imprensa tratavam de tirar o máximo proveito da situação. Luiz estava lá para chorar. O português Eduardo Ribeiro Xavier, o Abóbora, que entrou para a história como o mais "sensível" dos assassinos de Elza por ter, segundo seu próprio depoimento e o de outros, desfalecido no momento em que ela era estrangulada por Francisco Natividade Lyra, o Cabeção, deve ter sido escalado para cumprir papel semelhante — embora não tenha chorado, que se saiba. E saberíamos.*

*Em bilhete que logo em seguida pediu licença à polícia para escrever, e que foi repassado a todos os jornais, o irmão de Elvira Cupello Calônio dirigiu a Miranda as seguintes palavras:*

Meu caro Bonfim,

Acabo de assistir à exumação do cadáver da minha irmã Elvira. Reconheci ainda a sua dentadura e seus cabelos. Soube também da confissão que elementos de responsabilidades do PCB fizeram na polícia, de que haviam assassinado minha irmã Elvira. Diante disso renego o meu passado revolucionário e encerro as minhas atividades comunistas.

Do teu sempre amigo Luiz Cupello Calônio

*Se o script já previa o arrependimento público de Luiz, ou se esse bem-vindo bônus lhe ocorreu de improviso, é impossível saber. Não é improvável, porém, que tudo estivesse combinado de antemão. A situação policial do irmão de Elza era periclitante: menos de um mês depois seria acusado de ter participado, cumprindo ordens de dirigentes do Partido, de um outro episódio de justiçamento alguns anos antes, este frustrado — o de Bernardino Pinto, o Dino Padeiro, também suspeito de traição, que levou uma saraivada de tiros à queima-roupa e, contra todas as probabilidades, sobreviveu.*

Ao pensar mais tarde naqueles dias de trabalho com Xerxes, a sensação dominante na memória de Molina seria de plenitude. O que chegava a ser cômico de tão equivocado. Ele logo ia descobrir que seu entendimento do que se passava à sua volta era tudo, menos pleno. Contemplava um mural gigantesco com o nariz colado num dos cantos. O inferior esquerdo, digamos. Enchia seu campo de visão a rugosidade da pincelada com que o pintor tinha representado o casco traseiro direito de um cavalo. Como adivinhar a partir dali as campinas azuladas e as manchas dos bosques, as nuvens baixas e os rolos de fumaça preta, o campanário distante, a curva do rio e os dois mil personagens da batalha épica?

Para um sujeito que há anos fazia tudo o que estava ao seu alcance para ser cada vez mais observador — um observador ultracrítico, para não dizer ranheta — e menos ator da comédia humana, não era uma constatação lisonjeira. Mas o pior era saber que sua sogra tinha sido a primeira a recuar alguns passos e apontar o dedo para o mural em que ele grudara o nariz.

Diante da implicância de Camila com sua casa, Molina não costumava recusar os convites da namorada para dormirem no quarto dela, no apartamento amplo da rua do Russel, de frente para o Aterro do Flamengo, que ela dividia com a mãe e a irmã adolescente. Havia um lado desagradável nesse arranjo: Laura, uma cinquentona que fazia o tipo hippie velha de butique, cabelão avermelhado de hena e ar de quem fumara mais de um baseado além da conta na vida, tratava-o com condescendência irônica quando estava de bom humor e com hostilidade aberta quando não estava. Obviamente desaprovava a opção da filha, que podia ter o homem que quisesse, por um sujeito feioso com o dobro de sua idade. Luz, apelido de Luzia, a irmã caçula, talvez concordasse com a opinião da mãe, embora fosse difícil saber ao certo o que pensava uma adolescente quase autista, eternamente plugada em seu iPod.

Havia também o lado bom. No belo prédio neoclássico de fachada rosa da rua do Russel, na vizinhança geográfica e espiritual do Hotel Glória, Molina podia fazer amor com Camila numa cama-latifúndio sobre lençóis cheirando a amaciante e em meio a uma profusão daqueles sinais de vida que faltavam em sua própria casa: fotos de sua Louise Brooks em todas as idades numa parede de cortiça, coleção de bonecas sobre um aparador de antiquário, um abajur de acrílico em forma de coqueiro que Molina considerava a peça mais kitsch que jamais vira, violão Takamine e contrabaixo Fender escoltando um velho amplificador Giannini, *batik* balinês em tons de verde e violeta estendido de fora a fora na parede sobre a cama, um pequeno aquário retangular com pedregulhos brancos onde morava um invocado beta azul chamado Zeb, computador com um monitor de cristal líquido adornado por orelhas de Mickey, tudo isso e

mais um monte de miudezas, caixinhas de música, vidros de perfume, coleção de canetas, peças de artesanato e uma variedade enciclopédica de almofadas — redondas, retangulares, em forma de estrela, coração, ameba, feijão, salsicha. Ah, e livros também, muitos. A diferença é que os volumes permaneciam domados e organizados por assunto nas prateleiras. Na relação com eles, ao contrário de Molina, Camila deixava claro quem é que mandava.

Chegou com duas garrafas de um bom vinho chileno de quinze reais. A mensagem do presente também era dupla. Uma apregoava que agora tinha trabalho outra vez, e portanto esperava ser tratado com o respeito devido aos homens que ganham dinheiro. A outra comunicava a Laura que o ponto fraco dela não era segredo, mas tudo bem, ele não estava ali para julgá-la — melhor brindarem juntos. A mãe de Camila não passava uma só noite sem beber, e quando não havia vinho nem cerveja atacava umas garrafas de uísque que malocava em seu quarto.

Conversavam na cozinha — Luz de um lado da mesa, mecha verde no cabelo, ouvindo música e fazendo o dever de casa; Camila do outro, cortando tomates para uma salada; Molina em pé junto à porta. Laura abriu a primeira garrafa e serviu três taças. Ei, eu também quero, disse Luz. A mãe da adolescente ergueu as sobrancelhas, mas pegou no armário uma quarta taça, que preencheu com um terço da generosidade dispensada às outras. Ao trabalho!, brindou. Molina se sentia confortável pela primeira vez naquela casa. Não guardava rancor de Laura. Apesar de tudo, ela aceitava melhor do que a maioria — melhor do que ele mesmo aceitaria, se estivesse em seu lugar — a presença daquele macho adulto que comia sua filha.

Laura começou a relatar para Camila um caso comprido que sua cabeleireira tinha lhe contado aquela tarde. Sempre conseguia excluir Molina por completo da conversa sem cair na grosseria, recorrendo apenas ao olhar e ao tom de voz. Era um talento que ele respeitava. Mas a intriga que no salão de beleza devia ter transbordado em horas de tricotagem virou, em poucos minutos, uma história espichada e chata, embora amea-

çasse ter seus bons momentos ao envolver um poodle atropelado, um falso mendigo, uma suspeita de incesto e um vestido de casamento que nunca ficou pronto. Molina teve a impressão de que Laura, lá pelo meio da narrativa, percebeu que a história não funcionava tão bem em sua cozinha quanto numa atmosfera impregnada de acetona e perdeu o embalo.

Luz não participava de nada daquilo, perdida num mundo de iPod e questões de geometria. De vez em quando soltava uns gritos estridentes, acompanhando a música que só ela ouvia: "*Oh yeah, baaaaby! Gimme gimme!*". E coisas assim, que todos faziam o possível para ignorar.

Laura enfiou no micro-ondas uma lasanha congelada de supermercado. Tinha sempre um estoque delas no freezer. Quando ficou claro que ela não retomaria sua história, Camila — minha, minha — manobrou para incluir Molina na conversa. Fatiando um pepino em rodelas transparentes, informou à mãe que ele estava trabalhando num grande livro. Laura duvidou só com os olhos e o sorrisinho torto. Um grande livro, Camila insistiu, e começou a falar de Xerxes, totem, esfinge.

Você está entrevistando esse velho?, Laura se dirigiu a ele por fim.

Mais ou menos, disse Molina. Ele sai falando, nem precisa perguntar. Estou gravando tudo.

Ele não sabe escrever?

Sabe, imagino que escreva até muito bem. É articuladíssimo, um intelectual. Mas acho que, nesse processo de lembrar, prefere ter um interlocutor, um ouvinte qualificado.

E desde quando você é um especialista em história da esquerda?

Não sou, Laura.

Ah.

Molina estranhou o tom. Não esperava isso. Será que devia ter comprado quatro garrafas?

Aonde você quer chegar, sogrinha?

Sogrinha, boa. Ela odiava aquilo.

Eu? Em lugar nenhum, Molina. Só está me parecendo que esse seu emprego é de secretário e não de escritor. Nada contra, claro. Transcrever gravação é um trabalho digno como qualquer outro.

Mãe, protestou Camila, dá um tempo!

Ué, o que tem de errado nisso? Só seria errado se o Molina, por inexperiência nesses assuntos cascudos de política, entrasse de otário numa história que não entende direito e bancasse o inocente útil. Mas, fora isso, tudo ótimo!

Pensou em mandá-la a algum lugar, mas Camila ficaria magoada. Em vez disso falou, afetando pouco caso:

Não se preocupe, Laurinha. Li *Das Kapital* e *Mein Kampf* no original. Gostei mais do primeiro, e você?

Fatiando cebolas, Camila começou a rir.

Molina tentou não demonstrar, mas a observação de Laura o feriu. Não era, nunca tinha sido uma criatura política. Como muita gente de sua idade, tivera uma fase de encantamento com o movimento estudantil, que na época, meados dos anos 80 do século passado, retirava sua energia do fato de estar sendo reconstruído após a ditadura militar. Eco tardio, represado, das lendárias agitações reprimidas brutalmente em 1968, aquela energia se mostraria insuficiente para continuar galvanizando os estudantes por muito tempo. Também o apetite revolucionário de Molina não durou. Ao fim da década, o ar que ele e seus amigos respiravam já era outro, carregado de cinismo e desencanto com as ações coletivas e a política tradicional. Procuravam emprego, a inflação resfolegava em seus cangotes, a cidade ia apodrecendo dia após dia, um idiota decretava por aí o fim da História, a aids enlutava o mundo. Pior: Sarney dividia com Thatcher e Reagan as luzes do *Jornal Nacional* apresentado por Cid Moreira. Todos eles numa frase só — difícil imaginar barra mais pesada.

Poucos anos antes da queda do Muro, quando já tivera início a contagem regressiva do monstrengo de pedra e arame farpado, embora ninguém pudesse saber disso ainda, o cinismo não havia vencido o jogo de

forma inapelável. Naqueles dias de transição, ter algum tipo de militância — *pensar o Brasil*, dizia-se — ainda era para boa parte dos estudantes algo tão natural quanto, digamos, trepar, fumar maconha, tomar vinho de garrafão, lotar a Candelária para cobrar eleições diretas de um regime agonizante ou mais até do que isso — morto, fedendo em praça pública já. E mesmo em meio à febre de um momento histórico tão excitante, Molina já sentia um incômodo diante dos colegas que se assumiam como profundamente políticos, profissionais distribuídos por suas seitas ou *tendências*, obedecendo cegamente a um obscuro jogo de atrações, repulsas, alianças, acusações — uma malha surda de amores e ódios que parecia só fazer sentido lá para eles, se é que fazia algum. Para os outros, meros simpatizantes aos quais se reservava a periferia dos centros de decisão, aquilo precisava ser encarado como um arcano: tão mais importante quanto mais abstrato, tão mais intimidador quanto menos compreensível. Partir desse ponto para uma desilusão ampla com a política não foi difícil, nem sequer *deliberado*. Parecia natural, parte do processo de crescer. Molina nunca foi tão ingênuo que não soubesse, mesmo sem pensar detidamente no assunto, que tal tipo de decisão era pessoal apenas num sentido limitado. Restrita a uma paleta estreita de cores, era uma decisão mais obediente a correntes históricas turvas, subterrâneas, do que a crença pop na liberdade suprema do indivíduo gostaria de admitir. A ironia da situação não lhe escapava por completo: a era do individualismo exacerbado em que o século XX desembocara tinha muito pouco, quase nada a ver com decisões individuais. Era um individualismo de massa.

O micro-ondas apitou quatro vezes, anunciando o fim de seu trabalho. Foi nesse momento que, no pequeno aparelho de TV da cozinha, Molina viu o presidente da República, barbudo, ex-sindicalista, elogiar o governo torturador e assassino do general Médici. Teria ouvido bem? A dicção de Luiz Inácio Lula da Silva era ruim, mas, infelizmente, tinha ouvido bem. Sentiu o vinho se agitando em seu estômago vazio. Um ciclo se fechava — ou seria um embrulho? A história lhe pareceu, naquele momento, uma

piada esticada. Muito, muito esticada, como membros humanos tracionados lentamente em máquinas de tortura medievais. Uma piada sem graça nenhuma, embora ele pudesse ouvir com nitidez uma gargalhada rasgando a noite da Glória.

Salada pronta, Camila dispunha com precisão milimétrica quatro pratos e quatro jogos de talheres sobre a mesa da cozinha. Em busca de alívio para seu mal-estar, Molina caminhou até ela e a beijou na nuca.

Na minha cozinha, não!, protestou Laura.

Estou com cheiro de cebola, disse Camila.

Adoro todos os seus cheiros, meu amor.

Laura, apoplética: Opa, aí também não!

Abandonando bruscamente caderno e lápis, Luz se levantou e saiu batendo os pés. Não ocorreu a Molina que ela pudesse estar demonstrando mais do que irritação com os gritos histéricos da mãe.

# 4.

*O baiano Antônio Maciel Bonfim — também chamado de Américo ou Adalberto Fernandes, mas mais conhecido como Miranda pelos companheiros brasileiros e Queiroz ou Keiros entre os camaradas soviéticos — ocupa um lugar especial na história da esquerda brasileira: é o supertraidor, o mais graduado dos agentes provocadores, o traíra-real, o filho da puta número 0001.*

*Segundo essa narrativa, após iludir os estrategistas do Comintern com seus relatos desvairadamente otimistas sobre o avanço dos movimentos políticos e sociais no Brasil, o secretário-geral do PCB ainda deu um jeito de, um ano depois, ao fracassar o levante que maliciosamente fomentara, conduzir à cadeia toda a cúpula da conspiração, dedurando um por um — brasileiros e estrangeiros — e provocando a morte até de sua namorada menor de idade, uma idiota que, ingenuamente, se envolvera como peão em seu jogo duplo e foi a primeira a pagar por seus pecados.*

*A história de Miranda, o megavilão, tem aquele poder de convencimento contagioso que dispensa provas. Uma característica comum a tantas denúncias de traição ao longo da história política: levanta-se a suspeita, a suspeita basta. Quem se atrever a apontar o caráter de mera suspeição da suspeita fica imediatamente sob suspeita também. Stálin viveu desse ardil a vida inteira.*

*Mas que a história é meio mal contada, é.*

*Miranda estava longe de ser santo. Com seu codinome de canalha de Nelson Rodrigues, Antonio Maciel Bonfim, nascido numa família*

*camponesa do interior da Bahia em 1905, conseguiu se fazer professor e filiou-se primeiro às efêmeras — e ideologicamente confusas — Ligas de Ação Revolucionária fundadas por Luiz Carlos Prestes em 1930. Dois anos depois estava no PCB, dando início à rápida ascensão que o levaria, em meados de 1934, ao cargo máximo do Partido.*

*Essa escalada expedita tem duas explicações básicas. Para quem privilegia o contexto, o PCB — "seção da Internacional Comunista", algo que na época todos os seus dirigentes tinham muito orgulho em destacar — vinha sendo submetido nos últimos anos a ondas de renovação forçada para se adequar às novas exigências stalinistas: a turma que tocava o barco desde a fundação do Partido, em 1922, tinha em 1930 caído em desgraça aos olhos de Moscou, acusada de intelectualismo, desvios pequeno-burgueses e outros pecados mortais do gênero. "A campanha pela 'proletarização' chega a assumir conotações tais que, em reuniões de certos organismos, os intelectuais eram privados do direito de votar", anotou o velho militante Moisés Vinhas em seu livro sobre a história do PCB, chamado* O Partidão. *Mas a experiência dita obreirista, de guindar trabalhadores braçais na marra aos postos de comando, também não foi bem-sucedida — os secretários-gerais se sucederam nos primeiros anos da década de 30 sem que nenhum se firmasse. De repente, havia um vácuo: buscava-se um rumo, talvez um estilo. Antônio Maciel Bonfim soube aproveitar esse momento. No início de 1934, era secretário nacional de organização. Em julho, foi eleito secretário-geral na I Conferência Nacional do PCB.*

*Os que preferem destacar o papel dos indivíduos na definição dos rumos da história enfatizam um aspecto diferente: a personalidade fulgurante — embora polêmica — de Miranda. É claro que uma combinação das duas explicações parece recomendável.*

*"Ele era um homem muito parlapatão, baiano demais. … Devo confessar que ele nunca me causou boa impressão", disse em depoimento gravado em 1982 e arquivado na Fundação Getúlio Vargas o jornalista Raul Ryff, secretário de Imprensa de João Goulart, que esbarrou com Miranda na prisão no início de 1936. O mesmo adjetivo cômico é usado pela historiadora Anita Leocádia Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, com alguns acréscimos — "parlapatão, bem-falante, vaidoso e aventureiro". Em seu livro* Camaradas, *William Waack afirma sobre Miranda que, "sem exceção, as pessoas que o conheceram o descreveram como dono de inesgotáveis autoestima e vaidade, mas ao mesmo tempo pessoa simpática e de grande loquacidade".*

*Não se discute: Miranda era um tremendo garganta. A lábia que arrastou a jovem Elza para a cama (como disse* O Globo *do dia seguinte à sua prisão, "nas horas vagas, também se dá ao perigoso* sport *do dom-juanismo") foi a mesma que seduziu muita gente, ainda que com objetivos menos literais. Mas seria só isso?*

*Leôncio Basbaum, em seu livro* História sincera da República, *insinua que não. Refere-se a uma "fuga suspeita" — supostamente facilitada — empreendida por Miranda do presídio da Ilha Grande, em 1932, para sugerir que ele era desde o princípio um "agente da polícia" infiltrado nas fileiras comunistas. Falando da famosa afirmação do general Góis Monteiro, ministro da Guerra de Vargas, de que sabia desde 1934 da futura chegada de Prestes ao Brasil, Basbaum diz que "essa ciência lhe devia ter sido dada pelo próprio secretário-geral do PCB, Miranda".*

Devia ter sido dada… *A leviandade da frase fica ainda mais chocante quando se sabe que não faltavam informantes, digamos, profissionais para desempenhar esse papel. O alemão que chamavam de Gruber, por exemplo, um agente internacional duplo. No entanto, o magoado Basbaum, um dos*

*comunistas históricos afastados da direção do Partido que Miranda e sua turma tomariam de assalto, estava longe de ser o mais isento dos analistas.*

*A versão que se tornaria dominante nos meios de esquerda é diferente: retrata Miranda como um falastrão oportunista que, ideologicamente gelatinoso, não suportou a pressão pós-levante e só então derreteu, trocando de lado na guerra. Prestes ajudou a cristalizar essa narrativa: "Era um nacionalista. De marxista não tinha quase nada. Ele falava de revolução sem se preocupar em preparar a classe operária para isto. Era um homem carregado de exagero subjetivista pequeno-burguês, buscando transformar seus desejos em realidade, como há muitos por aí. Mas não era um homem ignorante, como se disse. Era professor na Ferrovia Leste, falava muito bem francês. Era muito inteligente. Capitulou com sua prisão. Passou para o serviço secreto do Exército".* (*Entrevista a Elisabeth Carvalho para a revista* Afinal *de 26 de novembro de 1985.*)

*Aqui, um parêntese filosófico. Mesmo deixando de lado o que há de irônico numa crítica de "exagero subjetivista" partida de Prestes, vale observar que o caráter marxista que ele negava a Miranda também foi negado com frequência ao maior nome da história do comunismo brasileiro. Por exemplo, seu companheiro de insurreição Agildo Barata, o capitão que liderou o levante da Praia Vermelha em novembro de 1935, referiu-se assim a Prestes, com quem àquela altura já tinha rompido, em seu livro de memórias* Vida de um revolucionário, *escrito em 1962: "A causa de todos os erros político-filosóficos de Prestes reside nessa taciturna filosofia. Prestes nunca foi nem é um revolucionário marxista; Prestes é um positivista estoico. Ou, se preferirem: um estoico positivista, com muitos ranços fatalistas". O que isso prova? Nada além da facilidade com que a fugidia comenda de marxista era concedida e negada ao sabor das conveniências. Dito isso…*

*Tudo indica que Miranda não era mesmo um ás do pensamento dialético. Dois dos mais importantes escritores brasileiros do século XX ajudam a jogar alguma luz sobre sua personalidade esquiva. Vamos encontrar o futuro secretário-geral fazendo uma ponta no episódio burlesco em que, em 1932, o PCB tentou obrigar sua jovem militante Rachel de Queiroz, que acabava de conquistar o país com o romance* O Quinze*, a mudar algumas coisinhas no manuscrito de seu segundo livro,* João Miguel*, a fim de adequá-lo a uma certa estética revolucionária. Recém-filiado ao Partido, Miranda integrava a banca de três sujeitos encarregados de dar uma prensa na escritora cearense certa noite, num sinistro armazém abandonado do Cais do Porto, no Rio. Eis como Rachel recorda em seu livro de memórias,* Tantos anos*, o tipo de crítica literária que o stalinismo canarinho lhe fazia:*

> Por exemplo: uma das heroínas, moça rica, loura, filha de coronel, era uma donzela intocada. Já a outra, de classe inferior, era prostituta. Eu deveria, então, fazer da loura a prostituta e da outra a moça honesta. João Miguel, "campesino", bêbedo, matava outro "campesino". O morto deveria ser João Miguel, e o assassino passaria de "campesino" a patrão.

*Horrorizada, Rachel abraçou seus originais e saiu correndo do armazém — e do PCB — para nunca mais voltar. Comparado com esse instantâneo cômico, o retrato de Miranda feito por Graciliano Ramos no capítulo 14 de* Memórias do cárcere *é bem mais rico em detalhes. E arrasador:*

> A impressão que Miranda me deixou persistiu e acentuou-se no correr de dias: inconsistência, fatuidade, pimponice. Vivia a mexer-se, a falar demais, numa satisfação ruidosa, injustificável. Incrível haver ganhado fama, inspirado confiança e admiração. Com o tempo deixei de espantar-me, julguei entrever o mecanismo que impulsiona esquisitas celebridades vazias. O louvor de várias formas, em vários tons, cargas sucessivas de elogios, impressionam a massa, levam-na a enxergar numa personagem a grandeza conveniente. Virtudes escassas aumentam, desenvolvem-se até o absurdo, os defeitos esmorecem, obliteram-se. … Em público, medido, pesado, a expor falhas no comício e no jornal, facilmente um sujeito desce do pedestal onde o colocaram. Na

ilegalidade, envolto em mistério, é possível aguentar-se, esconder insuficiências, cultivar algum mérito.

*O capítulo é inteiramente dedicado a Miranda, que o escritor alagoano, baseado na convivência que tiveram na prisão, trata de estraçalhar com método naquele estilo inimitável dele. Miranda é introduzido envolto em sombras: internado na enfermaria, longe das vistas dos outros presos, murmura-se que está muito mal, esbodegado das torturas sofridas na Polícia Central. Até que surge um dia no pátio — e provoca em Graça a primeira decepção.*

Era um rapaz forte, de bonita cabeleira e olhos vivos, alegre, risonho, falador. Sem paletó e sem camisa, exibia no peito e nas costas indícios vagos dos tormentos referidos: ligeiras equimoses, traços azulados a custo perceptíveis. Essa exposição me intrigou. Sérgio me dissera que lhe haviam magoado e ensanguentado os pés, mas falara meio indiferente, como se aquilo fosse um caso alheio. As unhas de Benjamin Snaider tinham caído, nasciam outras: sabíamos a causa e guardávamos silêncio. Assunto realmente desagradável. Ninguém se inferiorizava lembrando as violências animais; seria absurdo, porém, imaginar uma pessoa vangloriar-se com elas. Víamos agora um sujeito alardear os sinais de vilipêndio, tão satisfeito que supus achar-se entre nós um profissional da bazófia. Aquela impudência me revoltou, especialmente por não enxergarmos no corpo do homem coisa merecedora de ostentação.

*Depois da crítica ao caráter vem a demolição do intelecto. A essa altura do livro, Graciliano já se revelou um grande admirador da oratória de Rodolfo Ghioldi, que além da liderança do PC argentino acumulava também a chefia do Comintern na América do Sul — condição em que veio ao Rio com a mulher para participar da insurreição. Os discursos de Ghioldi na praça Vermelha — como os presos políticos chamavam o pátio comum da cadeia — eram famosos. Logo se viu que os de Miranda não lhes chegavam aos pés.*

O seu primeiro discurso, fluxo desconexo, me surpreendeu e irritou. Depois das palestras sérias de Rodolfo, aquilo fazia vergonha, uma palavrice infindável, peca, de quando em quando

> interrompida com uma frase boba, transformada em bordão: — "Isto é muito importante". Em vão buscávamos a importância, e o aviso tinha efeito burlesco. Ausência de pensamentos e fatos, erros numerosos de sintaxe e de prosódia. … O singular dirigente achava que, para ser um bom revolucionário, lhe bastava conhecer o ABC de Bukharin. Solecismos e silabadas também se originavam de um preconceito infantil em voga naquele tempo: deformando períodos e sapecando verbos, alguns tipos imaginavam adular o operário, avizinhar-se dele. … Esnobismo de algum modo semelhante ao dos nossos modernistas, vários anos no galarim, a receber encômios deste gênero: — "Como eles sabem escrever mal!".

*O crudelíssimo — o que não quer dizer injusto — capítulo 14 de* Memórias do cárcere *termina com uma historinha que dá lastro às suspeitas mais pesadas que àquela altura já pairavam sobre Miranda. Graciliano conta que uma noite, quando foi anunciada a chegada à prisão de certa jovem militante, o "singular dirigente" disse para todo mundo ouvir: "Essa novata é uma que na vida real se chamava…".*

> E atirou-nos a alcunha da recém-chegada. Uma interjeição de pasmo ecoou. Com todos os diabos! Uma criatura cheia de responsabilidade largava tal denúncia a estranhos, aos faxinas e aos guardas. Sim senhor! Leviano apenas? Afastei essa fraca atenuante. As maneiras desagradáveis do homem, a desfaçatez, a exibição dos golpes infamantes, as arengas vazias e palavrosas ligavam-se à coisa recente, convenciam-me de que não nos achávamos diante de um simples charlatão. Em quem deveríamos confiar? Felizmente aquele se revelava depressa.

*A sentença que o velho Graça não chega a enunciar, porque não precisa, é óbvia. Tipo realmente esquisito aquele Miranda, não há como negar. Mesmo assim, é impossível sacudir a sensação de que, não fosse pela necessidade de criar um bode expiatório para a derrota humilhante numa insurreição pífia, os camaradas podiam ter ido com mais calma, sopesando indícios com maior seriedade antes de declará-lo tão peremptoriamente traidor. Antes de, como diz William Waack, "massacrá-lo", matando a menina que ele amava e movendo contra o zumbi que sobrou uma intensa campanha de difamação. São fortes os sinais de que naqueles primeiros dias de cadeia, diante dos torturadores de Filinto Müller na Polícia*

*Central, Miranda, se "cantou", o fez desfilando um repertório musical muito mais acanhado que o do grande orador argentino. "O Prestes me disse que quem o entregou foi o Ghioldi", me contou Marly Vianna. "Chegou a escrever para Moscou relatando tudo." Ghioldi morreu na Argentina em 1985 como herói da esquerda.*

Ao chegar, encontrou o velho de pé, apoiado na bengala, procurando um livro na estante. Postou-se ao seu lado e o viu retirar do paredão de lombadas um volume fino de capa azul. De relance, notou que era um tomo das obras completas de Freud em espanhol. Xerxes folheou-o rapidamente antes de lhe entregar o livro aberto na página inicial de um artigo chamado "Construcciones en el análisis".

Molina se sentou no sofá, lendo palavras a esmo — *arqueología*, *escenarios*, *reprimido* — enquanto o velho se punha a andar de um canto ao outro da sala com seu passo incerto e lento.

Você leu Freud, meu filho? Vagamente? Eu li muito, muito mesmo, uma época. A gente levava o velho a sério: só perdia para Marx. Para mim, depois da queda do Muro, a maior prova de que o mundo mudou mesmo, de que vivemos outra era geológica mental, é essa mania cada vez mais saidinha, mais convencidinha, principalmente nos países de língua inglesa, de escarrar na cara do Sigismundo. Sabe essa moda de tratar Freud a pontapés como um cachorro sarnento, um picaretaço? Felizmente, o mundo ter mudado não significa que a gente precise mudar também. Um dia você vai descobrir isso por conta própria, isto é, se viver o suficiente: ficar velho tem desses privilégios. Você não se incomoda que eu ande enquanto falo, não é? Imagino que seja meio irritante, mas os médicos recomendam. Para ativar a circulação.

Que é isso, murmurou. O senhor está em casa.

Xerxes deteve o passo e por um instante o fitou com expressão indecifrável, antes de continuar andando.

Isso é verdade. Mas eu ia dizendo… Ah, Freud. Esse artigo que você tem nas mãos nunca me saiu da cabeça. Compara o trabalho do psicanalista ao do arqueólogo, que de dois ou três caquinhos esparsos tem que reconstruir, digamos, uma urna grega inteira. Como ele faz isso? Preenchendo as lacunas com sua imaginação. Ele se arrisca nesse trabalho, claro, e em alguns momentos chuta mesmo, chuta desvairadamente. Como ele sabe se acertou? Não sabe, aí é que está. A prova dos nove é o resultado final, a urna reconstituída, fazer sentido. Sentido arquitetônico, funcional, histórico, cultural. O mais perto que o arqueólogo pode chegar da verdade é a verossimilhança. O analista também. Com os cacos que a gente consegue lembrar, uma vez que a visão da urna integral nos é vedada…

O que o senhor quer dizer com isso?, Molina o interrompeu, afoito. O analista aqui sou eu?

Xerxes parou a um passo dele, bengala fincada com precisão geométrica num ponto equidistante dos pés plantados no tapete. Daquele ângulo, parecia imponente: Molina tinha que erguer a cabeça para olhá-lo nos olhos.

Você, o analista?, deu um riso curto. Eu não tinha pensado nisso, mas quem sabe? Riu de novo, dessa vez mais longamente, enquanto voltava para sua poltrona de estofamento xadrez. Era uma bergère em tons dominantes de verde e roxo. Um modelo antigo, mas que parecia, Molina reparou pela primeira vez, estalar de novo, como se tivesse sido reformado recentemente.

O que eu queria dizer é… Não sei bem o que eu queria dizer. Queria falar dos cacos, eu acho. Dos fragmentos que se perdem para sempre. Eu estou aqui falando, falando, lembrando, lembrando, mas também inventando, inventando — é bom que você saiba. Não tem outro jeito. E olha que a minha memória é prodigiosa, mas não tem outro jeito. A verdade? Isso eu não sei. Não posso jurar. Lembro, por exemplo, que um dia um carro parou na porta da pensão em que eu morava, na Mem de Sá,

e mandaram me chamar. Mas não garanto que fosse Natal, por que seria justo no Natal? O que esse Natal está fazendo aí? Não sei. Mas sei, disso eu tenho certeza, que havia duas pessoas naquele carro. O motorista, um negro alto de chapéu-panamá, camiseta sem mangas e suspensórios. E, no banco de trás, um sujeito bem-apanhado de terno branco que se apresentou como Miranda. Minha nêmesis.

Sentei no banco do carona como um autômato, com uma fraqueza nas pernas. Eu odiava aquele homem sem nunca tê-lo visto. Era o que me restava, depois de perder meu amor para ele. Minhas tentativas de entrar em contato com Elza nas semanas seguintes ao nosso namoro no Passeio tinham se mostrado infrutíferas. Finalmente, numa conversa rápida e nervosa quando esbarrei com ela por acaso na rua, uma tarde, eu me convenci de que, com Miranda de volta ao pedestal, minhas chances eram inexistentes. Isso não quer dizer que me conformasse. Parecia profundamente injusto que Elza, tão jovem ainda, já tivesse dono, e dono tão definitivo, com escritura de posse de fé pública. Pior ainda — dono tão poderoso, a quem eu mesmo devia lealdade irrestrita em minha condição de militante humilde do Partido. Não sei se isso prova o caráter pouco consistente das minhas convicções ideológicas naquele tempo, mas cheguei a pensar em me afastar da causa da revolução para poder cultivar meu ódio a Miranda em paz, sem aquele sentimento mesquinho de traição a um líder digno que me envenenava a alma. Que me apequenava. Seria Luiz o verdadeiro culpado daquela confusão, por ter me arregimentado com a sua conversa promíscua de política e sexo? Teria minha militância esse vício de origem? Não era uma cogitação que me ocorresse naqueles dias. Elza era Elza. Inevitável, necessária. Só alguns anos depois, quando tudo estava terminado, é que fui me dar conta de que as taras do Luiz, sua ênfase em companheiras fogosas, anáguas e calcinhas, de alguma forma aquilo antecipava o inferno em que eu tinha me metido. No fim das contas não me afastei coisa nenhuma — pelo contrário, acabei me dedicando ainda mais às minhas tarefas e subindo na hierarquia. E não foi por puro ardor marxista-leninista, pode ter certeza, embora eu acreditasse na causa e

me empenhasse ao máximo para ser um bom comunista. No fundo foi porque eu sabia que, longe do Partido, ficaria ainda mais distante de Elza. Me mantendo nos arredores, quem sabe o que poderia acontecer?

Mas aquele acontecimento eu não esperava: Miranda vir tomar satisfações. Era um homem sacudido de seus trinta anos, cabelos lisos penteados para trás, olhar vivo, aperto de mão firme. Usava uma gravata de aparência cara, sapatos bem engraxados. Era quase cômico o contraste entre seu traje apurado e o do motorista, que, panamá à parte, usava o que reconheci como uniforme de portuário. Aqui cabe uma explicação. Você provavelmente não sabe, nem teria por que saber, mas naquele tempo o Partido vivia o auge da glorificação do operário, do trabalhador braçal. Tudo o que cheirasse a pequena burguesia era visto com desdém. Falar com correção gramatical, observar as concordâncias entre as palavras e destas com as ideias, comer com bons modos, ter lido alguma coisa além da *Classe Operária*, tudo isso deixava o sujeito imediatamente sob suspeita. Os antigos dirigentes do Partido, intelectuais como Astrojildo Pereira e Leôncio Basbaum, tinham caído em desgraça. Os ventos obreiristas sopravam de Moscou com a força de um tufão. Foi nesse embalo que Miranda teve sua ascensão maluca. Não que fosse um proletário típico. Nem operário era, tinha tido uma formação educacional muito acima da média num colégio de padres, fora sargento do Exército, trabalhara como professor. Mas tinha nascido numa família pobre da roça, falava meio errado, desconfio que de propósito, e era um homem identificado com a ação. Não era, definitivamente, um intelectual. O pessoal mais bronco tinha veneração por ele. Acreditava-se que a autenticidade profunda de um revolucionário fosse trazida do berço, ou melhor, da falta de berço. Uma autenticidade que dispensava e até mesmo rejeitava, ou no mínimo encarava com desconfiança, o estudo da teoria. Tínhamos percorrido um longo caminho desde os tempos do comunismo consciente de Lênin, ele mesmo um intelectual de primeira grandeza. Àquela altura do pagode stalinista, se o sujeito era um artesão, digamos um alfaiate, como eu tinha

sido quando trabalhava com meu tio João Mateus, ou pior ainda, um trabalhador que usava principalmente o cérebro, como eu era agora, em meu emprego de revisor do *Jornal do Commercio*, se era alguém que não sujava as mãos de graxa, enfim, não carregava sacos de cinquenta quilos nas costas nem corria o risco de perder um dedo no torno, então era uma pessoa inferior naquela escala de valores. Uma inversão simples e até meio ingênua da vida real, se você parar para pensar. Os operários eram a aristocracia da revolução. E boa parte deles se comportava exatamente dessa forma, reservando ao resto da humanidade um desdém semelhante ao que um nobre inglês dedicaria a um camponês leproso. Aquele sujeito que dirigia o carro para Miranda era assim: os olhares de esguelha que volta e meia me lançava eram de desprezo infinito.

Me lembro que rodamos tontamente pela cidade enquanto Miranda falava e falava. O passeio não parecia ter um destino. O discurso de Miranda também não. Me chamava de companheiro, de vez em quando se empinava no banco traseiro para pontuar algum argumento mais enfático com um tapinha em meu ombro. Eu era obrigado a torcer periodicamente a espinha e o pescoço para a esquerda a fim de olhar para ele — não queria passar por mal-educado. Fora isso, não me lembro de muita coisa. Seria leviano tentar recuperar aqui as palavras exatas do secretário-geral do PCB: estão borradas para sempre. Mesmo o bordão com que o ouço, em minha memória, pontuar suas falas a intervalos irritantemente curtos — isso é muito importante, companheiro, muito importante —, mesmo esse bordão eu não sei se ouvi da sua boca ou apenas li em *Memórias do cárcere*, naquele capítulo em que Graciliano expõe Miranda ao ridículo por toda a eternidade. Cacos, eu não disse? O sentido geral da conversa no carro, sim, esse sou capaz de reconstruir com segurança: Miranda traçava cenários de sonho, de um otimismo febril, e em todos me encaixava, para depois perguntar se eu me sentia à altura do desafio. O tom era de um paternalismo brutal, vertiginoso. Parecia determinado a me transformar em aliado, e ao mesmo tempo me desafiar.

A simpatia daquele homem era uma anestesia. Só percebi que o motorista tinha embicado o carro para a Vista Chinesa quando já estávamos lá.

O homem de uniforme de portuário ficou atrás do volante. Nós dois descemos e caminhamos até a beira do abismo com a maior naturalidade, como se fosse uma marcação teatral e simplesmente tivéssemos que fazer aquilo. Eu não conseguia pensar direito. Me lembro de que havia um bando gigantesco de maritacas nas proximidades, invisíveis dentro de uma árvore enorme, e de repente alguma coisa as assustou, talvez nossos próprios passos mato adentro, algum graveto pisado ou um lagarto que tivesse saído em disparada, não sei. Só sei que um milhão de maritacas explodiu céu adentro com uma barulheira dos infernos e eu percebi que estávamos a meio passo da pirambeira. O sol rebatia na cidade lá embaixo como se ela fosse feita de giz. Miranda sorriu, um dente de ouro rebrilhou lá atrás, no fundo de sua boca. Me agarrou carinhosamente pelo paletó na altura da nuca e, com um sorriso congelado nos lábios, disse que Elza lhe contara tudo. Que tinha pensado em duas dúzias, me lembro que a conta era exatamente essa, duas dúzias de maldades horríveis para fazer com ela e principalmente comigo. Que, no fim, tinha decidido perdoar Elza porque essas coisas acontecem, porque nós dois éramos jovens, mas quanto a mim… Ah, quanto a mim: se eu encostasse de novo um dedo em seu amor, minha próxima visita à Vista Chinesa seria muito menos bucólica. Miranda apontou o abismo e falou: Não quero ver um camarada tão valoroso esborrachado nas pedras lá embaixo, você entende? Eu fiz que sim. E pronto. Até onde consigo me lembrar, foi só. Talvez Miranda tenha acrescentado, mas não posso garantir: Isso é muito importante, companheiro. Muito importante.

Xerxes gritou o nome de Maria e, voltando-se para Molina, disse: Ainda não almocei, você já? Me acompanha? Mas nem aguardou a resposta. Quando a empregada veio, comandou: Almoço russo para dois.

Almoço russo? Sem saber muito bem por quê, aquelas maritacas lúgubres da Vista Chinesa ainda ecoando em sua cabeça, Molina imaginou alguma coisa repulsiva na vizinhança de arenques, cebola em

conserva, pão preto. Mas passava das três da tarde, e seu almoço tinha se limitado a um misto-quente de padaria. Respondeu ao velho que o acompanharia com prazer.

Ótimo, disse Xerxes. Assim comemoramos meu casamento.

Seu o quê?

A manifestação de espanto pareceu deixá-lo satisfeito.

Depois que o Miranda me ameaçou de morte com aquela classe dele, passou mais uma semana, uma semana e pouco, e eu estava casado. Foi simples: um dia ela bateu na minha porta, trouxa no ombro, e eu a botei para dentro. Não tive escolha. Ainda bem que meu salário me permitia alugar coisa melhor do que o quarto de pensão em que eu morava. Dois dias depois nos mudamos para uma casinha confortável numa vila operária do Lins. Virei um homem casado, quer dizer, o termo mais usado na época era amancebado. Na ética comunista, não fazia diferença.

Molina tentava processar as novas informações, começando a ensaiar as perguntas que faria sobre a identidade da mulher e a possibilidade de Miranda ter algo a ver com a rapidez daquele casamento, quando tudo saiu dos trilhos de vez. Maria entrou com a bandeja, sobre a qual um pote transbordante de caviar preto-azulado era escoltado por uma cestinha de torradas redondas e uma garrafa de vodca dentro de um gordo cilindro de gelo. Dois copinhos altos e estreitos, também gelados, e talheres ultrabrilhantes completavam o arranjo. Ficou sem palavras. Aquilo parecia saído de um restaurante de luxo, não da cozinha caseira de Maria. Era incongruente, mas ele estava com fome. Preciso pedir ao Xerxes o telefone do médico dele, teve tempo de pensar, antes de se lançarem a uma orgia de ovas de esturjão e dedais de vodca russa gelada. Logo a sala estava rodando. Apoiou a cabeça no encosto do sofá e olhou para Xerxes. Será que o velho, que tinha comido e bebido tanto quanto ele, estava bêbado também? Não parecia. Naquelas condições, porém, Molina sabia não ser a pessoa mais indicada para julgar.

# 5.

*No dia 20 de abril de 1940, um sábado, o jornal* A Noite *publicou a melhor entrevista da vida de Miranda. Trazido da prisão de Fernando de Noronha para o Rio de Janeiro a fim de testemunhar no Tribunal de Segurança Nacional sobre o caso Elza, o ex-secretário do PCB já era um homem caído em desgraça nos círculos comunistas, mas foi a primeira vez que, num bilhete escrito à mão a pedido do repórter, tornou oficial — ou pelo menos público — seu rompimento com o Partido.*

> Tomando ciência do assassinato de minha companheira, Elvira Cupello Calônio, pelos depoimentos dos seus autores, membros dirigentes do Partido Comunista do Brasil (Seção da IC), declaro que, estando há mais de um ano afastado do Partido, resolvi definitivamente romper política e organicamente com todos os laços que me ligavam ao mesmo Partido, e fazer esta declaração pública pela imprensa.
> Rio, 21 de abril, 1940. Antônio Maciel Bonfim

*Curiosamente, o bilhete trazia a data do dia seguinte à sua publicação, sugerindo um caso de premonição jornalística.*

*Melhor que o bilhete, já àquela altura de escasso significado, é o que Miranda conta ao repórter — infelizmente anônimo, como era costume na época — sobre sua relação com Elza. Não encontrei nada, nem na imprensa nem em livros, que sequer chegue perto dessa entrevista da* Noite *na tarefa de abrir janelas para a história íntima daqueles dois. O que no jornalismo de hoje está tão firmemente inscrito no bê-á-bá que já começa a cansar — a busca do "lado humano" da notícia como forma de agarrar o*

*leitor pelo colarinho emocional — ainda parecia uma espécie de acidente em 1940. Elza rendeu incontáveis manchetes em todos os jornais como vítima indefesa do "mais hediondo crime do Brasil!", nas palavras da própria* Noite. *Naturalmente, quanto mais se batia nessa tecla, menos humana parecia. Desempenhava um papel, o de vítima. Não era bem uma pessoa. Ninguém teve a ideia de procurar parentes ou conhecidos para saber como era aquela menina, se ficava triste nos dias de chuva, até que idade tinha brincado de boneca, se preferia Errol Flynn ou Clark Gable, essas coisas.*

*O único que se aproximou disso foi o repórter sem nome da* Noite. *A ele devemos uma informação de grande valor romanesco: Elza chamava Antônio de "Tonico"; Miranda chamava Elvira de "Vira".*

*O ex-secretário do PCB conta que conheceu Elza menina, "treze para catorze anos", na casa da família sorocabana, "na rua Bela de São João". Aparecia por lá de vez em quando a trabalho, para tratar de assuntos do Partido com os irmãos comunistas dela. A residência dos Cupello Calônio era então, na descrição de Miranda, um lugar de grandes privações — nada, porém, que fugisse dramaticamente à média da época em sua classe social. Os pais napolitanos, Francisco e Emilia Luiza, estavam mortos. De seus dezesseis filhos, apenas nove ainda viviam. Duas irmãs da pequena Elvira tinham "falecido mesmo tuberculosas, esgotadas de trabalho", segundo o repórter. Desde então cabia a ela, apesar de criançola, administrar a casa. Fazer o quê? Os outros irmãos eram homens, e homens não se rebaixavam a serviços domésticos. Segue então a entrevista:*

— Como nasceu a ligação afetiva?

— Sem sabermos como — informa Bonfim. — Um dia percebi que na sua camaradagem havia um sentimento mais íntimo, que existia também de minha parte. E compreendemo-nos. Senti que aquela menina precisava de uma assistência mais sólida, mais estável, e julguei que poderia dar-lha.

— Ela sabia de suas atividades comunistas?

— É claro que sim, uma vez que ouvia minhas conversas com os irmãos. Nunca, porém, pertenceu ao Partido.

— E como se uniram?

— Certo dia — vai contando Bonfim —, quando estava certo do seu sentimento por mim e também do que experimentava por ela (Bonfim diz "sentimento", e jamais "amor"), falei aos seus irmãos que íamos viver maritalmente. Trataria também de mandar buscar meus papéis na Bahia para nos casarmos em Niterói.

*O repórter não estranha em momento algum a disparidade etária dos amantes. Nem poderia. Miranda pode parecer um Humbert Humbert baiano aos olhos de hoje, mas na cartilha não escrita dos costumes brasileiros dos anos 30 era legítimo e até corriqueiro um homem de trinta papar uma garota com a metade de sua idade — desde que, é claro, se casasse com ela, o que aquele dirigente comunista jurava que ia fazer no fim do mês de janeiro de 1936. Só deixou de fazê-lo, garantia, por uma razão: "Porque fui preso alguns dias antes".*

*A entrevista, principal manchete daquela edição da* Noite*, não trata apenas do amor infeliz de Antônio Maciel Bonfim e Elvira Cupello Calônio. Miranda — apresentado como "um tipo 'burocrático' de homem que se preocupa com a limpeza das unhas e não trança as pernas para que a calça não perca o vinco" — conta que entrou para o PCB depois de descobrir que os "revolucionários" de 1930 não eram "tão radicais como esperava". Justificando a fama de garganta, afirma não ter medo de, renegando o Partido, sofrer a mesma pena imposta a Elza. O jornal registrou assim seu acesso de gabolice:*

— Muita gente, se pudesse, já me tinha pegado. Mas todos sabem que sou homem que "topo". Na ilha agarrei o Agildo Barata um dia. Segurei-lhe no pulso e disse quanto queria… (O secretário comunista desce um pouco o nível verbal da palestra e reproduz o que disse realmente ao Agildo.)

*A parte mais reveladora, contudo, é mesmo aquela em que Miranda fala da namorada morta. Segundo ele, Elza era analfabeta quando a conheceu, mas aprendeu a ler em três semanas — pode-se imaginar com que proficiência. Tinha, nas palavras que o repórter registrou, "uma inteligência viva, aguda compreensão das coisas e facilmente assimilava o que lhe diziam. Até nos oito dias que passou na detenção aproveitou alguma coisa das mulheres ali presas, entre outras, Maria Werneck, que se tomou de encanto pela sua vivacidade".*

*Sobre isso, felizmente, nos chegou o depoimento da própria Maria Werneck, militante comunista que escreveu um livrinho de memórias chamado* Sala 4 *— nome da famosa prisão política feminina do Rio de Janeiro pela qual passaram Olga Benário, Sabo Ewert, Eugênia Moreyra, Nise da Silveira e Beatriz Bandeira, entre outras. Eis o que Maria diz sobre Elza:*

> Não aparentava mais de dezesseis anos. Sempre alegre, ria muito, contava casos, inclusive visitas que fazia em nome dos companheiros, ora para recados, ora para buscar dinheiro para o Partido. Muito ingenuamente, contava:
> — Sabe, quando nós precisávamos de alguma coisa em casa, íamos buscar com os companheiros.
> E, dirigindo-se a mim:
> — Uma vez disse a você que precisávamos imprimir boletins, mas o dinheiro foi para comprar um roupão de banho para mim. — E ria da pilhéria.

*A moça descrita por Maria Werneck é vivaz, sim, como antecipara Miranda. É quase uma débil mental também. Faz pensar na garotinha que, numa das histórias que ouvi, comparecia a encontros de cúpula do Partido, a tiracolo do namorado importante, e ficava num canto da sala brincando de boneca. Isso foi contado a seu filho, Vladimir, por Hermínio Sacchetta, o líder comunista de São Paulo que foi expulso do PCB no rumoroso expurgo*

*de 1937-8, acusado de trotskista, e acabou por fundar um partido realmente trotskista.*

*Essa Elza não mais adolescente, mas criança, ou no mínimo retardada, capaz de brincar de boneca — boneca de pano, imagino — enquanto seu amor debatia gravemente com outros barbados assuntos além da sua compreensão, essa Elza talvez não seja mais que um personagem do folclore familiar dos Sacchetta. Para minha decepção, pois a cena adicionaria à história um elemento patético de valor incalculável, não consegui confirmar com mais ninguém o que me contou Vladimir, pesquisador com vasta experiência na história da esquerda brasileira. Sara Becker, uma das poucas pessoas a ter tido contato direto com Elza que ainda vivem e a única com quem conversei, disse achar muito improvável que ela tivesse comportamento tão pueril.*

*Mesmo assim, Maria Werneck chega perto desse extremo ao falar na "infantilidade" da namorada de Miranda, exemplificando com um diálogo que travaram na prisão:*

> Culpada, Elza o fora, mais por sua pouca cultura, sua infantilidade. Pois não me disse ela, rindo:
> — Falei com o Serafim que conhecia você.
> — O quê? — perguntei, preocupada, pois Serafim era um dos torturadores da Polícia Central, junto com Romano.
> Riu, como sempre fazia, e não me respondeu.

*Pena que o depoimento de Maria Werneck seja maculado pela insistência numa dúvida que, se um dia fizera sentido, já não fazia nenhum quando seu livro foi publicado, em 1988:*

> O caso Elza Fernandes teve diversas versões: que ela fora morta por companheiros que tiveram medo que ela fosse seguida e guiasse a polícia, ou que a polícia a assassinara. Como chegar a uma conclusão?

*Chegando, ora.*

Quando, terminada a refeição, Xerxes abriu a pequena caixa de madeira que repousava na mesinha ao seu lado e dela tirou dois charutos Cohiba, Molina já não se surpreendeu. Se ainda havia nele algum resquício do ancião mais morto que vivo que o recebera horas atrás, a fumaça azulada com que encheram a sala tratou de dissolvê-lo.

Fumaram em silêncio por algum tempo, até que Molina, alegremente empapuçado de álcool e tabaco, disse:

O senhor me deve explicações, viu? Essa mulher que apareceu do nada, que história é essa? Tremendo *non sequitur*, assim não é possível! Eu tenho um livro para escrever, não vamos esquecer que o meu nome está em jogo aqui…

O velho deu três palmadas com a mão direita no braço da poltrona, como se decretasse o fim do recreio, e falou:

Minha mulher, certo. O dia em que nos conhecemos. Para isso precisamos voltar um pouco no tempo, mas vale a pena. Foi um dia monumental, meu batismo de fogo. Se você estava preocupado de acabar com uma história melosa demais nas mãos, uma *love story*, meu amigo, e Xerxes abriu um sorriso largo que o deixava igualzinho a uma caveira, aí vai um pouco de testosterona e sangue em doses mais ou menos iguais. Coisa de macho, enfim: espero que goste. Talvez você tenha ouvido falar da batalha campal em que os comunistas acabaram com uma passeata integralista em São Paulo, outubro de 1934 — ah, ouviu vagamente? Pois foi uma coisa épica, meu filho. Tudo premeditado, organizado com muita competência. A manifestação da turma do Sigma estava anunciada como a maior de todas, uma demonstração de força para abalar o país. O integralismo estava no auge por aqui, todo pimpão, com uma saúde e uma arrogância que espelhavam tanto a florescência internacional do nazifascismo quanto a tolerância de Getúlio com o movimento. Eles sabiam que na Itália e na Alemanha a coisa tinha começado assim, com espetáculos de truculência nas ruas para emparedar o governo. Se a tática tinha dado certo na Europa, por que não daria certo no Brasil? Foi por

todas essas razões, além de um emaranhado de velhos sentimentos de vingança pessoal, antigas equimoses a serem devolvidas, foi por essas e muitas outras que a militância do Partido se mobilizou como nunca às vésperas da tal passeata. Aliás, não só do Partido. Eu soube que teve muita briga nas reuniões, muito quebra-pau, que às vezes parecia que nossos maiores inimigos estavam na própria esquerda e não na direita, mas no fim acabamos conseguindo organizar uma coisa conjunta. Foi a primeira vez que isso foi possível, essa unidade. Talvez a única. Comunistas, anarquistas, trotskistas, estava todo mundo lá. Cada jornal de cada grupo havia feito convocação, a militância tinha caprichado no boca a boca, a resposta veio forte. Vou te contar: foi uma beleza. Era a minha primeira missão de peso no PCB, lembre-se de que isso foi pouco depois de me aceitarem oficialmente. Já tinha encontrado a Elza na casa do Antônio, ela já me visitava em sonhos feito um súcubo criança. Mas tudo ainda estava no começo, depois é que viriam os beijos no Passeio. Bem no começo: ainda teria dado para voltar atrás.

Mas quem queria voltar atrás?

Na noite de sábado, peguei o trem para São Paulo com mais três camaradas, dois que eu nem me lembro e o Guarani. Descemos na estação da Luz na manhã do domingo, o domingo em que seria a passeata, junto com gente que vinha de tudo quanto era lado, de Santos, do Sul, do Rio, de Minas, estivadores do tamanho daquelas estátuas realistas socialistas ao lado de funcionários públicos com óculos fundo de garrafa e musculatura de louva-a-deus — tinha de tudo. Na estação, já começamos a sentir o clima. Estava um dia bonito, e como tínhamos algumas horas para matar antes da passeata propus um passeio pela cidade, que eu não conhecia, mas o Guarani disse que o combinado era irmos direto para a casa de um camarada nosso, um gráfico chamado Enzo, que morava no Brás. Lá seria a concentração de alguns companheiros, almoçaríamos de graça antes de seguir num grupo maior para a praça da Sé. Chegamos antes das dez e a casa já estava cheia. Era uma casa modesta, branca de janelas amarelas, mas tinha um quintal espaçoso com algumas árvores, uns bancos

compridos de madeira debaixo de videiras, gaiolas de passarinho. Enzo, um italiano de fisionomia severa, bigodão, nos recebeu meio seco, mas a hospitalidade foi mais que garantida pela mulher dele, que era uma dona muito simpática, muito sorridente. Veio da cozinha de avental sujo avisar que o cardápio era macarronada com polpetone, me lembro disso como se fosse o almoço de ontem. No quintal, nos juntamos a um grupo que já devia ter vinte pessoas ou mais, todo mundo bebendo vinho. O Enzo tinha duas filhas, Francesca e Gina, que eles chamavam bem à italiana, *Frantchesca* e *Djina*. Duas deusas, uma Sophia Loren e uma Gina Lollobrigida, que ficavam zanzando lépidas de pés descalços, indo de grupinho em grupinho com os garrafões, enchendo copos, fazendo piadas, rindo para todo mundo. Mas este lugar é o paraíso, eu me lembro de ter pensado, enquanto o Guarani me cutucava para ir com calma na bebida. Isto não é festa, ele disse, deixa a festa para depois do trabalho. O trabalho era a porradaria contra os integralistas. Confesso que não segui à risca o conselho de Guarani e estava zonzo quando saímos da casa de Enzo rumo à guerra. Gina e Francesca também foram. Isso me deixou preocupado quando nos aproximamos do nosso ponto de encontro, que seria no largo de São Bento, observados à distância por batalhões de policiais a cavalo, e eu comecei a ver gente com soco-inglês, porrete na mão, outros levando livros do Lênin, *A Classe Operária*, *A Plebe* ou *A Manha* enrolados em canudos, como se fossem para matar moscas. Mas a maioria de mãos abanando mesmo, olhos brilhantes de confiança e só. E precisava mais? Entendi então que ninguém estava preocupado com detalhes como força física ou experiência em escaramuças de rua, tinha muita mulher no meio, tinha até criança. Aquilo era uma festa cívica. Perdi Gina e Francesca de vista, mas relaxei. Um frisson absolutamente irresponsável, delicioso, percorria as fileiras antifascistas: era chegada a hora de acertar contas com aquela escória. Tínhamos gosto de sangue na boca, minha cabeça girava e eu acho que não era mais só por causa do vinho. Se Hitler e Mussolini

estavam fora do alcance de nossos paus e pedras, os camisas-verdes de Plínio Salgado não estavam.

Eu seguia os comandos de companheiros que não conhecia, tudo uma confusão de gente e palavras de ordem, e já não via nem o Guarani nem conhecido algum. Mas sabia que o caos era apenas aparente. A estratégia militar tinha sido traçada pelo João Cabanas e pelo Roberto Sisson, caras que entendiam do riscado. Havia pontos de concentração na praça João Mendes, no pátio do Convento do Carmo, na praça Ramos de Azevedo… Você conhece o centro de São Paulo? Dizem que a passeata dos galinhas-verdes chegou a tomar dois quilômetros da Brigadeiro Luís Antônio, coisa de oito mil pessoas, não sei se é verdade. Só sei que, chegando na praça, com mulheres e crianças fazendo o papel de abre-alas, bandeiras do Sigma tremulando, aquele rio verde começou a ser comprimido nas duas margens pelos rochedos vermelhos. Se eles eram oito mil, quantos seríamos nós? E a troca de insultos começou. Foi um tal de morra! pra cá, viva! pra lá, alguns mais esquentadinhos já começaram a sair no tapa ali mesmo. De repente, ouvimos tiros, mas era impossível saber de onde tinham vindo. Sentindo-se seguros com a proteção policial, que era de centenas de homens, uma fartura que eu nunca tinha visto de bombeiros, cavalarianos e policiais civis armados, os oradores integralistas começaram a discursar na escadaria da catedral debaixo de uma vaia de ensurdecer. Plínio Salgado, que não era besta, não apareceu, ficou com o rabo entre as pernas na sede do partido. Era impossível ouvir qualquer coisa. Eu comecei a suar litros no meio daquela panela de pressão, o sal me entrava nos olhos deformando tudo. De repente, bem claro, como se viesse do céu, um som picotado e inconfundível que até então eu só conhecia dos filmes de guerra: uma rajada de metralhadora. Por instinto, dei meia-volta e ia sair correndo, mas fui salvo do vexame por uma velhota de xale preto nos ombros, cara soturna de siciliana, que naquele momento me pareceu a própria Morte. Ela me agarrou o braço e disse: Coragem, homem. Sem graça, murmurei: É que eu preciso ir ao banheiro. Sei, respondeu a velha, já está se cagando. Tentei salvar a honra com um riso de desdém, mas

tratei de sair rapidamente de perto da bruxa. De todo modo não fugi, tinha passado o impulso de covardia. Fui caminhando com lentidão estudada para a direita, na direção de um grupo mais denso onde, naquele momento, em cima de um caixote, começava a improvisar um pequeno comício paralelo um sujeito que eu reconheci das fotos dos jornais que lia na casa do meu tio João Mateus: era Edgard Leuenroth, o grande líder anarquista. Fiquei por ali, aplaudindo cada palavra dele como se aplaudisse meu próprio passado. Percebi que pequenos comícios como aquele iam pipocando em outros pontos da praça. E de repente o tiroteio rebentou de vez.

Nunca se soube quem começou. As balas zuniam, corria gente para todo lado, e tome pop-pop-pop. Fui procurar proteção atrás de uma árvore e no caminho vi que a velha com cara de siciliana continuava impassível em seu lugar, plantada lá com seus sapatos pretos: era a única pessoa parada no meio daquele redemoinho de gente, como se fosse o próprio eixo da roda de insanidade em que se transformara a praça da Sé. Vi pessoas caindo, não sei se porque tinham sido alvejadas ou porque tropeçavam mesmo, mas de uma forma ou de outra eram pisadas por quem vinha atrás, e ouvi gritos de dor, uivos de pânico, ordens contraditórias, por aqui, calma, para cima, é agora, socorro! De repente, um garoto camisa-verde mais desorientado cruzou na minha frente e sem pensar eu lhe mandei um murro bem no meio do nariz. Ele caiu de joelhos e começou a chorar feito um bebê, o sangue jorrando. Muito bem, companheiro, senti tapinhas nas costas quando finalmente alcancei a árvore que mantinha na mira. A dor em minha mão era aguda.

Os tiros tinham ficado mais esparsos, o frenesi começou a baixar. Alguém gritou que os galinhas estavam batendo em retirada, e era verdade: a praça da Sé excretava jatos verdes por todos os poros, uma cena linda. Alguns arrancavam a camisa enquanto corriam, tentando se livrar da cor que os denunciava, e essas peças infames eram coletadas por companheiros eufóricos, que as erguiam como troféus, berrando: Vitória! Vitória!

E era a vitória, não tinha dúvida nenhuma. O gozador do barão de Itararé disse depois, sobre a fuga dos galinhas-verdes, que integralista não corre, voa. Houve um caminhão de feridos dos dois lados, meia dúzia de mortos, entre eles um comunista, mas ficou muito claro que a vitória era esmagadora, e era nossa. Saí caminhando pela praça em meio a gente caída, chapéus abandonados, vendo as pessoas que se abraçavam com lágrimas nos olhos, e era como se eu pisasse num tapete de vento. Você já sentiu isso? Como se eu estivesse ali e ao mesmo tempo lendo sobre aquilo em algum livro de história do futuro, um futuro que, por causa daquele domingo, seria um futuro melhor. Essa sensação de estar presente no momento em que a História acontece é bem rara, e frequentemente ilusória, puro autoengano, mas naquele caso não era. A guerra em que eu tinha acabado de tomar parte entrou mesmo para os livros de história, com o nome de Batalha da Praça da Sé. A sensação embriagante de unidade das forças de esquerda é que não durou mais que umas poucas horas: antes que minha mão direita parasse de latejar, cada grupo já tratava de reivindicar para si, como reivindica até hoje, a liderança do processo, o papel determinante na vitória. A gente não aprendia mesmo — nunca aprendeu. Mas de todo modo a unidade existiu por um dia, por meio dia, e muito teórico de respeito disse depois que foi bem naquele momento que a curva ascendente do integralismo foi detida, que a seta deles passou a apontar para baixo e o Brasil escapou de virar um país fascista. Isso não sei. Pode ser. O que eu sei, e até hoje me enche de adrenalina só de pensar, é que naquele momento, no meio da praça, eu olhei em volta e tive uma iluminação: eu estava dentro do meu país, e meu país dentro do mundo, como bonecas russas. Éramos todos contemporâneos, e o texto da peça teatral que representávamos, mesmo tendo milhões, bilhões de personagens, era um só. Não tinha esse negócio de atraso estrutural, subdesenvolvimento, descompasso entre centro e periferia, ideias fora do lugar, servidão cultural, nada disso. A máquina do mundo era gigantesca, mas monolítica. Terrível mas deslumbrante. Não sei se explico direito.

Nunca mais consegui sentir aquilo, e imagino que poucos brasileiros em sã consciência consigam. No entanto, não era falso.

Aquela noite teve festa no quintal de Enzo. Guarani e os outros camaradas do Rio não foram, precisavam pegar o trem de volta para trabalhar de manhã. Como eu só era esperado no *Jornal do Commercio* na segunda à noite, resolvi dormir em São Paulo, aproveitar a festa e tomar sem culpa o vinho que tinha sido aconselhado a economizar no almoço. A mulher de Enzo consultou o marido e disse que eu podia passar a noite no quartinho que eles tinham no quintal, na verdade uma despensa com telhado de zinco atulhada de trecos, ferramentas, carrinho de mão, sacos de mantimentos. Era apertado, poeirento, desconfortável, mas se eu não fosse exigente demais… Eu não era exigente demais. A excitação de um dia heroico ainda queimava em todos os olhares, rostos afogueados, risos ferozes, uma alegria doida. Comemos a sobra do almoço, bebemos o que havia sobrado nos mesmos garrafões, mas o desfile de Francesca e Gina entre os comensais, enchendo copos vazios, aos pulinhos, era ainda mais gracioso do que tinha sido aquela manhã. Apareceu um acordeom, houve dança e cantoria até tarde:

*Una mattina mi son svegliato,*
*o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!*
*Una mattina mi son svegliato*
*e ho trovato l'invasor!*

Fui dormir em minha cama improvisada de sacos de aniagem depois da meia-noite, quando o último convidado se despediu.

Acordei com alguém em cima de mim. A escuridão era completa. Shhhh, senti um hálito de mulher em meu rosto. Uma língua em minha boca. Dedos hábeis me desabotoando a camisa. Dentes em meu peito. Lábios em minha barriga. A hipótese do sonho não podia ser descartada, mas foi ficando cada vez mais improvável. Meus olhos se habituaram à obscuridade e reconheci Gina. Pensei em lhe contar que eu era virgem,

que desculpasse, por favor, minha falta de jeito. Mas não disse nada. De cócoras, ela tirou a camisola pela cabeça num único movimento e se acoplou a mim de uma sentada, com uma naturalidade de pasmar. Como se já tivéssemos feito aquilo um milhão de vezes.

Antes de ir embora, Gina colou a boca em meu ouvido e disse baixinho, com firmeza: Isso nunca aconteceu, entendeu? Nunca aconteceu. Só então, em meu estupor, compreendi que não seria obrigado a me casar e mudar para São Paulo.

Fiquei deitado ali, seminu, olhos estatelados no escuro, sem conseguir dormir. O coração batia forte, e ao mesmo tempo que eu tinha vontade de rir feito um doido, sair pelo quintal aos pinotes gritando para a vizinhança que sim, aquele lugar era mesmo o paraíso, havia um outro lado de mim que respirava entrecortado e tremia de medo, pensando no que Enzo faria comigo se soubesse. Morte rápida e misericordiosa? Mutilação e agonia lenta? Enquanto eu tentava decidir por qual das alternativas se inclinaria o italiano mal-encarado de bigode stalinista, a porta da despensa se abriu outra vez, revelando um vulto negro contra o azul-escuro da noite. Gelei. Enzo? Um shhhh me fez derreter de alívio. Sussurrei: Gina.

Era Francesca.

Xerxes disse aquilo e ficou olhando fixamente para Molina por trás da fumaça de seu charuto, com uma expressão que misturava desafio, zombaria, curiosidade, orgulho. Narinas dilatadas, acariciava a bengala de modo obsceno com a mão livre, como se a masturbasse com requintes de massagem no castão. Molina não sabia o que dizer. Era boa demais, romanesca demais aquela história de perder a virgindade com duas deusas italianas na mesma noite — uma Sophia Loren e uma Gina Lollobrigida. Ocorreu-lhe que na época aquelas atrizes ainda seriam crianças, se é que já tinham nascido. O velho estaria inventando? Por um instante de vertigem, empanturrado de vodca e fumo, achou que Xerxes fantasiava não apenas Gina e Francesca, mas tudo. Tudo o que lhe contava — uma

longa, interminável mentira feita de mentiras menores encadeadas. Mas por quê?

A ideia era um abismo preto e sem fundo. Tratou de se afastar.

Uau, disse.

O velho soltou um riso breve, parecido com um pigarro.

Uau, pois é. Muito bem dito. A expressividade da sua geração nunca cessa de me surpreender.

Deixou a ironia passar. Por alguma razão, a história começava a parecer menos inverossímil.

O senhor acha que uma sabia da outra?, arriscou.

Foi a pergunta que passei o resto daquela noite me fazendo. Porque, claro, não dormi mais depois daquilo. Com medo de Enzo, me pus de pé com o primeiro galo, noite fechada ainda, e sumi. Eu pensava, não é que o maluco do Luiz estava certo? Não é que o marxismo-leninismo tinha a chave para a tomada da cidadela feminina? E quanto a uma irmã saber ou não saber da outra, sabe qual foi a resposta a que acabei chegando? É claro que uma sabia da outra. A sincronia foi perfeita demais. Dormiam no mesmo quarto, devem ter jogado moedinha para ver quem ia primeiro. Eram cúmplices, o crime compartilhado inviabilizava qualquer delação. E não era a primeira vez que faziam aquilo, o único virgem naquela história era eu. Minha primeira impressão tinha acertado na mosca: a casa de Enzo era, sem dúvida nenhuma, o paraíso na Terra. Na sociedade sem classes pela qual lutávamos, todas as casas haviam de ser assim.

O sorriso de Xerxes era tão beatífico que Molina sentiu uma pontada de inveja. Não tinha uma história como aquela em sua vida. Nem parecida.

Sensacional, falou.

Xerxes abanou a cabeça, concordando. Ficaram naquilo algum tempo, dois machos bestificados pelos eflúvios de mulheres provavelmente mortas, até que o velho disse:

Agora você conhece Gina, entende por que eu tive de acolhê-la quando ela bateu na minha porta de trouxa na mão, naqueles primeiros dias de 1935, expulsa de casa pelo cara do bigode. Gina nunca me contou

exatamente o que seu pai descobriu ou como, nem eu perguntei. Melhor não saber, agora que para todos os efeitos ela era minha mulher, uma mulher boa e honesta que cozinhava todo dia para mim, me beijava a boca com abandono, me escaldava os pés quando eu me resfriava nas madrugadas frias de trabalho, remendava minhas meias e cuecas e ainda dava um jeito de ganhar uns trocados lavando roupa para fora. Eu não precisava, não queria saber mais nada. Só sei que Francesca foi expulsa de casa junto com ela, e foi procurar um antigo namorado que morava na Barra Funda. Será que também isso elas decidiram na moedinha?

O velho lambeu os beiços flácidos, olhinhos verdes dançando de um lado para o outro de um modo que Molina julgou desagradável, com algo de maníaco, e depôs cuidadosamente seu toco de charuto no cinzeiro de opalina sobre a mesinha de centro. Molina já tinha feito o mesmo com o dele.

Mas tem um detalhe que não contei, prosseguiu Xerxes, encarando-o com uma intensidade nova. Você vai ter que voltar o filme um pouco: imagine que os galinhas-verdes já fugiram e eu ainda estou no meio da praça da Sé, naquele estado de êxtase, olhando em volta como se já procurasse enxergar ali, pendurada no ar, a capitular bordada do livro de história onde aquilo tudo seria escrito. De repente, quem eu vejo?

Não era uma pergunta que esperasse resposta.

Meu irmão. Meu irmão integralista.

Como se essas palavras fossem uma senha, o ar denso de fumaça e memórias da sala de Xerxes explodiu num redemoinho de mil asas. Molina sentiu aquilo com nitidez: como um bando de pássaros invisíveis e silenciosos levantando voo, todos ao mesmo tempo. Aturdido, olhou em volta. Estantes cheias de livros e fotografias, bibelôs azinhavrados nas mesinhas, cinzeiro, tapete persa esfiapado, tudo estava em seu lugar. O que quer que tivesse acabado de acontecer ali — e ele não tinha dúvida de que acontecera alguma coisa — não era um fenômeno do mundo físico.

Hã?, disse.

Você não me perguntou sobre o meu irmão? Então eu falo do meu irmão. Acredite se quiser, nessa época ele era integralista. Só mais tarde, quando eu fui expulso do Partido, ele entrou. Esaú e Jacó, pois é: gêmeos antagonistas, uma história tão velha quanto a humanidade. Não sei se valem um tostão furado as teorias que situam a origem dessa animosidade na disputa de espaço vital dentro do útero. A ideia parece simplista, simplória até, mas por que não? Quem preferir acreditar em vidas passadas pode ir mais longe ainda. Só sei que, para meu irmão se filiar ao PCB, galinha-verde arrependido, eu precisei sair no expurgo trotskista de 1938, o mesmo que expulsou Sacchetta, que Jorge Amado chamou de Saquila em *Os subterrâneos da liberdade*. Mas isso é assunto para outro dia. Por enquanto, basta dizer que eu precisei ser expelido do Partido para o meu irmão entrar. Para você ver a que ponto pode chegar a guerrinha de chutes que dois projetos de gente travam dentro da barriga de uma mulher. Meu irmão não estava usando camisa verde aquele dia, foi sua sorte. Ou sua covardia, não sei. Tentava sair de fininho da praça, chegou a pegar no chão um lenço vermelho deixado para trás e atochar ele no bolso do paletó. Sem pensar no que estava fazendo, corri até ele e me plantei na sua frente. Pedro ficou mais branco que um papel.

Pedro? O nome do seu irmão era Pedro?

Xerxes rebateu a intervenção com um tapa no vazio. Nome, codinome, quem se importa? Como eu ia dizendo, ele ficou lívido. Passamos um tempão em silêncio, um pregado diante do outro, como num espelho. Até nossas roupas eram parecidas. Os chapéus, então, eram idênticos. Nos olhos do meu irmão, além da surpresa de me encontrar ali, eu vi medo. Medo de que eu o denunciasse como integralista para a multidão de esquerda que àquela altura tinha tomado os quatro cantos da praça. Passaram-se minutos, pareceram horas. Até que eu o abracei forte e disse: Some daqui. E ele sumiu.

# 6.

*A prova definitiva da traição de Miranda? Ouvi falar pela primeira vez dessa carta comprometedora, assinada pelo ex-secretário-geral do PCB e endereçada ao chefe da Polícia do Rio, o capitão Filinto Müller, numa entrevista dada em novembro de 1985 pelo jornalista Fernando Morais, autor de* Olga*, à revista* Afinal*. Morais dizia que, infelizmente, aquele atestado incontornável de que Miranda se tornara informante da polícia tinha lhe chegado tarde demais às mãos, quando seu livro, uma reportagem romanceada de grande sucesso sobre a vida trágica de Olga Benário, já estava nas ruas.*

*Só quem já procurou agulha nos palheiros de velhos arquivos pode imaginar minha euforia ao tropeçar nessas duas folhas datilografadas entre os papéis pessoais de Filinto Müller guardados no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Mesmo que o tom e o vocabulário da carta não fossem tão eloquentes, com requintes de sabujice e indignidade, o fato de ser o texto — até onde pude apurar — até hoje inédito em livro já justificaria sua reprodução.*

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1942.

Ilmo. Sr. Major CHEFE DE POLÍCIA FILINTO MÜLLER

Saudações.

Se não fossem casos que, sem serem publicados, caíram no conhecimento do público, não aproveitaria eu o dia natalício de V. Sa. para felicitar-lhe de um modo mais expressivo, e ao

mesmo tempo dirigir-lhe conceitos, que dizem talvez menos do que já é do seu conhecimento sobre minhas atitudes e lutas.

Acompanho e tomo parte na luta que ora se desenvolve; o seu sentido é de importância política histórica, e vai além do mero aspecto de incidente com que possa se revestir; sei quanto V. Sa. luta, com firmeza e tenacidade como raros têm capacidade de o fazer, na mais perigosa trincheira da defesa do Brasil — contra o bolchevismo. … Sou um médico, no caso, que sofri da doença e conheço sua ação devastadora, e os melhores e mais eficazes remédios a aplicar.

Desde 1935, antes mesmo da luta armada, que minha evolução se firmou. Os primeiros a saber disto foram os comunistas, e não os traí. Não preciso dizer a V. Sa. o que tem sido a minha luta depois disto. A minha nunca esquecida companheira morreu no meu lugar; eu escapei para lutar e ajudar os que já lutavam contra o bolchevismo, como é o caso de V. Sa.

Hoje, mais uma vez, o momento é gravíssimo para o Brasil. Os comunistas voltam, ferozes e decididos, para uma partida que sabem decisiva. As forças cada dia se polarizam de cada lado. O presidente Vargas, com V. Sa. e outros, salvaram o Brasil de uma luta como na Espanha, em 1937. Estamos com a mesma ameaça mais agravada com os acontecimentos internacionais. Temos ao nosso lado o que há de melhor no Brasil, mas a passividade será a destruição da pátria. …

Como um dos esteios mais decisivos, um dos ideadores e iniciadores mais responsáveis do fecundo regime do ESTADO NACIONAL, V. Sa. não podia escapar às atuais tramas de confusões e intrigas dos comunistas. Há cérebros que pensam que o bolchevismo mudou de semblante e de sentido, ou não existe mais entre nós, porque a hidra marxista está exibindo uma outra cabeça, com outras capas, signos e métodos. Mas as finalidades marxistas, sob os mais variados nomes, continuam inexoravelmente as mesmas. Para consegui-las, nenhuma vítima parecerá demasiado grande, nenhuma infâmia demasiado horrível para os comunistas.

Anos atrás, diante do despertar do espírito nacionalista com a Revolução de 1930 e para fazer face ao nacionalismo do integralismo, os comunistas se diziam nacional-revolucionários e nacional-libertadores; hoje, se cobrem com o manto da "Democracia".

O marxismo sabe que pode contar sempre com gente colocada em postos de governo que, além da pouca capacidade de pensar, são elementos vaidosos, ou colocando a sua posição pessoal transitória acima dos interesses constantes e duradouros da pátria. Por isso, o marxismo sabe que jamais poderá contar com V. Sa., com o grande presidente Vargas, com o ministro general Gaspar Dutra e outros; luta contra cada um com armas diferentes. Sabem os bolchevistas que, diluindo e deformando o ESTADO NACIONAL, desmoralizando e incompatibilizando os seus melhores esteios, a partida depois será deles, e não daqueles papalvos que se deixaram lograr com ilusões democráticas; aqueles ingênuos não terão nem pensamento político nem organização para enfrentar o Partido Comunista; "os revolucionários somente não poderão fazer a Revolução, e precisamos de aliados", já dizia Lenine. É o plano da IC ou Comintern, que já descrevi para si e para o meu amigo cap. Baptista Teixeira; tal plano atual está em franca execução.

Para esta grande luta, sr. major chefe de polícia, estou ao vosso lado, ao lado do presidente Vargas, do ministro general Gaspar Dutra e de todos os brasileiros que sabem querer, e sabem lutar pelo que querem. A minha vida está, doravante, constantemente dependendo e ligada à luta contra a hidra marxista; nesta luta, reforçado agora pela experiência e convicções maiores, venho dando e darei muito mais do que dei ao lado deles, com toda a decisão e coragem, e penso que não me faltarão apoio e as forças necessárias.

No dia do aniversário de V. Sa., em que está acompanhado das suas melhores relações e demonstrações de apreço e solidariedade, junto estas expressões, para si pessoalmente, que lhe são já conhecidas em extensão e sinceridade, como manifestação da minha solidariedade na luta contra o bolchevismo, fazendo-as seguir também com os meus votos de felicidade para V. Sa. e sua excelentíssima família.

Antonio Maciel do Bonfim

*Minha convicção de ter nas mãos a prova de que o ex-secretário-geral do PCB havia realmente trocado de lado naquela guerra durou até mostrar uma cópia da carta a Sara Becker. Com suas memórias de quase oito décadas de militância comunista preservadas numa cabeça de noventa e três anos que me pareceu mais lúcida que a minha, a viúva do jornalista Murilo Melo me recebeu com gentileza inteiramente gratuita para uma agradável conversa de horas em seu apartamento em São Paulo. A Sara eu devo, além do contato com alguém que conheceu pessoalmente Elza Fernandes, a perspicácia de desmontar a farsa da "carta de Miranda a Filinto".*

*Ela duvidou de saída da carta, assim que a mencionei e antes de pôr os olhos nela. Aquilo me surpreendeu. Ainda hoje uma simpatizante de Josef Stálin, eu esperava vagamente que Sara estivesse pronta a aceitar qualquer prova contra Miranda sem pensar duas vezes, como tinham feito tantos de seus companheiros ao longo da história. Estava enganado. Não havia ódio nenhum a Miranda nas memórias de Sara. Tratava-se, segundo ela, de um homem bom. O fato de ele ter rompido com o Partido lhe parecia uma infelicidade, mas uma reação natural, humana, depois do que haviam feito*

*com Elza, a menina que ele amava. Comecei a achar que eu tinha muito a aprender com Sara.*

*Mas não pensei que chegaria a tanto. Ela terminou a leitura da carta, pontuada por expressões de incredulidade, e ao chegar à assinatura disse: "O nome dele não era Antonio Maciel* do *Bonfim. Não tinha este 'do'". Pasmo, peguei as folhas que ela me devolvia. Era verdade. No pé da segunda folha o nome do autor vinha escrito à máquina e, logo abaixo, assinado com caneta — a única coisa não datilografada da carta. Nos dois casos havia o acréscimo indevido de um "do". Sara sorria do meu pasmo: "Quem erra o próprio nome? A carta é falsa". Acrescentou um conselho sábio: "É preciso ter muito cuidado com os arquivos da polícia".*

*Depois dessa iluminação, foi relativamente fácil montar uma tese que me parece consistente sobre o que poderia ter motivado Filinto Müller a falsificar — ou mandar falsificar — uma carta de Miranda. Naquele momento, 11 de julho de 1942, o chefe da Polícia do Rio de Janeiro lutava com todas as forças por sua sobrevivência política. Uma semana antes, envolvera-se num choque violento com o embaixador Vasco Leitão da Cunha, que ocupava interinamente o Ministério da Justiça. Filinto tinha negado permissão para uma grande passeata pró-Aliados marcada para o dia 4 de julho — o dia da independência americana — no Rio. Leitão da Cunha o desautorizou e deu sinal verde para a manifestação.*

*A briga estava longe de ser trivial. Com a Segunda Guerra Mundial no auge, e sob a prolongada indecisão de Getúlio Vargas, que ora dirigia piscadelas a um lado, ora ao outro, a cúpula do Estado Novo se engajava num cabo de guerra decisivo para o futuro do país. De um lado, a turma do chanceler Oswaldo Aranha, à qual pertencia Leitão da Cunha, puxava o Brasil para o lado dos Aliados; do outro, o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, liderava o grupo dos que queriam ver Vargas de braços*

*dados com Hitler e Mussolini — com os quais, afinal, tinha consideráveis semelhanças de estilo.*

*Na véspera da passeata pró-Aliados, Filinto Müller foi ao gabinete de Leitão da Cunha tomar satisfações. Segundo algumas versões, chegou, transtornado, a puxar uma arma. Acabou perdendo a batalha: no dia 17 — apenas seis depois da carta — foi exonerado por Getúlio Vargas, juntamente com o ministro da Justiça, Francisco Campos, e o chefe do temido Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes. A turminha fascista estava em baixa. Cerca de um mês depois o Brasil declarou guerra ao Eixo.*

*Vale a pena reler a carta "de Miranda" à luz dessa briga de poder — ou disputa pelo coração do ditador brasileiro, como o episódio também pode ser interpretado. O choque entre Filinto e Leitão da Cunha, entre germanistas e americanistas no seio do Estado Novo (*"*casos que, sem serem publicados, caíram no conhecimento do público", "luta que ora se desenvolve"*), *é o pretexto para que o missivista, com sua suposta autoridade de ex-comunista, denuncie como colaboradores voluntários ou involuntários da "hidra marxista" aquela "gente colocada em postos de governo", os "papalvos que se deixaram lograr com ilusões democráticas", ao mesmo tempo que bajula Filinto como "um dos esteios mais decisivos, um dos ideadores e iniciadores mais responsáveis do fecundo regime", ao lado, justamente, de Vargas e Dutra — um trio batuta com o qual "o marxismo sabe que jamais poderá contar".*

*Conveniente demais, eloquente demais, oportuna demais e elogiosa demais a seu destinatário, a "carta de Miranda a Filinto" tem todas as marcas de uma peça encomendada. Ainda assim, restaria a possibilidade de ter sido escrita sob medida por um Miranda inteiramente servil ao chefe de polícia que mandara torturá-lo, não fosse o deslize grosseiro da assinatura errada que Sara flagrou. Não encontrei registro de nenhum*

*outro documento em que Antonio Maciel Bonfim tenha assinado seu nome daquele jeito.*

*De certa forma, é uma pena que a carta não se sustente. Talvez fosse a última esperança de dar alguma solidez a um terreno que agora parece pantanoso para sempre.*

*Depois desse episódio, Filinto Müller nunca mais recuperou as boas graças de Getúlio Vargas, que obviamente não via nele o "esteio" do Estado Novo apregoado por aquele "Antônio Maciel* do *Bonfim". Mesmo sem o apoio do ditador, porém, o ex-chefe da Polícia do Rio de Janeiro seguiu carreira política com base eleitoral no Mato Grosso, sua terra natal, e três vezes se elegeu senador. Para um homem que ganhou da esquerda o título infame de Patrono dos Torturadores do Brasil, saiu-se bastante bem. Morreu em julho de 1973 — no famoso acidente aéreo de Orly que matou também o cantor Agostinho dos Santos e a socialite Regina Lecléry — como um autêntico medalhão machadiano: era presidente do Congresso Nacional e da Arena, o partido da situação na ditadura militar. O colunista político Carlos Castello Branco concedeu-lhe um necrológio mais que respeitoso no* Jornal do Brasil*, chamando-o de "homem cordial, severo de maneiras, mas afetuoso no trato, anfitrião carinhoso…". Contudo, bom jornalista que era, fez a ressalva: "Quanto ao grau da sua responsabilidade nos crimes praticados nos subterrâneos da ditadura de 1937, isso é um segredo sepultado entre os destroços do Boeing que caiu nas vizinhanças de Paris…".*

*O grau do comprometimento de Miranda com a polícia foi outro segredo que morreu com Filinto. Ao contrário deste, o ex-dirigente do PCB caiu na mais completa obscuridade depois daquele ano de 1942. Saiu da cadeia com a saúde abalada — perdera um rim de tanto apanhar — e com dificuldades para trabalhar. O jornalista Edmundo Moniz, hoje morto, contou à historiadora Marly Vianna ter ajudado Miranda, arranjando-lhe*

*emprego como revisor de um jornal carioca. Consta que o "viúvo" de Elza não demorou a voltar para a Bahia, onde teria morrido cedo. Ninguém soube me dizer exatamente onde ou quando. É como se, em vez de morrer propriamente, Miranda tivesse virado um fantasma pouco a pouco.*

*Um final inteiramente inadequado para quem tantos afirmam ter sido o traíra-real, o filho da puta número 0001 etc. Será concebível que fosse tão estúpido a ponto de se vender por… nada?*

*Naquela que é possivelmente a última aparição de Miranda, vamos encontrá-lo fazendo uma ponta na entrevista-maratona que Carlos Lacerda concedeu a um grupo de repórteres do* Jornal da Tarde *ao longo de cinco dias de 1977, cerca de um mês antes de morrer, e que depois foi transformada no livro* Depoimento. *Miranda entra em cena apresentando-se a Lacerda durante um almoço festivo no Clube Ginástico Português, no Rio. O depoente não cita a data, mas lembra que ainda era colunista do* Correio da Manhã *— o que situa o fato antes de 1949, ano em que fundou seu próprio jornal, a* Tribuna da Imprensa. *O almoço lhe era oferecido por um "sindicato de fabricantes ou vendedores de material de construção", recorda Lacerda com certa imprecisão. Depois de "uns quarenta discursos" à mesa farta de vinho e bacalhau, aquele homem "magro e envelhecido" se pôs de pé e disse: "O nosso convidado não está me reconhecendo, mas ele vai se lembrar já de mim; meu nome é Antônio Maciel Bonfim". E prosseguiu: "Eu quero informá-lo de que hoje sou católico apostólico romano e, como sabe, sou considerado traidor pelo Partido Comunista, que matou minha companheira. Sou funcionário do sindicato".*

*Lacerda, um expoente da direita que na juventude também fora expulso do Partido, acrescenta então que, num recente (em 1977) encontro social, o assunto de Miranda viera à tona:*

Para vocês terem uma ideia de como é importante a história contada e não apenas lida, … em dado momento, uma das moças presentes, para ser mais exato uma menina encantadora, simpática, que trabalha na Fundação Getúlio Vargas no que se chama "memória nacional" — aqueles arquivos que eles estão fazendo da história do Brasil —, virou-se para mim e disse: "E o Miranda? A versão que nos contaram na Universidade Católica é que o Miranda traiu o Partido Comunista em troca do cargo de bibliotecário da polícia".

"Olha, menina, entre outras coisas, há uma forma muito simples de provar que isso é mentira: é que, em primeiro lugar, a polícia nunca teve biblioteca; em segundo lugar, um sujeito não trai uma vida inteira de idealismos, enfim de coisas com as quais ele não lucra nada senão prisões, espancamentos, sofrimentos e o diabo, por um emprego de bibliotecário da polícia. Se ele traísse, seria por coisa melhor." Então é um detalhe, mas é um detalhe importante. Como é que se deforma toda uma história. Toda uma história que só é válida se for contada com todos os seus valores, negativos e positivos.

Aos olhos de Molina, o monumento era uma aberração, uma monstruosidade. Um busto com elefantíase, um abscesso prestes a estourar na cara da praça, um longo peido altissonante num jantar de gala. Parecia-lhe que o busto de Getúlio Vargas contrastava com as alvas linhas elegantes do Hotel Glória, seu vizinho ilustre, como um cagalhão negro-esverdeado num vaso de fina porcelana. As três toneladas de bronze eram um pesadelo, uma abominação, uma anti-homenagem, um escárnio. Não era para aquilo estar ali. Hiperdimensionado sob todos os aspectos, sobretudo em relação às árvores e aos canteiros que o constrangiam, o busto que deveria anunciar ao passante a presença subterrânea do Memorial Vargas, convidando-o a entrar, funcionava ao contrário: era um espantalho, algo que o olhar, depois de surpreendido a primeira vez, aprendia a evitar a todo preço. Melhor lamber qualquer outra coisa, pensava o olhar, uma lata de lixo, um cachorro sarnento, uma ferida purulenta na perna do mendigo que dormia sob a passarela do Aterro ali em frente: tudo menos aquilo. Nas manhãs em que acordava de bom humor, Molina conseguia ver graça naquela iniquidade, pensando que era como se Vargas tentasse compensar na posteridade sua figura física diminuta — e bunduda, como observou Antônio Carlos Villaça. Mas não era sempre que estava com espírito tão benevolente. Nos dias ruins, o busto

em frente à casa de Camila era para Molina o emblema definitivo de todas as desproporções, aleijões e fealdades que a intervenção humana tinha infligido à paisagem natural daquela que um dia fora a mais bela cidade do mundo.

Quando acordou, aquela manhã, Camila já tinha saído para a faculdade. Laura também não estava em parte alguma. Na cozinha, encontrou Luz só de calcinha e camiseta, comendo sucrilhos em pé.

Bom dia, Mô.

Perturbou-se. Era a primeira vez que sua cunhada o chamava assim. Deu-lhe as costas, mastigando bom-dia, mas tão baixo que talvez ela nem tivesse ouvido.

Saiu do apartamento apressado, em jejum, perseguido pela visão das coxas adolescentes de Luz. Eram sensacionais. Desceu no elevador de porta pantográfica que lhe lembrava *O bebê de Rosemary*, e uma vez na rua, ofuscado pelo sol, cruzou a pista até a praça e saiu andando em direção ao busto de Vargas com passos de autômato, como quem cede à atração perversa de um abismo. De perto, a coisa era ainda mais assustadora. Um cachorro que mijava em sua base revestida de mármore, um bloco maciço de três metros de altura, olhou para Molina e decidiu ignorá-lo. Terminou o que estava fazendo, depois saiu tranquilamente na direção da Rádio Globo. Molina ficou sozinho, só ele e o monumento ao velho ditador. Ocorreu-lhe então que, sem a loucura de Prestes, de Miranda, da Internacional Comunista, aquele busto não existiria. Em condições normais, Getúlio não teria durado muito. Agarrou com as duas mãos a oportunidade que os revoltosos de 1935 lhe deram, a de galvanizar a opinião pública contra o *perigo vermelho*. Claro que funcionou — quando já se viu a população brasileira ficar indiferente a uma boa patriotada? Poucos meses depois do fracasso do levante na Praia Vermelha e na Escola de Aviação, a capital do país ainda vivia sob estado de sítio e em clima de terror. Os principais líderes da revolta estavam presos, o Cavaleiro da Esperança à frente deles. Sua mulher, a judia alemã Olga

Benário, logo seria entregue numa bandeja, grávida, à Gestapo. Uma história triste, tristíssima. Por que, então, mergulhar nela lhe dava tanto prazer?

Depois de um café preto com misto-quente no botequim mais próximo, caminhou até a Biblioteca Nacional. Era uma esticada de dez minutos entre canteiros arborizados, à sombra da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, de um lado, e do Museu de Arte Moderna, do outro. Seria uma caminhada aprazível como poucas no mundo se não atravessasse pistas de alta velocidade onde trafegavam veículos dotados de imensos para-choques e desprovidos de respeito por sinais, territórios ocupados por matilhas de mendigos de olhos lacrimejantes, terrenos minados de excrementos humanos, caninos, felinos e columbinos, buracos fundos, bueiros transbordantes, lixo por toda parte. A paisagem logo mudava: em torno do Passeio Público surgiam aqueles desfiladeiros povoados por cáfilas de camelôs com suas lonas e banquinhas de onde escorriam produtos Abibas, Sonya, DoLuren, Panafonic, Tosheeba, Naike, Ivo São Lourenço, Shanel, S'Puma, ReyBon, Padra, Gutchi — mercadorias de um outro mundo, dimensão capitalista paralela, dentro do espelho.

Molina fez o caminho de volta no início da noite, depois de alguns chopes aguados no Amarelinho. Ia distraído com as memórias mal digeridas de suas leituras do dia, mas percebeu que nessa hora a caminhada ficava ainda mais deprimente: quando as luzes frias dos postes eram acesas, as matilhas de mendigos se transformavam em farândolas de travestis e a prudência recomendava trocar o caminho da orla pelo de dentro, entre os prédios carcomidos da rua da Lapa, um trajeto mais sujo e feio, sem MAM, o Outeiro tardando a aparecer, mas também mais movimentado e claro. E apesar de todas as mazelas da sua cidade agonizante, que até então nunca deixavam de deprimi-lo, Molina foi e voltou leve, um homem de olhar brilhante e passos otimistas, como há muito não se sentia.

Perceber que a Biblioteca Nacional distava da casa de Camila aproximadamente o mesmo que o apartamento de Xerxes, apenas no

sentido oposto, também foi uma fonte de prazer. Gostou daquela simetria, que parecia obedecer a algum desígnio superior ao desenhar para seus passos um raio de caminhadas reconciliadoras com a cidade.

Por sete semanas, Molina se encontrou regularmente com Xerxes no apartamento do Flamengo, sempre à tarde, segundas, quartas e sextas. A duração das entrevistas — ou dos monólogos, como Laura tinha feito questão de destacar — variava entre o mínimo de duas e o máximo de seis horas praticamente ininterruptas. O ritmo de trabalho era ditado pela disposição oscilante do velho. Em alguns desses encontros, Molina não viu Maria. Em seu lugar, cuidava de Xerxes uma enfermeira profissional, vestida de branco dos sapatos à touca, chamada Katharina. Era uma mulher alta e forte, uma loura de idade incerta e traços bonitos, embora exageradamente retos, que jamais sorria e só chamava Xerxes de doutor. Discreta, passava a maior parte do tempo recolhida num dos quartos, distante do falatório que seu paciente despejava na sala de estar. Jamais lhe pedia que repousasse. Molina achou isso surpreendente, pois às vezes ele mesmo, que não estava ali para cuidar da saúde de Xerxes, se alarmava com a energia que o velho investia na reconstrução do passado. Era um espetáculo admirável, mas um pouco assustador. Teso em sua bergère, bengala sobre os joelhos, o homem jorrava um fluxo contínuo de palavras, atirando-se à tarefa com disciplina e abandono. Como se não houvesse futuro, pensava Molina. Só mais tarde se deu conta de que, para Xerxes, não havia mesmo. Sua tática era deixar o velho falar, fazendo um mínimo de perguntas e apartes. Num caderninho escolar que mantinha aberto no colo anotava com esferográfica, sob a data, os tópicos da conversa e de vez em quando uma observação mais completa feita pelo próprio Xerxes ou que lhe ocorresse como comentário à fala do homem. Lidas depois, essas listas de palavras em caligrafia lamentável pareciam a algaravia de um louco. Uma delas dizia: *Quarta, 14/5, Comintern, congresso, delírio, espiões que saíram do frio, X: comédia de erros, conspiração ou*

*piquenique?*, *Lampião revolucionário*, *hahaha*. Mesmo assim, confiava naqueles arabescos para orientá-lo no oceano de gravações digitais que estava acumulando.

Katharina interrompia o trabalho de vez em quando, mas apenas pelo tempo necessário para medir a pressão ou a temperatura de seu paciente, fazê-lo engolir comprimidos, aplicar injeções. Molina não sabia exatamente o que havia de errado com Xerxes. No dia em que lhe perguntou, o velho riu e disse que, aos noventa e quatro anos, seria mais fácil e menos demorado responder o que *não* havia de errado com ele. A velhice é um massacre, filho, sentenciou. Qualquer que fosse seu quadro clínico, não era grave a ponto de impedi-lo de fumar um Cohiba todo início de noite e, quando parecia especialmente satisfeito com o trabalho do dia, encomendar a Maria novas edições de sua refeição russa. Molina se tranquilizava com esses excessos, imaginando que não podia ser tão precário o estado de saúde de quem, naquela idade, se esbaldava assim. Até o dia em que viu a própria Katharina atender a um pedido de Xerxes e lhe servir uma dose de vodca. O absurdo da cena, a enfermeira estendendo o copinho gelado com o mesmo ar de severidade profissional com que ministrava remédios, deixou Molina estarrecido. A partir daquele momento, passou a ver o que até então interpretara como prova da saúde do velho pelo lado avesso: o do desregramento que, perdida a última esperança, a compaixão concede a quem tem os dias contados.

Nem sempre Xerxes mantinha o foco da conversa no que constituía o centro de suas preocupações de narrador: os acontecimentos que conduziram à insurreição de 1935 e sua participação neles. Havia dias em que a prosa do homem tergiversava, se perdia em caminhos bifurcados, becos sem saída, e Molina nada fazia para trazê-la de volta à estrada principal. Pelo contrário, gostava daquilo: a dispersão humanizava o velho, como se arranhasse o bronze da estátua de ar solene — A História Encarnada — que Molina tinha erigido para ele em sua cabeça. Uma tarde, fez um comentário despretensioso sobre certa atriz de TV que, a

caminho dali, tinha visto na rua, e que ao natural lhe parecera menos bonita, e Xerxes comentou que já não se faziam atores como antigamente. Terminou falando por quase uma hora do teatro carioca dos anos 30 e 40, Procópio Ferreira e Oscarito, Dulcina de Morais e Eva Todor, com uma intimidade que surpreendeu Molina. Era a primeira vez que o homem revelava seu gosto pelo teatro, passatempo de uma classe média metida a esnobe — pequena burguesia de nariz em pé, como talvez ele mesmo dissesse — que não era sua turma. Quando Molina manifestou espanto, o velho ficou constrangido como se tivesse sido flagrado numa fraqueza.

Quem andava metido com teatro, disse, era o Pedro, eu não. Tinha talento o meu irmão, sabia? Até hoje você pode ver, se tiver curiosidade, uma atuação dele como papagaio de pirata de Carmen Miranda num filme chamado *A voz do Carnaval*. Ele me contou que tinha duas ou três falas, pena que foram todas cortadas na sala de montagem. O Pedro entra mudo e sai calado, mas, e Xerxes começou a rir, que bela expressão corporal! Foi a militância política que atrapalhou a carreira dele. Chegou a trabalhar com Ziembinski em *Vestido de noiva*, mas nessa época, início dos anos 40, andava mais envolvido do que nunca com o Partido. Sempre dava prioridade às reuniões de sua célula, não perdia um ponto, como não podia perder mesmo. O resultado é que às vezes chegava atrasado aos ensaios, em outros nem aparecia. Acabou brigando com a bicha polonesa e se desligou da companhia um mês antes da estreia. Foi triste: hoje ele estaria imortalizado na história das artes cênicas nacionais.

Molina, que nunca tinha visto Xerxes falar do irmão com tanta afeição, anotou em seu caderninho: *Pedro ator, irmão orgulhoso, Esaú e Jacó???* Talvez menos do que o velho dera a entender de início.

Perto do fim de maio, a quinta semana de entrevistas com Xerxes pelo meio, Camila anunciou que ia passar uns dias em Caxias do Sul, onde a Cobra, paulista, fora se refugiar, na década de 1930, das perseguições que sofria da família e da polícia por suas ideias sexualmente subversivas.

Pena que você não possa vir comigo, Mô.

Jantavam no Luigi's pela segunda vez na mesma semana. Apanhado de surpresa, Molina depôs os talheres no prato.

E as aulas?

Aulas?, ela riu. Quem liga para isso? É só uma semana, uma semana e pouco. Já te contei que em Caxias a Cobra abriu um cabaré chamado Royal e adotou o nome de Suzy? Não é típico?

O que é típico?

Típico, repetiu Camila, uma sombra de irritação na voz. A sociedade patriarcal forçou a coitada a cair no estereótipo da puta. Não havia lugar para o meio-termo que ela buscava, a verdadeira autonomia feminina. Ou era santa ou era puta. A Cobra, claro, preferiu virar puta. Ela sempre falou das putas com piedade, mas com muita compreensão também.

Mas ela virou mesmo?

Sei lá. Ou quase isso, uma administradora de putas. Pretendo descobrir mais em Caxias.

Molina sabia que devia se alegrar com a notícia, aquele anúncio de que Camila, a menina mais séria de sua geração, ia perseguir até os confins do Brasil a paixão pela feminista maluca que escolhera como tema de sua monografia. Mas não conseguiu se alegrar. Parecia-lhe injusto que sua namorada se ausentasse justamente agora, quando tanto precisava dela. Pensou nas noites em que dormiria no apartamento da Praia de Botafogo sozinho, rodando o falatório de Xerxes em giro perpétuo na cabeça sem poder comentá-lo com ninguém. Sentiu-se desamparado e, quanto mais desamparado, mais ridículo.

A consciência de ser mais dependente de Camila do que gostaria de admitir se aliou à vergonha que sentia do próprio egoísmo para estragar sua refeição. Tinha cultivado essa dependência de forma deliberada. Nos primeiros tempos era uma coisa prazerosa, como se fosse o prolongamento natural de sua determinação de queimar todas as pontes com o mundo da mediocridade — com o mundo propriamente dito. A aposta que fizera em si mesmo seis ou sete meses antes, largando uma carreira declinante no

jornalismo para ser um *autor*, um profissional liberal do texto, resultara num fracasso majestoso. Mesmo nos piores momentos, porém, Molina sempre acreditou que nada estaria perdido enquanto aquela menina ficasse ao seu lado, por razões obscuras que iam muito além de seu duvidoso merecimento. Bebendo vinho e revirando no prato os restos de um risoto que já não se animava a comer, concebeu então um pensamento soturno: não havia mais nada, nem ninguém, em lugar nenhum. Estava pendurado no vazio pelo pau.

Minha, minha, minha — como se fosse acionado automaticamente em caso de pânico, o velho mantra começou a ecoar em sua cabeça. Pensando bem, o que era uma semana de ausência? Seu mau humor lhe pareceu comicamente irracional. Para disfarçá-lo disse, atropelando um pouco as palavras:

Excelente, meu amor. Pena eu não poder largar o Xerxes e acompanhar você. Vai estar frio na serra gaúcha, não vai? Já pensou que maravilha que seria dormir embolado, acender lareira? Melhor não pensar. Mas fico imaginando o que você vai conseguir descobrir sobre a Ercília em Caxias depois desse tempo todo.

Camila deu de ombros.

Vai saber. Quem sabe eu encontro um Xerxes colono? No barato, sorriu, olhões pretos faiscando, volto de lá cheia de elementos para escrever um belo exercício de história virtual.

Você vai querer sobremesa?, disse Molina. Divide comigo um creme *brûlée*?

Na hora, distraído com sua saudade antecipada e com o constrangimento de descobrir que aquilo o afetava tanto, não atentou para o que Camila dissera com uma displicência que mais tarde, quando se lembrasse da cena, ele acharia estudada: história virtual. Como assim, história virtual? Não era um acidente, uma expressão improvisada. Era um conceito. Mas isso ele só soube quando estava prestes a pegar no sono na

cama da namorada, a luz azul do aquário de Zeb infundindo no quarto uma atmosfera de sonho, e ela sussurrou:

Mô.

Abriu uma fresta de dois milímetros entre as pálpebras. Camila estava de bruços, apoiada nos cotovelos, encarando a cabeceira. Parecia mais acesa que o aquário, muito distante do sono.

Estou fazendo um curso extracurricular com um cara que é um gênio. Você conhece ele.

Conheço?

Ele me disse que vocês estudaram juntos.

Estudamos?

O nome dele é Franco.

Foi assim que Molina se viu, a mil e quinhentos quilômetros de distância de Camila, telefonando um dia para o Zé, que não via há mais de dois meses. O Zé era o único amigo dos velhos tempos que lhe restava, o último a desafiar a máxima misantrópica de que, depois dos trinta anos, fazer novas amizades é impossível e perder as antigas, inevitável. As velhas morrem, tombam, escorrem pelo ralo, e em seu lugar não brotam outras — Molina chamava o fenômeno de calvície emocional. A caminho do encontro marcado com o Zé no Serafim, o botequim de Laranjeiras onde costumavam beber, pegou-se cantarolando na cabeça um velho sucesso do Leo Jaime:

*Você tem amigos à beça*
*e eu só tenho o Zé…*

Amigo desde a faculdade, o Zé era, pensando bem, um cara chato. Tinha dois lados bem marcados, e Molina não se sentia à vontade com nenhum deles. Funcionário público, casado há quinze anos com a Tiz, quatro filhos, filiado de primeira hora e eleitor fundamentalista do Partido

dos Trabalhadores, o Zé era um desses milhões de cidadãos acima de qualquer suspeita que afogam a menor possibilidade de inquietação existencial no poço de caretice em que, cavando um pouco a cada dia, transformam suas vidas. O problema é que o outro lado do Zé não era melhor. Depois de uma dúzia de chopes, o único amigo de Molina começava a virar um sujeito pastoso, cediço, olhos ferozes. Em sua superfície plana surgiam então umas pontas de agressividade e umas reentrâncias de afeto igualmente exageradas. Nessas horas, a maluquice tornava o Zé uma companhia periclitante, absurda, capaz de, em menos de cinco minutos, passar uma cantada grosseira na coroa feia da mesa vizinha, insultar o garçom por causa de um chope mal tirado, cair de joelhos no chão sujo para pedir perdão ao mesmo garçom, desmanchar-se em lágrimas e gritar para Molina, entre soluços: Eu te amo, Molina! Eu amo esse caaaraaa!

Mas isso viria mais tarde. Quando Molina chegou ao botequim azulejado da rua Alice, aquela noite, o Zé ainda se entretinha com seu primeiro chope. Sujeito magro, cara chupada, parecia mais grave que o normal. Tinha manifestado ao telefone reservas ao novo trabalho do amigo, fazendo perguntas previsíveis: escrever sobre Elza Fernandes por quê? A quem interessa contar essa história? Certamente estava pronto para aprofundar o assunto agora, pensou Molina, polir uma meia dúzia de chavões esquerdistas às suas custas, mas não lhe daria tempo. O motivo de ter procurado o Zé era outro. Assim que se viu diante de sua própria tulipa, sem preâmbulo, Molina disse:

Você acredita que o Franco reencarnou?

Apanhado de surpresa, o Zé pareceu atônito por uns instantes, mas logo ajeitou o corpo para rebater. Duas décadas de pingue-pongue tinham deixado os amigos bons nisso.

Na pele de quem desta vez?

De um geniozinho.

Não me diga!

Guru de uma certa história virtual.

Que vem a ser…

Até onde eu entendi, foi o Franco mesmo que inventou a coisa. Picaretagem, claro, mas tem muito historiador jovem, muito estudante de queixo caído em seus cursos. Fila de espera para matrícula e o escambau. A história virtual sustenta que a verossimilhança, e não a verdade, é a prova dos nove dos relatos históricos. Quer dizer, o historiador não só pode como deve, precisa, *tem que* inventar, imaginar, preencher lacunas, assumir alegremente sua porção ficcionista. Só assim seu trabalho vai fazer sentido humano, em vez de ser um relatório frio sobre matérias mortas.

Relatório frio sobre matérias mortas, disse o Zé, é uma boa descrição da vida sexual depois de quinze anos de casamento. Mas essa, aham, teoria não é nova, é? Já não diziam algo parecido em 68?

E quando foi que o Franco fez alguma coisa nova, Zé?

Só então ocorreu a Molina que havia uma espécie de justiça poética ou sentido metalinguístico naquela conversa de história virtual. Quase tudo a respeito de Franco era inventado desde o início. Não pelo próprio Franco, o que o tornaria um farsante absoluto, mas por todos os que o cercavam — artistas e *artistas* do circuito alternativo carioca nos anos 80, quando ele construiu um prestígio fulgurante como escritor, poeta performático, animador de festas, agitador cultural, videomaker e sabe-se lá mais o quê, sem que precisasse ser nada disso. Por que precisaria, se era o cara para quem as menininhas bem-nascidas faziam questão de dar quando queriam parecer descoladas? O conviva sem o qual nenhuma festa de respeito seria completa? Tudo isso teve o incentivo das lacunas providenciais que o próprio Franco espalhara em sua história, acabando por abranger a história quase inteira. Não era um farsante total, era um meio farsante. Poderia se defender perguntando quem não era.

Tinha vindo de Marechal Hermes, isso se sabia — não fora capaz de apagar tão fundo. Mas apagara o suburbano de anedota que havia sido em seu primeiro mês de faculdade de comunicação da UFRJ: encabulado, feio, camisa social de manga curta, sandálias de vovô. Virgem também, claro.

Filho único de uma tristonha família de classe média baixa afundante, o pai um contínuo do Ministério da Fazenda cuja única atividade semelhante ao lazer era botar uma cadeira na calçada e passar os fins de semana tomando cerveja e lendo um faroeste de banca de jornal atrás do outro. Não surpreendia que a mãe, dona de casa, sofresse de depressão crônica.

Curiosamente, foram aqueles livrinhos baratos, que tinham nomes como *Diligência para o inferno* e *Justiça se faz com chumbo*, o trampolim de Franco para a metamorfose que o campus cheio de árvores vetustas da Praia Vermelha viu acontecer. Em alguma coisa tinha que se apoiar, e os faroestes do pai desempenharam esse papel. O resto de suas origens ele obliterou metodicamente, chegou a queimar fotos. Mais tarde, sua fama começando a se espalhar, os espaços vazios seriam preenchidos pelos boatos descabelados de que no caminho de Marechal Hermes para a Zona Sul fizera escala em Londres para ficar amigo de Joe Strummer, passara no Recife para ensinar um jovem Chico Science a tocar triângulo, tomara porrancas épicas com Itamar Assumpção no Lira Paulistana, posara nu para uma agressiva campanha contra a aids que o governo engavetou porque era agressiva demais, enfim, todas as lendas e histórias mal contadas que foram se grudando magicamente no garoto suburbano para transformá-lo em Franco, personagem maior que a vida. Mas tudo começou com *Dez facínoras e uma bala*.

Franco também tinha lido nos fins de semana modorrentos do subúrbio a sua cota de *Desfile de cadáveres*, *Profissão: matar*, *Desfiladeiro fatal*, *Poeira rubra de sangue*. Os livrinhos estavam ali mesmo, depois de lê-los o pai já não lhes dava bola, largava-os em qualquer lugar, na cozinha, no banheiro. Assinavam as capas cartunescas nomes improváveis como Randy Dollars, Rip Comanche e Lucky Barr. O título e o pseudônimo surgiram em sua cabeça ao mesmo tempo: *Dez facínoras e uma bala*, de Frank Franco. Escreveu a história ao longo daquele primeiro mês de sandálias de vovô na Praia Vermelha, arquitetando em segredo a borboleta — no

sentido másculo, se é que ele existia — em que seu estado lagartíssimo haveria de se dissolver. Era um faroeste clássico, com um herói errante, uma linda viúva que tinha seu rancho cobiçado por bandidões diante da complacência de um velho xerife corrupto, um índio bom e todas aquelas Colts vomitando fogo sob o sol de rachar. Um faroeste tão bem amarrado, com pitadas adicionais de ultraviolência e sexo expressionista para melhorar a receita, que a editora, uma espelunca no Estácio, ficou feliz em publicá-lo de graça. Como poderia saber que Frank Franco fizera da história texana um espelho da vida no campus de uma universidade carioca?

A viúva, Mel Beaver, era uma cópia de Melanie, a presidente do centro acadêmico, que uma galera barbuda de certa *tendência* barra-pesada tentava derrubar. O xerife pusilânime tinha a cara do diretor da escola. Funcionários, professores e alunos davam vida a personagens secundários. O índio, Pena Mole, era inspirado em Molina, o melhor amigo do autor na época. E o herói se confundia com o próprio Franco.

> — Mr. Hardon, eu não sei como lhe agradecer — disse Mel Beaver, dando um passo na direção de Frank.
>
> O herói solitário hesitou. Não estava acostumado com mulheres alvas e cheirosas, frescas de banho, tão diferentes das criaturas de pele e olhos endurecidos com quem cruzava feito bicho em suas andanças pelo Velho Oeste, antes de cada um seguir o seu caminho. Olhou fundo nos olhos verdes da viúva como se encarasse seu opositor num duelo ao sol. Nada disse.
>
> — Pelo menos — prosseguiu Mel Beaver, abrindo um sorriso de dentes perfeitos e dando mais um passo — me mostre a arma abençoada que salvou a minha vida e o meu rancho, Mr. Hardon.
>
> — Pode me chamar de Frank.
>
> — Está bem, Frank. É de cano longo?

Foi um furor. Em pouco tempo, os vinte exemplares que Franco adquirira com desconto na editora para distribuir no campus tinham circulado de mão em mão e virado itens de colecionador. As sandálias foram trocadas por um All Star de cano alto, a camisa social por camisetas

dos Ramones, o cabelo cresceu e se arrepiou. Mais tarde viria o brinco de argola. Melanie gostou tanto da homenagem, que fez com o autor aquilo que Mel Beaver fazia com Frank Hardon. Virgindade perdida graças à literatura, Franco virou um monstro que tratava com hostilidade brutal as testemunhas de sua condição pré-pop — Molina e Zé abrindo a fila.

Alguém tinha que desmascarar esse palhaço, disse o Zé, erguendo o copo vazio para pedir mais chope.

Concordou em silêncio. Melhor não contar ao amigo que entre os otários que achavam Franco um gênio estava Camila — minha, minha, minha. Foi então que, congelando a meia altura seu movimento de levar o copo à boca, um pensamento o ofuscou e já não estava mais lá, como o brilho que um peixe deixa na água antes de sumir. Molina passou o resto da noite com a sensação imprecisa de ter recuado meio passo e finalmente enxergado, além da ferradura, um naco da perna daquele cavalo no mural épico. Seria um cavalo baio? Mas tudo se afogou em chope, mais um pouco e o Zé estava fazendo seu número da declaração de amor, e na manhã seguinte Molina já não se lembrava de nada.

# 7.

*A organização chamada Internacional Comunista, ou Comintern, foi fundada em 1919 por Vladimir Lênin, o líder revolucionário russo, com a missão de repetir pelo mundo — o que àquela altura queria dizer a Europa — a experiência socialista de tomada do poder que fora bem-sucedida nas estepes dois anos antes. Além de fiel à velha ideia marxista de vocação internacional da revolução operária, o projeto leninista de exportar a tecnologia bolchevique tentava construir por cima (ou escavar por baixo) das nacionalidades uma rota de fuga que tirasse o país do isolamento em que se encontrava naquele momento, quando as potências europeias o submetiam a um duro bloqueio comercial.*

*Na prática, a Internacional era um braço do Partido Comunista da União Soviética, mas os PCs nacionais que começaram a brotar mundo afora feito cogumelos nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial eram tratados oficialmente como suas "seções". Talvez o moderno modelo de franquia empresarial não seja uma metáfora ruim: os PCs precisavam cumprir uma lista de vinte e uma exigências para serem aceitos na organização, tinham autonomia relativa, prestavam contas, recebiam diretrizes político-ideológicas e de vez em quando até um interventor disfarçado de conselheiro, além de enviarem periodicamente representantes a Moscou para congressos ou temporadas de estudos.*

*A multiplicação dos PCs foi de fato exuberante naqueles anos — o que talvez fosse ocorrer inevitavelmente, em consequência do sucesso da Revolução Russa. Como fomentadora de revoluções, porém, a*

*Internacional Comunista colheu um fiasco atrás do outro: Alemanha, Hungria, Áustria, China. Até o fim, não embarcou em uma única insurreição bem-sucedida.*

*Quando seu criador morreu, o poderoso chefão que o substituiu, Josef Stálin, tratou de minar os poderes da organização, embora só fosse extingui-la em 1943. A própria ideia de internacionalismo ia caindo em desgraça, identificada com o pensamento de Leon Trótski, que de adversário de Stálin dentro do Partido não demorou a se tornar o maior dos expurgados, o bicho-papão da nova ordem, rotulado de vendido, lacaio da burguesia, traidor desprezível da classe operária e outros mimos.*

*A queda de prestígio da Internacional Comunista no cenário soviético se traduz no número de congressos internacionais que ela realizou: um por ano enquanto Lênin viveu, de 1919 a 1923; e apenas dois nas duas décadas seguintes. Seu papel também mudou de natureza à medida que a União Soviética, não mais uma franco-atiradora, ia consolidando laços diplomáticos e comerciais com os Estados que pretendera destruir. Em seus últimos anos de existência, a Internacional era apenas um apêndice — cada vez mais irrelevante — da política externa de Stálin.*

*Em agosto de 1935, o sétimo e último congresso da Internacional Comunista aprovou uma linha de cautela e moderação, baseada em alianças e frentes populares. Aquilo representava uma guinada radical. O congresso anterior da IC, em 1928, tinha banido as alianças como táticas de direita e adotado uma política ultraesquerdista que, ao escalar os social-democratas — ou "social-fascistas", como se dizia — no papel de "inimigos principais" dos comunistas, contribuíra de forma inestimável para a ascensão do nazifascismo na Europa. A mudança vinha tarde. Tarde demais, como logo se veria.*

*Tarde demais não apenas no cenário europeu, em que aquela nova modalidade de extrema direita tinha adquirido um vigor que só a maior*

*guerra de todos os tempos conseguiria conter, mas também, de certa forma, no Brasil. Quando ocorreu a guinada do sétimo congresso, em agosto, o gigante sul-americano já estava resolutamente embicado na contramão dos tempos conciliadores. E o Comintern não só sabia disso, como apoiava a tentativa de tomar o poder pelas armas no país. Por que fez isso, contrariando sua linha oficial? Até que ponto se envolveu ativamente na conspiração liderada por Luiz Carlos Prestes, membro de seu comitê executivo?*

*Em torno dessas questões, os estudiosos sempre se dividiram, numa espécie de Fla x Flu que ainda não chegou ao apito final — vive hoje uma espécie de prorrogação muito esticada — nem tem placar definido. Eudocio Ravines, ex-comunista peruano que lançou um famoso livro de memórias depois de romper com a causa, afirmou com desdém que em 1935 o Brasil foi o "ratinho de laboratório" do Comintern.*

*O pensamento brasileiro sobre a insurreição pode ser dividido em dois lados principais que, se resolvêssemos assassinar a originalidade, poderíamos chamar de "esquerda" e "direita". De um ficam os historiadores que minimizam o papel da Internacional nos acontecimentos de novembro de 1935. A tentativa de golpe seria coisa exclusivamente nossa, o último soluço do mesmo ciclo tenentista que, nascido em 1922 e amadurecido na epopeia da Coluna Prestes, ajudara a conduzir Getúlio Vargas ao poder em 1930. Um movimento, portanto, que só pode ser entendido dentro daquele momento histórico em que a jovem oficialidade nacional, inspirada por ideias positivistas, achava o máximo pegar em armas de poucos em poucos anos para salvar a pátria do jugo de velhas oligarquias.*

*Do outro lado do campo de batalha — e a transformação da metáfora futebolística em bélica talvez seja forçada, mas não muito — se alinham os historiadores que apontam as fartas provas documentais do envolvimento*

*soviético para pintar a Intentona com as cores excitantes de uma intriga internacional. Essa versão reconhece que, embora a propaganda anticomunista do governo Vargas tenha trombeteado à exaustão questões como a do "ouro de Moscou" e tirado o máximo proveito político do envio ao Brasil de agentes internacionais com experiência em sublevações — bem, nada disso era mentira, era?*

*Coincidência ou não, os livros que corporificam de forma mais acabada essas duas visões foram lançados quase ao mesmo tempo na última década do século XX.* Revolucionários de 1935, *publicado em 1992 pela historiadora comunista Marly Vianna, cuida de desidratar ao máximo o papel de Moscou no episódio. Essa linha, que o próprio Prestes defendeu até morrer, aos noventa e dois anos, em 1990, foi por décadas uma segunda natureza para os comunistas. O que era compreensível: como admitir, sem provocar incidentes diplomáticos graves, que o governo soviético tinha um braço oficial destinado a se meter nos assuntos internos de outros países? Impossível. Assim, segundo esse ponto de vista, a Intentona fora apenas uma consequência direta do fato de Vargas ter posto na ilegalidade, em julho daquele ano, o movimento de massas representado pela Aliança Nacional Libertadora, frente ampla que incluía o PCB em posição de destaque e que tinha o próprio Prestes como presidente de honra. Das aspirações "democráticas, anti-imperialistas e antifascistas" da proibida ANL, o levante armado teria se tornado assim a derradeira — e, admite-se, patética e desesperada — válvula de escape.*

*Ignorar a influência de Moscou no episódio ficou mais difícil quando, em 1993, um ano após o lançamento de* Revolucionários de 1935, *chegou ao público* Camaradas, *do jornalista William Waack. Baseado numa extensa documentação inédita consultada pelo então repórter do jornal* O Estado de S. Paulo *nos arquivos da extinta União Soviética, que se abriam*

*pela primeira vez, o livro de Waack conta a mesma história de outro ângulo: uma tragicomédia de erros em escala planetária.*

*Os dois livros me pareceram bons. Cada um com seus pontos fracos: o de Marly Vianna, na insistência em minimizar a dimensão internacional dos acontecimentos de 1935; o de Waack, em certa tendência à ampliação caricatural de traços psicológicos negativos dos envolvidos na conspiração. Mas no geral me pareceram, ambos, trabalhos bem pesquisados, bem argumentados e surdos aos bordões mais toscos martelados ao longo do tempo por esquerda e direita: o de que os revoltosos mataram colegas militares durante o sono, por exemplo; ou o de que na figura de Luiz Carlos Prestes, para usar as memoráveis palavras de Jorge Amado em* O Cavaleiro da Esperança, *"os lados negativos não surgiram nunca".*

*Não se trata de negar a existência de diferenças reais entre os pontos de vista que aqui vão agrupados grosseiramente em dois blocos. Nem de reduzir suas divergências, que são incontáveis, a uma dicotomia simples. De jeito nenhum. Prefiro deixar que as diferenças se enfrentem, as fontes se explicitem, as interpretações se choquem e se anulem ou se enriqueçam, conforme o caso. A bibliografia no final deste volume pode apontar caminhos a quem quiser se aprofundar nessas e noutras questões. Não faltam elementos obscuros na aventura de 1935 para, parafraseando James Joyce, manter os historiadores ocupados por trezentos anos. A maioria nem cabe neste livro. No entanto, quanto mais eu lia sobre o assunto, mais foi me parecendo imprescindível não adotar incondicionalmente nenhum dos pontos de vista em conflito.*

*Acredito que tal decisão nada tenha a ver com "muro". Talvez tenha a ver, isso sim, com a queda do Muro — aquele outro. Porque depois dela seria uma pena não ir além da mera polarização para reconhecer o que, sendo óbvio, pode desagradar a todo mundo: a bisonha insurreição militar*

*de 1935 foi um episódio tardio de tenentismo* sem deixar de ser *um dos projetos do Comintern. Surpresa nenhuma. Acreditar que 1935 só faz sentido quando visto de perfil, ou de frente, ou de cima, é reduzir o debate a pares maniqueístas caducos, relíquias da Guerra Fria: "história burguesa" contra "história partidária", "vendidos" contra "ideólogos", "discurso dos vencedores" contra "falsificação stalinista" — para citar alguns dos termos graciosos com que cada um dos lados passou décadas aquinhoando os adversários.*

*Nessa polarização de Emilinha x Marlene, a inteligência se vê escalada no papel de figurante de um filme antigo com banda sonora fora de sincronia, passando pela eternidade num cinema vazio. O que, se a caduquice ganhar o nome de caduquice e o cinema vazio, filmado, aparecer no filme, pode até ser interessante. Um romance tem dessas vantagens.*

*Luiz Carlos Prestes, jovem gênio militar gaúcho que ganhou fama internacional como líder da mítica Coluna Prestes (1925-7), precursora da Grande Marcha de Mao Tsé-Tung, era no fim dos anos 20 um líder caudilhesco em busca de uma causa. Exilado desde que se internara com a Coluna invicta na Bolívia, teve às vésperas da chamada Revolução de 30 dois encontros secretos com Getúlio Vargas em Porto Alegre. O cientista social Paulo Sérgio Pinheiro considera esse encontro bipartido "o mais fascinante de toda a história da República", e observa que os dois homens — destinados a serem inimigos de morte em 35 e aliados em 45 — "encontram-se para se desencontrarem". O capitão da Coluna recebeu de Vargas trinta mil dólares, em tese para comprar armas e comandar militarmente o movimento que daria fim à República Velha. Nunca fez nada disso, mas não devolveu o dinheiro. Guardou-o para alguma revolução em que levasse fé.*

*Em 1931, Prestes se converteu ao comunismo e, em companhia da mãe e de suas quatro irmãs, mudou-se para a União Soviética. Quatro anos depois, ao desembarcar clandestinamente no Brasil, em abril de 1935, vivia a situação peculiar de ser filiado diretamente à Internacional — de cujo comitê executivo logo se tornaria membro — sem, contudo, pertencer ao PCB, que ainda o encarava com desconfiança. Viajava com um passaporte em nome de Antônio Villar, comerciante português, e em companhia de Olga Benário, agente do serviço secreto do Exército Vermelho encarregada de protegê-lo.*

*Estava na hora de a pequena fortuna que Prestes recebera de Vargas, e que doara à Internacional, começar a voltar ao Brasil. Não demoraria a ganhar o apelido midiático de "ouro de Moscou", embora só fosse de Moscou por tabela.*

*A Prestes e Olga juntaram-se, no Rio, outros agentes enviados pelo Comintern. Os mais graduados eram o alemão Arthur Ewert, mais conhecido como Harry Berger, e o ucraniano Pavel Stuchevski, que durante décadas a historiografia brasileira só chamaria de Leon Jules Vallée, cidadão belga, acreditando em seu disfarce. O primeiro era assessor político de Prestes e o outro, burocrata de carreira, o encarregado das finanças da conspiração. Ambos trouxeram suas mulheres, o que, se considerarmos que Prestes e Olga tinham se apaixonado a caminho do Brasil, tornava o comando do movimento de 35 um animado empreendimento de casais. Aos três pares se somava ainda o que era formado pelo alemão Franz Paul Gruber — um especialista em explosivos chamado na verdade Jonny de Graaf, mas isso também só se saberia décadas depois — e sua estonteante namorada loura, igualmente alemã, a jovem Lena. Além, claro, do casal portenho: Rodolfo Ghioldi, dirigente do PC argentino, e Carmen.*

*Entre os agentes enviados pela Internacional Comunista para ajudar Prestes a derrubar Vargas havia uns poucos solteiros também: o americano Victor Allan Baron, encarregado de montar uma estação clandestina de rádio para a comunicação com Moscou, e o italiano Amleto Locatelli. Mas os casais predominavam tanto que é compreensível, embora não perdoável, que Miranda tenha envolvido Elza até o pescoço em algo que ela, ao contrário das outras caras-metades em questão, não passava sequer perto de compreender. Ele não queria ficar na história daquela conspiração como o homem da vela.*

O ano de 1935 começou muito bem para mim, disse Xerxes, nada indicava que acabaria em desgraça. Foi o primeiro ano da minha vida propriamente adulta. Gina se dedicava a mim e à casa como se eu fosse um príncipe. Ganhei peso, cultivei um bigodão, me deram aumento no *Jornal do Commercio*. Logo decidimos ter um filho, e renovávamos diariamente as, vamos dizer, tentativas nesse sentido. Às vezes três, quatro vezes por dia.

O velho sorriu com orgulho. Molina devolveu distraidamente o sorriso. Sentia-se um tanto alheio à conversa, como se as palavras de Xerxes lhe viessem abafadas do outro lado de uma vidraça. Quase não dormira na noite anterior: uma ou duas horas, não mais, já perto do amanhecer. Pouco antes de ir para a cama, o telefonema de Camila — apressado, vago, a linha cheia de ruídos — o deixara num estado estranho de ansiedade. Quando se deu conta de que o sono não viria tão cedo, tentou driblar a impaciência na frente da TV, assistindo pela milésima vez aos DVDs de *Twilight Zone* comprados alguns anos antes na Amazon. Não funcionou. Alta madrugada, ao pôr de novo a cabeça no travesseiro, fechava os olhos e via o que restara da linda esposa-robô, a cara destruída por um tiro frio, casual, fios escapando.

*Acorda!*, escreveu em seu caderno. Xerxes estava falando de sexo, explicando alguma coisa. Quase sempre com o dia claro, dizia, porque eu trabalhava à noite, madrugada adentro, só acordava para almoçar. Mas as tardes eram nossas. Nessa época eu tinha certeza de que minha mulher me faria esquecer Elza.

Katharina veio lá de dentro com uma seringa enorme e, sem dizer uma palavra, ajoelhou-se ao lado da bergère e começou a aplicar uma injeção amarela no braço esquerdo de Xerxes.

Eu gostava de atacar Gina de surpresa quando ela estava ocupada com panelas na cozinha, o velho foi em frente com perfeita indiferença pela injeção, ou varrendo a casa, lavando roupa no quintal. Ela fingia protestar, me chamava de tarado, no fim morria de rir. Estava sempre pronta. Ganhamos fama de indecentes na vizinhança, mas isso não me incomodava nem um pouco. Nem o fato de Gina não engravidar me incomodava. Estávamos bem assim, eu pensava. Pressa para quê?

Molina olhou para o perfil alemão da enfermeira ajoelhada no tapete persa, pele leitosa riscada de veias azuis, em busca de um sinal de enrubescimento diante da conversa de seu paciente. Não encontrou nenhum. Katharina recolheu a agulha, pressionou uma bolinha de algodão sobre a picada, pôs-se de pé com uma facilidade de atleta e saiu de cena. Mas sua intervenção tinha ajudado Molina a acordar.

Eu ainda não sabia a essa altura, disse Xerxes, que uma outra gestação estava em curso: a gestação da sonhada revolução brasileira. Quase ninguém sabia, aliás, fora a meia dúzia que compunha a cúpula da conspiração. E também, como poderia lembrar alguém mais afeito à visão cínica do mundo, a cúpula do governo Vargas — esta também sabia. Mas aí é outra história. Naquele encontro estranho em que fomos parar na Vista Chinesa, o Miranda tinha soltado umas pistas ao vento, falando em termos grandiloquentes do futuro da causa comunista no Brasil. Um futuro que ele pintava como imediato, concreto, ao alcance da mão. Nosso estado é

pré-revolucionário, me lembro que ele usou esta expressão: estado pré-revolucionário. Mas não me passou pela cabeça que aquilo pudesse ser nada além de papo furado, retórica de dirigente, da mesma família da redenção sangrenta, das milícias operárias, dos burgueses esmagados pelas rodas da História — eu estava meio farto daquele linguajar gongórico e exaltado. Era rotina, normal, mas ai de quem se fiasse nele. Não tinha comício para meia dúzia de gatos-pingados em porta de fábrica que não incluísse uma ou outra fórmula do gênero, às vezes na boca de uns sujeitos pálidos que, evidentemente, desmaiariam se tivessem que matar uma barata. Resumindo, não levei o Miranda a sério. O que, do ponto de vista de hoje, sabemos que era a coisa certa a fazer. O problema é que muita gente levou o Miranda a sério, a começar por Manuilski, que disse um negócio que deve ter sido a glória para o PCB na época. Depois de ouvir a famosa explanação delirante do Miranda, o bambambã da Internacional abriu um sorriso e disse que o nosso Partido mostrava tanta força, estava tão avançado no movimento de massas que era um exemplo a ser seguido pelos comunistas argentinos. Imagine uma coisa dessas: de repente, éramos exemplo para o Partido dos vizinhos, que era mais antigo que o nosso e gozava de tanto respeito que a sede sul-americana do Comintern ficava em Buenos Aires. Declaração espantosa, realmente. A glória. Mas eu disse que na época quase ninguém sabia dos planos para a insurreição? Não, está errado: *até o fim* quase ninguém soube, só os dirigentes mais graduados. É difícil entender o que pretendiam com aquilo. Algum tipo de combustão instantânea das massas, uma vez aceso o pavio? Pode ser. O Prestes se fiou na sua mística junto aos militares, isso é certo. Estava crente que seu nome lendário bastaria para levantar os quartéis país afora. O PCB se fiou sabe-se lá em quê. Parece ter achado que seus informes delirantes, depois de engolidos pelos revolucionários profissionais de Moscou, não eram mais tão delirantes assim. Em busca de afirmação, de mostrar aos mestres que já era crescidinho, o PCB mentia pelos cotovelos, dizia exatamente o que os mestres esperavam ouvir. E quando essas mentiras voltavam na forma de

um plano de ação, era como se virassem verdade. Doideira. Uma coisa alimentava a outra, tem um estudioso brasileiro importante que diz isso. Me ajude, filho, quem foi mesmo?

Molina levou um susto. Quem foi que disse o quê? Xerxes aguardava, olhos pregados nele. Parecia, parecia não, era um teste. Mais um teste, e logo num dia em que ele dormira tão mal. Foi o, foi o, disse, rabiscando disritmicamente em seu caderninho. Os nomes dos autores de todos os livros em que andava metido até o queixo dançavam em sua cabeça — Hélio Dulles Pinheiro Werneck Sodré Silva Vinhas Dainis Caballero… Sentiu toda a angústia do personagem de Burgess Meredith em seu episódio preferido de *Twilight Zone*, o sobrevivente solitário de uma guerra nuclear que tem todo o tempo do mundo para ler os livros com que sempre sonhou, mas de repente deixa seus óculos fundo de garrafa caírem no chão e ouve as lentes se espatifarem.

Quando se cansou de esperar, Xerxes disse:

Acho que foi o Paulo Sérgio Pinheiro.

Também acho, concordou Molina, sentindo-se abjeto.

Enfim, não importa, mas acho que foi o Pinheiro quem disse que o centro do comunismo mundial se empolgava com uma versão de segunda mão das suas próprias ideias. Circuito fechado, entende? E tenho quase certeza que é da professora Marly uma definição famosa do ambiente em que se moviam os conspiradores: mundo demencial. É interessante você reparar, filho, como uma história tão controversa, que até hoje faz os acadêmicos saírem no tapa, tem pelo menos um ponto em que todo mundo concorda: aquilo foi a mais deslavada maluquice. Até o Prestes, depois de velho, reconheceu isso de certa forma. A sinceridade da autocrítica nunca foi o forte dele, mas, lembrando a Intentona, o Prestes punha a culpa de todos os fiascos no pobre do Miranda, e o máximo de defesa que conseguia fazer do movimento era dizer que ele foi… honesto. Não é engraçado? Um movimento *honesto*. Nunca teve chance real de vitória, ficou restrito a três ou quatro quartéis, foi ignorado pelo povo,

fortaleceu Vargas, abriu caminho para a ditadura do Estado Novo, levou milhares de pessoas à cadeia, encheu as câmaras de tortura, esfacelou o Partido, deu à direita um estoque de lendas e bichos-papões para durar até o fim do século. Mas, ah, foi de uma honestidade a toda prova!

O olhar de Xerxes era bravio. Molina ainda se martirizava por ter ido tão mal no teste.

A primeira pista desse mundo demencial eu encontrei por acaso. Em maio de 1935, esbarrei numa sinuca da praça Tiradentes com o Josias, marítimo boa-praça, um mulato baiano forte feito um cavalo, mas com cara e jeito de criação. Sujeito muito bom, muito decente. Além de companheiro era meu amigo, amigo de frequentar junto as rodas de samba da Saúde. Fazia uns dois meses que eu não via o Josias, então perguntei por onde ele tinha andado. No começo não queria dizer, precisei pagar meia dúzia de cervejas para ele abrir o jogo. O Josias me contou então ao pé do ouvido que tinha sido enviado pelo Partido para fazer contato com Lampião, o grande líder revolucionário do campesinato do Nordeste. Parece que escolheram ele por ser baiano, alguém achou que seria mais fácil para um baiano se entender com o Lampião do que para um, vamos dizer, maranhense. Nunca entendi isso direito. Virgulino Ferreira era pernambucano, e pernambucano não havia nenhum à mão no Rio. E o enviado tinha que sair daqui, a missão era importante demais para ser delegada. Enfim, lá se foi o Josias, que nessa época alguns conheciam como Hélio, todo importante, ao encontro da maior lenda do cangaço brasileiro. Na bagagem, além de uma muda de roupa, ia uma pasta de couro estufada de panfletos sobre a Revolução de 1917, a Internacional, o PCB, a luta dos camponeses em todo o mundo, a guerrilha no campo, a formação posterior de sovietes, enfim, um curso básico de marxismo-leninismo para cangaceiros. Não demorou para o Josias conseguir contato com Lampião por meio de um fazendeiro simpatizante, tio de alguém, não me lembro direito. Aquele negócio: deixou recado, um dia veio a resposta. Para sua surpresa, era positiva. Se encontrariam naquela fazenda mesmo, Lampião marcava dia e hora.

O Josias me contou que no dia marcado fazia um solaço de derreter estátua do Lênin. A piadinha ficou sem graça depois que as estátuas do Lênin derreteram de verdade, mas na época era boa. E lá estava o meu amigo em pé na beira de um capão onde lhe disseram que o capitão ia aparecer. Dois capangas que o fazendeiro amigo tinha emprestado estavam acocorados à sua volta, um de cada lado, cada um segurando no colo uma espécie de clavinote. Josias ficou o tempo todo em pé, suando em jorros, sentindo seu próprio fedor. Aquilo era futum de suor, sim, mas era mais do que isso. Medo? Um emissário do Lampião apareceu primeiro. Era um sujeito atarracado, pele grossa, cabeludo. Absolutamente assustador, pelo menos foi o que o Josias achou, e o Josias não era nenhum maricas. De cima do cavalo, o homem confabulou com os capangas silenciosos. Bom, confabular é modo de dizer. O cangaceiro grunhiu. Os capangas mal mexeram a cabeça. O cangaceiro cuspiu de lado. Um dos capangas cuspiu de lado. O outro capanga cuspiu pra frente. O Josias tentou cuspir, mas estava seco.

O cangaceiro encarou o homem da cidade, que a essa altura já se sentia absurdo com seus sapatos urbanos, uns calçados de operário pretos e sensatos, mas urbanos, ridículos. Ficou um tempão olhando para o Josias, o Josias sustentando o olhar. Até que meu amigo não aguentou mais aquilo e disse, tentando imprimir à voz uma nota de confiança jovial: Bom dia, companheiro! O cangaceiro caiu na risada, um riso longo, escarninho. De repente assoviou entre os dentes mais alto que uma araponga, e o Josias não pôde evitar de se encolher um pouco. Apertou a pasta contra o peito, buscando forças no espírito revolucionário ali consubstanciado.

O bando veio ululando de lugar nenhum, de repente estavam em cima dele uns vinte cangaceiros montados em vinte cavalos. O Josias me disse que não viu nenhuma mulher, a famosa Maria Bonita não tinha comparecido. Quem é o comunista?, brotou do meio do bando a voz agradável e clara. Era Lampião.

Me contou o Josias que, depois de apear, Lampião veio apertar sua mão, um aperto firme, e o puxou de lado. Confabularam por uns minutos em

pé, ou melhor, só o Josias falava. Falava sem parar, de puro nervoso, explicando a proposta de aliança entre comunismo e cangaço com aquele monte de jargões da época. Abriu a pasta de couro e foi tirando papéis mimeografados enquanto falava em inimigo de classe, feudalismo, latifúndio, o diabo no redemunho. O capitão Virgulino só ouvindo, sorrisinho colado na cara. Quando o Josias parou de falar, Lampião olhou bem nos olhos dele e disse: Está vendo aqueles cabras ali?, e apontou seu bando, que tinha apeado e feito um círculo em volta dos dois capangas da fazenda. Estão doidinhos para degolar vosmecê. Eu mandei esperar para ouvir primeiro o que vosmecê ia falar. Agora que vosmecê deitou esse palavrório todo, sabe de uma coisa? Não entendi nada. O sorriso, sempre pregado na cara. E agora, o que vosmecê me diz? Deixo degolar ou não deixo? O Josias me contou que as pernas bambearam na hora, a voz não saiu, ele só conseguia gaguejar: Mas capitão, mas capitão… Então Lampião soltou uma gargalhada, bateu amistosamente nas costas dele. Some daqui bem depressa, falou, e não volta nunca mais. Pode deixar a pasta, gostei do papelório. Papel no sertão faz uma falta arretada. E o Josias obedeceu. Saiu dali tão assustado que só no dia seguinte, a caminho do Rio, foi entender que os planos do Rei do Cangaço para aqueles panfletos eram, vamos dizer, sanitários.

Molina riu, definitivamente desperto, e anotou: *panfletos higiênicos*.

Gostou da piada?, disse Xerxes com alegria infantil. Molina achou que ele começaria a bater palminhas. Quer ouvir outra? Conhece a história do Canelas?

Quem?

Não, claro que não conhece. Ninguém que não seja comunista de carteirinha conhece a história do Canelas. No entanto, filho, é uma história estupenda. Você pode se dobrar de rir com ela, sentar no meio-fio e passar mal de tanta hilaridade. Pode também ser lançado numa depressão estranha, pegajosa, por semanas. Depende do seu estado de espírito no dia, depende da lua. Digo isso porque as duas coisas já se

passaram comigo, já reagi das formas mais contraditórias pensando na história do Canelas.

Maria entrou na sala carregando uma bandeja. Deixou-a sobre a mesinha ao lado do patrão, junto à caixa marchetada que abrigava os Cohibas. Molina só registraria depois, em retrospecto, a novidade daquilo — empregada e enfermeira presentes no mesmo dia. Na hora, apenas esperou que Maria saísse de cena antes de perguntar:

Quem é esse cara?

Antônio Bernardo Canelas, o primeiro delegado do PCB em um congresso da Internacional Comunista. O quarto congresso, em 1922. O Partido brasileiro acabava de ser criado por meia dúzia de artesãos intelectualizados egressos do anarquismo, Astrojildo Pereira à frente. E já que estou esticando o suspense, Xerxes piscou maliciosamente um olhinho verde-água, por que não esticar mais? Antes de contar a história do Canelas, vou te dar umas fumaças do que, nessa história, sempre me acabrunhou. Uma coisa que eu passei a vida procurando, matutando, intrigado, até que finalmente, já velho, vim a entender. Mais que uma anedota, uma vinheta pungente, é como se a história do Canelas fosse um mito fundador em negativo. Nós, comunistas brasileiros, nunca nos livramos da história do Canelas. Ela ficou lá para sempre, feito um corvo pousado na porta, epígrafe de gozação na folha de rosto do livro, projetando seu sentido sobre toda a história que veio depois. Sobre a Elza, inclusive. Ou principalmente. Mas também não precisamos correr tanto.

Xerxes fez uma pausa. Estava ofegante. Esticou o braço magro para alcançar na bandeja o copo d'água trazido por Maria, ao lado do qual se perfilavam comprimidos de diversas cores. Molina já tinha visto aquela parada de pílulas antes, mas nunca lhe dera atenção. Dessa vez, pensando vagamente que talvez fosse sua última chance, procurou memorizar cada comprimido — formato, tamanho, cor — à medida que Xerxes os jogava na boca e engolia com expressão de repugnância. Contou nove. Ocorreu-lhe que na semana anterior pareciam menos numerosos, cinco ou seis. A fila estaria crescendo?

O Canelas não era bem um comunista, prosseguiu o velho. O erro começa aí. Não estava no Brasil quando o Astrojildo e os outros fundaram o Partido. Simpatizava com a Revolução de 1917, mas isso não queria dizer muita coisa. A esquerda quase em peso simpatizava — ainda era cedo, havia espaço para uma certa inocência. A verdade é que o Canelas, um tipógrafo nascido em Niterói, era anarquista até o último fio de cabelo. Um anarquista muito ativo, dizem que inteligente, espirituoso, mas também muito indisciplinado, egocêntrico e chutador — o anarquismo era cheio de gente assim. Um cara que tinha fundado sua cota de jornaizinhos país afora e ficado amigo do pessoal que agora, vindo do anarquismo, decidia plantar no Brasil a semente do socialismo científico. O Canelas não tinha comparecido a nenhuma das reuniões de fundação do PCB, nem teria como comparecer: estava na Europa, parece que em Paris, participando de alguma atividade sindical ou coisa parecida.

Molina se deixou afundar no sofá de couro, mais satisfeito que nunca com seu papel de ouvinte. Era só um par de ouvidos, e era feliz. Pares de ouvidos não pensam em namoradas distantes. Não entendia aonde Xerxes queria chegar com aquela história, mas a ilusão de que o velho comunista encheria a eternidade de palavras era reconfortante.

E de repente o PCB recém-nascido, bebê de colo, funcionando numa salinha no centro do Rio, recebeu um presente de virar a cabeça: um convite oficial para participar do quarto congresso da Internacional em Moscou. Nada menos que isso. Você consegue imaginar a felicidade dos caras? Bom, eu consigo. O internacionalismo era tudo naquele tempo. Tínhamos a chance de encaminhar o reconhecimento do Partido pela IC — enquanto não fôssemos uma seção da Internacional, tudo não passaria de uma brincadeira. O problema é que a euforia ainda nem se instalara e já vinha a ducha gelada: a viagem custava uma fortuna, o Partido não tinha um tostão, o tempo disponível era escasso. Veja só que desgraça, parecia impossível comparecer a Moscou a tempo. A menos que…

Xerxes fez uma pausa mais longa. Acostumado ao senso dramático com que o velho administrava seus silêncios, Molina desconfiou que dessa vez

ele tivesse parado apenas por falta de fôlego mesmo. Inquietou-se: e se Xerxes não conseguisse preencher a eternidade, afinal?

Foi do próprio Astrojildo a ideia de mandar o Canelas — o discurso do velho, ao prosseguir, tornou-se aflitivo, as palavras separadas em grupos de quatro ou cinco, com pequenos intervalos arquejantes. O Canelas era um cara batuta e já estava lá perto, mais de meio caminho andado. Deve ter parecido uma ideia brilhante. Como o Astrojildo poderia imaginar o quanto ia se arrepender? O Canelas foi uma desgraça. Ou uma glória, depende do ponto de vista. Começou brigando com os delegados da Argentina e do Uruguai. Depois se meteu a dar palpites em todos os temas da pauta, mesmo que não tivessem relação com o Brasil e a América Latina. Qualquer assunto, o Canelas pedia apartes, discordava, fazia discursos inflamados. Inclusive naquelas votações *pro forma* de matérias já decididas, feitas para referendar uma posição negociada em comissões de alto nível. Tinha lá, por exemplo, uma moção de repúdio ao Partido francês por exibir resquícios de maçonaria. O Canelas votou contra. Achou aquilo uma arbitrariedade, resolveu defender os maçons. Criou fama. O Trótski, que participava do congresso, botou nele um apelido que pegou: Fenômeno Sul-Americano! Com exclamação, por favor.

Xerxes interrompeu a história de novo, dessa vez para rir. Riu tanto e de forma tão excruciante, entrecortada, dando palmadas no braço da poltrona, que Molina se preparou para um daqueles acessos de tosse que ameaçavam mandá-lo direto para a cova. O acesso não veio, mas o esforço o prostrou. Olhos fechados, cabeça jogada para trás no encosto da poltrona, o velho ficou por algum tempo imóvel, um estertor saindo de seu peito. Katharina e Maria apareceram de longe ao mesmo tempo para ver o que se passava. De repente, sem abrir os olhos, ele disse:

Não dá para negar que o cara tinha topete. O centralismo democrático nunca foi tão avacalhado na história da União Soviética. O Canelas anarquizou a festa — literalmente. Mais tarde encontraram nos arquivos da IC ensaios que ele produziu por lá sobre a Inglaterra do século XIX, sobre a

situação em Zanzibar e na África do Sul, a descentralização industrial, o impacto das novas técnicas de cultivo de alcachofra sobre a indústria farmacêutica da Lapônia… Uma coisa realmente espantosa. O Trótski tinha razão: fenômeno. Resultado, a IC se recusou a aceitar a filiação do PCB. Disse que o Partido brasileiro ainda tinha laivos anarquistas demais, podia ser aceito no máximo como simpatizante, não como um verdadeiro Partido Comunista. Foi, com perdão da imagem religiosa, um deus nos acuda. Quando a notícia do desastre da delegação brasileira chegou por aqui, teve início a primeira crise do PCB. E o primeiro expurgo. O Canelas tentou se defender num longo relatório que funcionaria melhor como peça de acusação, tão evidente ficava para qualquer um que o lesse o quanto ele tinha passado longe de pegar o espírito da coisa. Para piorar tudo, teve um chilique e publicou o relatório à revelia do Partido. Acabou expulso, declarado oficialmente traidor. É claro que não havia outra coisa que Astrojildo e os outros pudessem fazer além de renegar Canelas, esconjurá-lo, livrar-se dele com requintes de humilhação pública, se queriam cair nas graças da Internacional. E queriam muito. O reconhecimento do PCB veio no ano seguinte.

Ao terminar de dizer isso, Xerxes abriu os olhos e encarou Molina. Parecia melhor. Ficou brincando com a bengala, dando pancadinhas com ela no tapete. Molina escreveu uma única palavra em seu caderninho, *Canelas*, e disse:

Acho que não entendi por que o senhor considera esse Canelas o corvo que pousou na porta do PCB.

Claro que não entendeu. Eu não disse que só fui entender depois de velho? Mas vai entender quando eu explicar.

Mal posso esperar, disse Molina secamente.

O velho armou um meio sorriso de dentes amarelos: Será que estou captando uma leve ironia aqui?

Ironia? Imagine, por que eu seria irônico? Só porque desde que nós começamos a trabalhar o senhor me trata como um débil mental? Só

porque todo dia eu saio daqui pensando o que será que esse velho viu em mim para me contratar, se me considera tão estúpido? Não, de jeito nenhum. Nunca me passaria pela cabeça ser irônico por causa disso.

Molina se surpreendeu com suas próprias palavras. Não se dera conta de que a irritação com Xerxes, como uma represa que tivesse enchido aos poucos, chegara ao ponto do transbordamento. O velho o olhava boquiaberto. Pronto, pensou, perdi o emprego. Mas logo Xerxes sorria de novo, abanando a cabeça.

O segundo sinal de que alguma coisa grande estava em marcha, disse, nem um pouco preocupado em disfarçar a guinada de assunto, eu só fui perceber em agosto, quando me convocaram para participar de um grupo de elite que ia receber treinamento de um certo especialista alemão. Tudo cercado de mistério e até de alguma pompa. O camarada que me convocou, o Tenório, me fez memorizar uma lista de pontos, senhas e contrassenhas que mudariam a cada semana. Desses pontos de encontro eu seria levado para o lugar do curso, que também nunca se repetiria. Nem para a Gina eu podia contar, me disse o Tenório muito grave. Me irritei: Claro que não, companheiro, eu nunca conto nada para a minha mulher. Ótimo, ele disse. Se nunca conta nada, então agora conte menos que nada, conte nada de nada. Nada de nada de nada de nada. Aquilo começou a me assustar e eu perguntei: Mas que treinamento é esse? Treinamento em sabotagem, camarada, ele sussurrou. Explosivos. Só depois eu soube que o alemão, o professor, era o Gruber.

O coração de Molina deu uma pancada mais forte. Uma só. O senhor conheceu o Gruber?

Xerxes respondeu com expressão de esfinge: queixo empinado, duro, olhos de maluco, ombros afetando pouco caso. Difícil dizer se ter conhecido Gruber fora para ele o ponto mais alto ou mais baixo de sua vida.

Antes não tivesse conhecido, disse. Gruber era um casca de ferida, um louco. Um profissional, certo, revolucionário profissional, o mais profissional que conheci na vida. Mas um bandido, um bandidaço. E

talvez você esteja com vontade de me perguntar o que esse *mas* está fazendo na frase anterior, entre o revolucionário e o bandido, hein? Tem certeza de que não pensou? Bom, ninguém sabia direito qual era o jogo do Gruber naquela época. Ninguém, pelo menos entre os brasileiros, sabia sequer o verdadeiro nome dele. Isso nós só descobrimos muito depois. Franz Gruber só virou Jonny de Graaf para nós recentemente, quando aquele rapaz da televisão entrou nos arquivos de Moscou e fez aquele livro. Mais recentemente ainda, veio um historiador americano contar que o sujeito era um espião rodado, rodadíssimo. Não só agente duplo, soviético e britânico, como todo mundo já suspeitava, mas triplo — mais tarde negociou com os americanos também. Esse livro, aliás, ainda nem foi publicado. Sei dele porque conheço gente que leu o original e me contou. Em todo caso, faz sentido. O dispositivo que o Gruber montou no cofre do Prestes para destruir os documentos da conspiração em caso de queda do aparelho nunca explodiu. Tudo isso o pessoal já estranhava, comentava: o Gruber sempre foi suspeito. Sabia-se até das ligações no mínimo estranhas dele com o Filinto Müller, que o prendeu e logo mandou soltar. Mas certeza de tudo, preto no branco, a comprovação do jogo perigoso dele demorou uma vida. Ou muitas vidas. Isso, meu jovem, e Xerxes deu um sorriso desmaiado, você vai descobrir um dia sobre o Brasil, é um traço do caráter nacional que fica claríssimo à medida que os anos passam: tudo aqui sofre de um atraso sobrenatural. Demora, mas demora que é uma tortura. Ser jovem num lugar como este não é brincadeira, porque ser jovem é ter pressa, e ter pressa no Brasil é meio caminho andado para o suicídio. Pode tomar nota.

Molina tomou nota mesmo: *atraso sobrenatural.*

O fato é que naquele tempo, para nós, o Gruber ainda era um desconhecido, só um sujeito que tinha caído de paraquedas numa revolução latino-americana para ensinar os nativos a fazer bombas com água de coco e penas de arara, transformar banana-nanica em banana de dinamite. E mesmo assim eu já sabia que ele não valia nada. Sabia meio

sem saber, mas sabia. Gruber era um grande, um imenso de um filho da puta. Quando um cara é assim, quem convive com ele sabe, sente, não tem dúvida nenhuma. Era um alemão socado, baixo, forte, com uma cara perfeitamente esquecível que muito lhe serviu na vida de espião. A namorada que trouxe a tiracolo para o Brasil era uma gostosura de uma lourinha de menos de vinte anos, que nós chamávamos de Alemãzinha. Ela virou motorista de confiança do Prestes, ia para todo lado com ele, sabia todos os endereços. Só depois, quando a história do De Graaf veio à tona, é que se soube que a Lena tinha sido *doada* a ele pelos pais dela, uns coitados que tinham o agente duplo como protetor. Sentindo-se endividados com o Gruber, pagaram em moeda-filha, para você ver. E uma filha daquela qualidade! Xerxes lambeu os beiços flácidos, olhos erráticos. Molina já aprendera a interpretar aqueles sinais: eram de excitação. Excitação sexual, sensual, ou qualquer sombra que disso restasse naquela idade. Os dedos do velho massageavam o castão da bengala.

Ah, Leninha, ele gemeu. Quando, fracassada a insurreição e depois de serem estranhamente liberados por Filinto, os dois fugiram do Brasil, tudo indica que Gruber matou Lena em Buenos Aires antes de seguir sozinho para Moscou, onde o convocavam com urgência. Com certeza ela sabia demais do jogo dele. Uma desgraça. Mulher de primeiríssima qualidade, como, aliás, dizem que alguns companheiros sortudos puderam comprovar. Bom mexerico, hein? Jurar, não posso. Mas o casal era estranho. Parece que a Lena dava umas voltas por aí e o Gruber, bom, esse era escandalosamente louco pela Elza. Não, não comeu. Ficou de joelhos por ela porque era um papa-anjo, um Humbert Humbert *avant la lettre*, mas duvido muito que tenha conseguido o que eu não consegui. Tentar, isso tentou mesmo. E por que será que a Elza aparecia de vez em quando em nossas sessões secretas de treinamento com explosivos, em chácaras isoladas do subúrbio? Só para cozinhar, lavar pratos? Era meio esquisito. Nessas ocasiões, Elza nunca veio falar comigo, e até hoje não me perdoo

por não ter ido falar com ela. Mas sorria de longe para mim. Foram as últimas vezes que a vi.

# 8.

*A "revolução" começou com uma ejaculação precoce no 21o Batalhão de Caçadores de Natal, capital do Rio Grande do Norte, no dia 23 de novembro, surpreendendo a própria cúpula dos conspiradores no Rio de Janeiro, que soube de tudo pelos jornais. Os militares revoltosos conseguiram tomar a acanhada capital por quatro dias, o suficiente para instituírem um "governo popular revolucionário" e lançarem uma edição do jornal* Liberdade. *No entanto, se tinha havido alguma chance de pegar o governo Vargas de surpresa, ela acabava de ser jogada fora. No dia seguinte, o 29o Batalhão de Caçadores de Recife se levantou e, de seu aparelho em Ipanema, Prestes começou a disparar bilhetinhos em que convidava gentilmente um grande número de oficiais — alguns ferrenhamente legalistas — a tomar parte na derrubada do governo, a ser empreendida no dia tal, hora tal, favor não atrasar. Nas primeiras horas do dia 27, por fim, o Rio, líder às avessas, foi atrás do Nordeste: umas poucas dezenas de militares sob o comando do capitão Agildo Barata tomaram o 3o Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, enquanto outros tentavam fazer o mesmo com a Escola de Aviação Militar. Foi só. Recorrendo, na Praia Vermelha, até a bombardeiros, o governo sufocou a revolta a tempo da hora do almoço. Fim.*

*A onda de repressão que se seguiu levou às prisões uma multidão. "Pelos dados da polícia", conta Nelson Werneck Sodré, "foram presas, em dezembro de 1935 e janeiro de 1936, mais de dezessete mil pessoas; mais de vinte mil pelos dados do PCB." Nesse universo estavam incluídos*

*comunistas militantes, meros simpatizantes, esquerdistas em geral, liberais e até uns poucos casos de muito-pelo-contrário. Era a hora do acerto de contas de Getúlio Vargas com tudo o que cheirasse a oposição.*

*A cúpula da conspiração começou a ruir no dia 26 de dezembro, quando Harry Berger, codinome de Arthur Ewert, e sua mulher, Sabo, foram presos em sua casa alugada na rua Barão da Torre, em Ipanema, deixando cair nas mãos da polícia uma inacreditável documentação sobre os bastidores da intriga. Mais polpudo e detalhado que esse papelório, só o que seria apreendido minutos depois na casa abandonada às pressas por Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, a duas quadras dali, na mesma rua. A prisão de Ewert, um judeu alemão, deu o mote para que o jornal* O Globo *erguesse por aclamação o troféu de manchete mais lamentável da temporada:* FILHO DE ISRAEL E AGENTE DE MOSCOU!

*Refugiado com Olga numa casinha da rua Honório, no Méier, Prestes só seria preso no dia 5 de março de 1936. Nos dois meses e pouco que separam as duas quedas, a de Ewert e a do Cavaleiro da Esperança, cabe um mundo inteiro de atividade policial intensa, cheia de triunfos e pixotadas. Caíram entre outros Rodolfo Ghioldi e sua mulher (soltos sem um arranhão); Victor Allan Baron ("suicidado" pelos torturadores); Stuchevski e senhora (soltos, aparentemente para servirem de isca, mas a polícia nunca mais os viu); e, claro, Miranda e Elza.*

*Elza passou duas semanas encarcerada. Foi solta no fim de janeiro com a recomendação amigável de aparecer quando quisesse para visitar seu amado. O Partido, nervos à flor da pele, estranhou aquilo — com razão. O que a polícia de Filinto Müller pretendia ao libertar Elza nunca ficou inteiramente claro. Provocar algum tipo de confusão estava com certeza em seus planos. Talvez aquela menina pudesse levá-los a alguém importante, ou quem sabe acabaria como suspeita aos olhos dos próprios*

*companheiros, precipitando um novo e bem-vindo crime. De qualquer forma, Elza parecia mais útil em liberdade.*

*Depois que a namorada de Miranda é solta, em 27 de janeiro, começa uma frenética troca de cartas e bilhetes por meio de estafetas entre Prestes, entocado no Méier, e os dois dirigentes mais graduados do PCB que ainda estavam em liberdade: Honório de Freitas Guimarães, o Martins, figura estranhíssima, que estudara na tradicional escola inglesa de Eton e era viúvo de uma aristocrata, e Lauro Reginaldo da Rocha, o Bangu, mediocridade exponencial que acabaria por herdar o comando do Partido e liderar a rumorosa expulsão dos dirigentes paulistas acusados de trotskismo, dois anos depois.*

*Cópias daquelas cartas, nas quais ficou documentado passo a passo o processo que moeu Elvira Cupello Calônio, foram encontradas pela polícia — num padrão que já começava a ficar monótono — em poder de Prestes ao prendê-lo. Terminaram como peças centrais do processo aberto no Tribunal de Segurança Nacional após a descoberta do cadáver, em 1940.*

*O clima predominante nessa correspondência é de pânico e confusão. Boatos e especulações são passados adiante e logo desmentidos por contraversões não menos duvidosas. Quem foi torturado? Quem denunciou companheiros? Alguém que esteve com Miranda na prisão informa que ele está "todo negro, com o osso do nariz quebrado e as unhas cheias de agulhas". Outro informe, atribuído a um certo Mattoso, jornalista ligado ao Partido, desce a detalhes terríveis: "Estive lá com o Miranda. Ele apanhou incrivelmente. Tem ainda nas unhas o sinal das agulhas. Apertaram-lhe também os ovos, que formou* [sic] *um abscesso e estourou. Socos no estômago e na barriga até perder os sentidos durante cinco dias, um só dia três surras deste gênero, uma atrás da outra. Tem o nariz partido. Equimoses nos olhos e corpo etc. etc. etc. Enfermaria com o sistema nervoso esculhambado. Médico, remédios. Vai melhor e animado.*

*Calmo e senhor de si”. Difícil conciliar esse retrato com o daquele Miranda lépido do perfil de Graciliano, não? O mesmo Mattoso conta que “a Elza apanhou três dias surras tremendas. Nua e os tiras torcendo-lhe os seios. Não lhe arrancaram nem uma palavra. Grande bravura”.*

*Então como era possível que, poucos dias depois, Elza saísse andando da cadeia, nenhuma marca em seu corpinho cobiçado? E ainda espalhando que Berger — logo ele, o mais durão de todos — tivera comportamento condenável sob tortura? Tudo muito suspeito, sem dúvida. Como eram suspeitos os bilhetinhos de Miranda que Elza trazia para os companheiros de fora. As mensagens eram aparentemente sinceras, conselhos a quem permanecia em liberdade, recomendações de cautela, mas aquilo intrigava. Seriam falsificações? Se os bilhetes eram autênticos, por que a polícia permitia sua circulação? “Quem são os autores das cartas com recados do Miranda? Não os conheço. As cartas parecem escritas ou pelo menos ditadas pela polícia”, diz Prestes.*

*Todos acreditam que a Garota — ou G., como ela é tratada nessa correspondência em que, obviamente, ninguém aparece com o nome de batismo — é culpada até a medula. Sua morte, sob a senha “medidas extremas”, é decidida sem demora, embora a princípio não tenha dia marcado: o primeiro bilhete em que o bandeiroso eufemismo aparece traz a data de 3 de fevereiro, uma semana após a libertação de Elza. Um único camarada, o garçom José Lago Morales, se opõe com firmeza à sentença. Só consegue ser afastado das reuniões seguintes.*

*De imediato, decide-se tirar Elza da casa de Francisco Meirelles — um ex-comunista de boa família revolucionária, irmão de Silo e Rosa —, que a hospedara com base em laços de amizade. Melhor levá-la para um lugar distante em que companheiros de confiança possam vigiá-la vinte e quatro horas por dia. É escolhida a casa suburbana em que mora de aluguel o militante conhecido como Gaguinho, na rua Maria Bastos, perto da estrada*

*do Camboatá e da estação de trem de Deodoro* (*o bairro, hoje indiscutivelmente Guadalupe, na época costumava ser chamado de Ricardo de Albuquerque*). *Àquela altura do século XX, o lugar ficava a meio caminho entre a cidade e a roça. Um dos bilhetes endereçados a Prestes informa que Elza chegou lá "muito nervosa e amedrontada", "com receio de beber as coisas, de comer etc.", mas logo percebeu o "ambiente fraternal" e se acalmou.*

*Na casa de Gaguinho, Elza se dedicou com afinco — a ponto de merecer um elogio do anfitrião em seu depoimento à polícia, quatro anos depois — às tarefas domésticas que eram sua especialidade: cozinhar, lavar, passar. Todos os dias, Adelino Deycola dos Santos, o Tampinha, a interrogava. As respostas eram então encaminhadas, juntamente com as impressões relatadas por seus fraternos carcereiros, a Luiz Carlos Prestes. Tudo o que Elza dizia a Tampinha era encarado com suspeição liminar. Até aquilo que, por não lhe trazer proveito nas circunstâncias, só podia ser sincero:*

> Diz a garota que as porradas que levou se resumem a um puxão de cabelos pelo Romano (que os agarrou dizendo parecer pintados), a duas bordoadas de borracha nas costas, e duas na planta de cada pé, e uns seis cachações. Fora daí disse que não houve mais nada, nem puxão de seios, nem o negócio que P. disse ao B., o tal pau metido na vagina e que ela disse não ter se passado. … Há contradições ao que parece sobre os três dias de tortura de que fala o Mattoso e que ela nega.

*A firmeza de Elza sob pressão é perceptível nos relatos daqueles dias críticos. Sua culpa, porém, era tratada como premissa:*

> Como se vê, a garota prossegue repisando tudo isto que ela atribui ao nosso querido Miranda. Meu dever é esmiuçar e transmitir o que ela está buzinando, sob inspiração daquela fonte que sabemos.

*À distância, Pavel Stuchevski, que depois de despistar a polícia e por falta de refúgio melhor passava um tempo na casa em que se escondiam Prestes e Olga, usou sua experiência como agente graduado da inteligência*

*soviética para assessorar Tampinha no interrogatório da Garota. Encaminhadas ao pessoal da rua Maria Bastos no dia 9 de fevereiro, as perguntas do ucraniano — que na época todo mundo acreditava ser belga — revelam uma preocupação principal: as cartas atribuídas a Miranda, que ele e Prestes supunham falsas.*

> De que cor era o envelope?
>
> Onde foi escrita a carta (na célula, sala comum etc.)? Em presença de quem foi escrita?
>
> Ela diz que viu Miranda várias vezes na Polícia Central. Quantas vezes, onde? Em que andar? Como é a sala comum, a célula, a entrada?
>
> Quando ela apanhou, foi despida?

*No mesmo dia, Prestes deixa claro que já está convencido da traição de Elza. Trata-se agora apenas de aprender mais sobre os métodos da polícia:*

> Parece-me que ela ainda diz somente o que lhe ensinaram na polícia. Será para nós de grande importância conhecer, agora, a verdade, isto é, conseguir que ela diga realmente como a preparou a polícia, como a instruiu, que métodos empregou, com que recursos a comprou. Mas tudo isto deve ir sendo obtido pouco a pouco, com muita paciência e persistência, e principalmente por uma pessoa firme e que saiba aonde quer chegar.

*Talvez porque os dirigentes do PCB tinham acesso a Elza em primeira mão, enquanto Prestes tentava acompanhar o caso à distância, logo emerge daquela correspondência um descompasso entre os dois polos: os primeiros, sobretudo Martins, adotam à medida que fevereiro avança uma posição mais nuançada, temperada por dúvidas, enquanto, do Méier, Prestes insiste numa rigidez de conduta que nenhum fato ou argumento é capaz de abalar. Quando — sabiamente, como a história comprovaria — Martins observa que a "solução extrema" é perigosa, porque talvez antecipada e até induzida pela polícia, que desse modo poderia aproveitar a eliminação de Elza para promover "um bruto escândalo" e "separar-nos da massa durante algum tempo", Prestes afirma concordar com o*

*raciocínio, mas acrescenta que "isso é somente um obstáculo a mais que precisamos vencer". E quando Tampinha e Martins começam a achar que os tais bilhetes de Miranda, principal peça de acusação contra a Garota, talvez sejam mesmo de Miranda, afinal, Prestes se revela nada menos que um grafólogo, enviando-lhes a seguinte lista de "provas" de que alguém estava falsificando a caligrafia do secretário-geral do Partido:*

- inclinação diferente
- detalhes exageradamente imitados
- grifos dos *ii* exagerados
- *G* grande: duas ou três grafias
- *r* pequeno evidentemente forçado, porque de difícil imitação
- *t* cujo traço é variável de letra a letra

*Finalmente, no dia 18, Martins assume suas dúvidas e ousa propor a suspensão, ainda que temporária, da sentença de morte contra Elza Fernandes — em suas palavras, a "manutenção do statu quo":*

> Achamos que a letra é mesmo dele (Miranda). Achamos que o conteúdo demonstra um estado de desespero que não se justifica num dirigente de sua responsabilidade. … Também achamos inexplicável sua situação de facilidade de comunicação com outros presos e de visitas da menina quando outros menos importantes continuam rigorosamente incomunicáveis. … Ficou, porém, com referência à menina, manter o statu quo existente, até ver mais clara a situação e ouvir tua opinião. Achamos que, devido à complicação que o caso toma, a manutenção do statu quo é aconselhável…, reforçaremos a vigilância em torno dela à espera da opinião de vocês, que deve ser definitiva.

*Pobre Martins. A descompostura que Prestes lhe passa, em carta do dia 19, é a de um revolucionário profissional dirigindo-se a um amador patético:*

> Recebi o bilhete de ontem de Martins, assim como os supostos bilhetes de Miranda. Fui dolorosamente surpreendido pela falta de resolução e vacilação de vocês, porque suponho que o

Martins tenha escrito em nome do Secretariado Nacional, que acabava de se reunir.

Companheiros, assim não se pode dirigir o Partido do proletariado, da classe revolucionária consequente.

Mesmo sem conhecer os originais dos supostos bilhetes de Miranda, já em carta de ontem, formulei minha opinião a respeito do que precisávamos fazer. Mas supondo que os bilhetes são realmente do punho do Miranda (estou convencido do contrário, como explicarei abaixo), como chegar às conclusões de vocês? Por que modificar a decisão a respeito da Garota? Que tem a ver uma coisa com a outra? Há ou não há traição por parte dela? É ou não é ela perigosíssima ao Partido, como elemento inteiramente a serviço do adversário, conhecedor de muita coisa e testemunha única contra um grande número de companheiros e simpatizantes?

Por outro lado, se vocês julgam que os bilhetes são verdadeiros, como podem qualificar isto de "fraqueza" do "nosso companheiro Miranda"? Traição é traição e tanto maior quanto mais responsável for o traidor. Mas voltemos ao caso da pequena. Com plena consciência de minha responsabilidade, desde os primeiros instantes tendo dado a vocês minha opinião sobre o que fazer com ela. … Por isso não compreendo as vacilações de vocês. O Secretariado Nacional é soberano e suas decisões não devem ficar à "espera da opinião de vocês, que deve ser definitiva", como diz o Martins em sua carta. Uma tal linguagem não é digna dos chefes do nosso Partido, porque é a linguagem dos medrosos, incapazes de uma decisão, temerosos ante a responsabilidade. Ou bem vocês concordam com as medidas extremas, e neste caso já as deviam ter resolutamente posto em prática, ou então discordam e deveriam, portanto, defender corajosamente a opinião própria, não se deixando influenciar por ninguém.

Não é possível dirigir sem assumir responsabilidades. Por outro lado uma direção não tem direito de vacilar em questões que dizem respeito à própria segurança da organização.

Vocês compreenderão a veemência destas linhas, porque elas traduzem, com a franqueza necessária entre nós, toda a minha tristeza frente às vacilações da direção em cujas mãos está o futuro da Revolução no Brasil.

*No dia seguinte, 20 de fevereiro, Bangu envia a Prestes a seguinte resposta:*

Acabo de receber suas cartas sobre o caso da Garota. Se não pusemos logo em execução as medidas que você propôs, foi devido às razões, que nos pareciam justas, de que poderiam resultar numa desligação do Partido com a massa e por estar a Garota segura, podendo, portanto, a coisa ser resolvida com calma e segurança. O fato de combinarmos mais uma vez com vocês e pedirmos a solução definitiva não significa que, se vocês não estivessem aqui, nós não tomaríamos uma resolução enérgica. Mas, aproveitando toda a experiência que vocês têm, queremos resolver as coisas bem pesadas e medidas, uma vez que há tempo para isto.

Agora, não tenha cuidado que a coisa será feita direitinho, pois a questão sentimentalismo não existe por aqui. Acima de tudo colocamos os interesses do Partido.

Continue a escrever e a nos ajudar. Mas desfaça essa impressão má que você teve da direção atual, pois esta é a direção que tem aguentado todos os repuxos de vários anos de formação e desenvolvimento do Partido e que está disposta a levar avante sua tarefa por cima de todos os obstáculos.

*Amálgama de orgulho ferido, ressentimento e subserviência, a resposta de Bangu deixava claro: o esculacho de Prestes selara a sorte de Elvira Cupello Calônio.*

Maria abriu a porta sem uma palavra e, como era de seu feitio, sumiu. Xerxes já estava no lugar de sempre, de pijama, bengala repousando ao seu lado contra um dos braços da poltrona. De olhos fechados e boca aberta, cabeça lançada para trás na ponta de um pescoço branco-esverdeado que se esticava como o de um frango no momento do abate, o velho comunista parecia dormir. Molina ficou imóvel no meio da sala por alguns instantes, tentando descobrir se ele ainda respirava. A princípio achou que não. Estava a ponto de gritar por Maria quando Xerxes moveu a cabeça com um gemido. Sem abrir os olhos disse, numa voz que era pouco mais que um sussurro:

O fim está perto, filho. Já chegou. Vê?

Molina não respondeu. A ideia de que aquele pudesse não ser só mais um numa série infinita de encontros com Xerxes era revoltante — achou melhor não contemplá-la. Sentou-se no sofá e, ligando o gravador, empurrou-o até a extremidade da mesinha de centro, o mais próximo possível do velho de voz minguante. Os ruídos da rua, ônibus, algazarra de crianças, e do próprio prédio, música brega no rádio da empregada, descargas, elevador, chegavam misturados num zumbido enjoativo. Sem abrir os olhos, Xerxes soprou:

Onde estamos?

A impressão de que a pergunta queria dizer mais do que era aparente — onde estavam não apenas naquela história, mas na própria História, no mundo — despertou em Molina um mal-estar que parecia sorver o oxigênio à sua volta. Camila estava inalcançável por telefone, mudara de hotel sem avisar, o celular desligado ou sem sinal. Não sabia mais onde ela estava, não sabia onde ele mesmo estava. A insurreição, respondeu.

Xerxes finalmente abriu os olhos e encarou-o como se não compreendesse. Molina elevou a voz, embora soubesse que o problema do homem não era de audição:

A Intentona!

Ah, disse o velho. Claro. Um dia chegou novembro e, bom, foi o que se viu. Anticlímax. Não aconteceu nada. Uns gatos-pingados tentaram tomar dois ou três quartéis. O governo estava prevenido, esmagou aquilo como quem mata um piolho entre as unhas. Plec. Durou poucas horas a nossa revolução. Não aconteceu nada.

Em seguida, o silêncio. Molina observou os olhos mais uma vez fechados de Xerxes, depois a luz vermelha do gravador, e foi se impacientando. O que estaria havendo com ele? Achava mesmo que aquele laconismo seria suficiente?

Onde o senhor estava naquela noite?

A pergunta foi recebida com um sorriso aguado. Molina se ajeitou no sofá, ansioso. E se o cansaço de Xerxes fosse uma doença contagiosa?

Andando para cima e para baixo de bonde, ele disse, feito um paspalhão. Tentando entender o que se passava. Louco para encontrar um lugar, um lugarzinho só, que tivesse uma luta acontecendo. Levava comigo uma bolsa de pano, por cima tinha umas cabeças de repolho para disfarçar, e por baixo, vinte e cinco granadas caseiras feitas com latinhas de conserva. Passei por três ou quatro barreiras do Exército com aquela bolsa, suando frio, pensando: É agora. Ninguém me parou. Não aconteceu nada.

O que o senhor fez com as granadas?

O que eu podia fazer? Levei para casa. Dei os repolhos para a Gina cozinhar e escondi a bolsa na despensa, mais tarde enterrei no quintal.

Mas não importa, e o velho sacudiu a cabeça com súbita impaciência, a voz encorpando de repente, não é isso que eu quero dizer.

Então me diz o que o senhor quer dizer.

O terror, filho. A polícia assassina de Filinto Müller pegou todo mundo rapidinho. Primeiro o Berger, o alemão. Esse teve o fim mais triste que uma pessoa pode ter. Torturado dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, anos a fio. Até ficar inteiramente louco. O Sobral Pinto entrou com um recurso no Tribunal de Segurança Nacional para tentar salvar o Berger. Um recurso, veja só o golpe de gênio do homem, com base na lei de proteção aos animais. Porque um cachorro hidrófobo seria tratado com mais humanidade.

E adiantou?

Imagine se ia adiantar, Xerxes bufou, parecendo mais desperto. Era evidente que parte da sua energia prodigiosa, o pouco que restava dela, ia retornando à medida que falava. Alcançou a bengala ao seu lado e a deitou sobre os joelhos. Quando o Berger foi solto com a anistia, em 45, disse, estava doidinho de pedra, maluco de comer gilete. Voltou para a Alemanha Oriental para morrer no hospício. A mulher dele, Elise, que chamavam de Sabo, já tinha ido antes, entregue aos nazistas junto com Olga. Esse sadismo especial da polícia de Vargas com o Berger nunca ficou muito bem explicado. Prestes, brasileiro, mito, mártir em potencial, não sofreu um arranhão. Sim, o alemão era judeu, o que facilitava as coisas. Mas às vezes eu acho que a explicação para terem feito o que fizeram com Herr Arthur Ewert tem mais a ver com propaganda. E com geopolítica. Era como se o Brasil mandasse uma mensagem estridente para o mundo: Vejam só o que fazemos com estrangeiros comunistas neste país! Têm certeza de que querem vir para cá fazer revolução, tumultuar o ambiente? Vão encarar? Mas também não é isso que eu quero dizer.

Xerxes olhou em volta como se procurasse pelos cantos da sala o que realmente queria dizer. Tenho que tomar cuidado agora, disse, selecionar bem, você compreende? Não pensei que o tempo fosse ficar tão curto. A

gente nunca está preparado. O fim se anuncia a vida inteira, mas quando chega… O Canelas — lembra do Canelas?

Passou pela cabeça de Molina que Xerxes estivesse delirando. Num instante falava em enxugar sua história para fazê-la caber no tempo exíguo que imaginava lhe restar, e no seguinte recuava quase quinze anos no século. Ia ficando mais difícil ignorar os sinais de que aquele não seria só mais um numa série infinita de encontros com o velho. Um escandaloso ruído de liquidificador veio da cozinha e, por meio segundo, rabiscou na imaginação de Molina o berro agônico de um dinossauro.

Tempo curto, repetiu Xerxes. A questão é aquele sentimento tipicamente filial, filho. A mistura doentia de ressentimento e ânsia de agradar que aleija quem não se sente amado pelo pai. Sabe do que eu estou falando, não sabe? O PCB, depois de se comportar tão mal na primeira infância, nunca se livrou da síndrome de Canelas. Elza morreu por causa disso. Porque o filho inseguro, pusilânime, patético queria impressionar o pai. Só por isso. Aqui não tem esse negócio de sentimentalismo, diz Bangu a Prestes. Por Rosa Luxemburgo! De repente, não ter sentimentalismo, provar ao homem da Internacional que os desvios pequeno-burgueses do Canelas eram coisa do passado, aquilo assumia uma importância tão monstruosa que todo o resto ficava insignificante. O PCB sabia que não havia a menor condição de fazer uma revolução no Brasil, e daí? Tinha que impressionar o pai. Sabia que a Elza era inocente, mas tinha que impressionar o pai. Foi isso que eu demorei a entender. Era isso que eu estava a anos-luz de entender naquele fevereiro de 36, o fevereiro mais quente da história do Rio, um inferno perfeito, quando fui de porta em porta perguntando por Elza. Tinha ouvido rumores de que ela seria justiçada, claro. Todo mundo ouviu, os jornais chegaram a especular. Ninguém parecia saber. O Chico Meirelles, o único que concordou em hospedar a Elza depois que ela foi solta, me disse que um dia ela tinha sido apanhada na casa dele por elementos da direção e levada para um *lugar seguro*. Para onde? O Chico não sabia. Fui de companheiro em

companheiro sabendo muito bem que não devia fazer aquilo, que ao levantar tanta marola eu infringia uma regra de ouro do Partido. Não ligava, nada tinha importância. Com Miranda preso, eu sabia que a Elza não tinha mais ninguém, e meu amor por ela voltava maior do que nunca, meu senso de responsabilidade era do tamanho do mundo. Uns diziam que ela estava escondida em São Paulo, outros, no Uruguai. Até para Moscou me contaram que ela tinha sido despachada. Em pouco tempo estava todo mundo fugindo de mim, com certeza tomavam minha insistência por provocação, me viam como mais uma peça suspeita naquele quebra-cabeça de pesadelo. Em quem confiar? São assim as conspirações, filho. Todas as conspirações, sob qualquer bandeira: chega uma hora que você não sabe mais onde pisa, o que é dito com segundas ou terceiras intenções e o que, tendo sido dito por você com boa-fé, pode ser usado para atingi-lo num processo futuro. Em nenhum outro ambiente as palavras oferecem tanto perigo — nem no das relações amorosas mais neuróticas. A polissemia dos conspiradores é infinita. Elza era Chatov, mas um Chatov muito menos culpado que Chatov, e não teve um Virguinski que desafiasse a sentença no minuto final. Estou falando de Dostoiévski, claro. Estou falando do livro *Os demônios* — ainda não enlouqueci de vez. Ninguém escreveu tão bem quanto o velho reacionário russo sobre o pântano de desconfiança em que afundam os conspiradores. Os ódios que brotam do dia para a noite onde muitas vezes havia o mais genuíno amor fraterno.

Molina viu lágrimas no rosto de Xerxes. Era a primeira vez que o velho chorava na sua frente.

E caramba, filho, ele disse, é tão fácil matar quem está na clandestinidade! Matar uma pessoa inserida na dinâmica social, por mais reclusa e solitária que seja, é uma coisa. As cartas se acumulam na porta, a comida estraga na despensa — um problema. O clandestino não, esse é a vítima perfeita. Por vontade própria já é um meio-morto, um morto-vivo.

Quando alguém decide transformá-lo num morto total, tem meio caminho andado. Assim passou fevereiro, e de repente era tarde demais.

Menos que enxergar, Molina pressentiu na aba difusa de seu campo visual a aparição de um novo rosto na porta do corredor — nem Katharina nem Maria, uma cara masculina —, enquanto Xerxes, olhos varrendo o teto e mãos crispadas nos braços da poltrona, projetava sua voz num volume esganiçado que a memória do sussurro de minutos atrás fazia soar como um disparate:

Tarde demais, repetiu, muito cedo foi tarde demais. A Elza é a heroína que não chegou a ser, a anti-heroína que não chegou a ser. Você entende? Um personagem sem narrativa, uma peça de formato grotesco. Impossível encaixar Elza em qualquer tabuleiro: nem à direita nem à esquerda, nem em cima nem embaixo. Não era para ela estar ali. Elza só nos resta lamentar, como um acidente. É constrangedora, aquilo que sobra, embaraçosamente, depois que a gente subtrai a revolução do atraso, multiplica por uma massa de ignorantes e eleva tudo à potência demagógica. Condenada a viver de favores sexuais e afetivos a seu protetor poderoso, Elza era uma moça ridícula, coitada. Cumpriu a trajetória de tantas colegas de contos de fadas, mas só até certo ponto, porque logo bateu no muro daquilo que não podia compreender. Sua morte não oferece possibilidade de redenção, é uma morte torpe. Elza morreu como uma cadelinha — por engano, por esporte, por despeito, por nada. O capitão Francisco Davino, naquele livro de memórias dele, anticomunista como todo livro de ex-comunista, se despede da Elza com voz embargada: "Dorme, Elza, teu sono sem fim, que estás vingada". Mas o Davino estava errado. Ninguém vingou Elza, a própria ideia de vingá-la é inconcebível. Vingar como? Toda vingança histórica é um epílogo, um *grand finale* que nos obriga a reescrever a narrativa pregressa a partir desse cabo, transformando injustiça em justiça, caos em ordem. Como fazer isso com Elza? Em que história ela ficaria confortável? Em que história, me diz?

Molina percebeu que Xerxes estava ficando roxo. Um fio de baba escorria do canto esquerdo de sua boca, descendo pelo queixo até pingar no peito. Certo de que o velho estava morrendo diante de seus olhos, gritou por Maria, por Katharina, e as duas entraram correndo seguidas de um rapagão musculoso que ele ainda não conhecia. Jamais o apartamento do Flamengo fora tão povoado. O trio varreu o intruso para a periferia de seu redemoinho enquanto seis braços faziam malabarismo com injeções amarelas, comprimidos coloridos e copos d'água — talvez até com dedais de vodca, mas quanto a isso Molina não tinha certeza. Aos elementos rotineiros do tratamento de Xerxes viu se acrescentarem então as várias traquitanas sobraçadas pelo garotão forte, todas instaladas em minutos com eficiência mágica: reconheceu um suporte de soro, um respirador, um monitor cardíaco. O velho engrolava palavras de sonoridade meio bufa, meio sinistra. Segurando o gravador que, por sorte, tivera a presença de espírito de recolher da mesinha de centro antes de ser rechaçado, Molina foi saindo de banda, devagarinho, como se tentasse disfarçar sua fuga de si mesmo — quem mais prestava atenção nele? Mas bastou pisar na cerâmica gasta do corredor do prédio para que seus pés começassem a correr.

Esperar pelo elevador era inconcebível: Molina se lançou escada abaixo feito uma grande massa líquida. Na portaria, apontado na direção do sol, quase trombou com uma bonita coroa que vinha apressada no sentido contrário, joias discretas sob os cabelos vermelhos, olhos de um verde familiar denunciando o choro recente.

# 9.

*Depoimento de Manoel Severiano Cavalcanti, o Gaguinho, em 29 de abril de 1940:*

disse que o declarante ingressou no Partido Comunista do Brasil no ano de 1935, por intermédio do acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER (Xavier), então membro da organização do Partido Comunista do Brasil; que mais tarde, no mês de dezembro do mesmo ano, transferiu sua antiga residência na estação de Thomazinho para a casa da rua Maria Bastos, 48-A, próximo à estrada do Camboatá, nas cercanias da estação de Deodoro, mas pertencente à jurisdição de Ricardo de Albuquerque; que alguns dias após a instalação de sua nova residência, o declarante foi procurado onde trabalhava, no Cais do Porto, pelo acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER, que lhe perguntou se podia acomodar em sua residência um outro companheiro do Partido Comunista do Brasil, a quem aquele chamava de "o velho"; que o declarante só mais tarde é que veio a saber, aliás, que "o velho" era o acusado FRANCISCO NATIVIDADE LYRA (Lyra Cabeção); que o declarante acedeu e convidou EDUARDO RIBEIRO XAVIER a visitá-lo em sua nova morada, fornecendo-lhe, para tanto, o seu endereço e as indicações dos caminhos que deveria tomar naquele sentido; que bem se lembra o declarante que certo domingo o acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER apareceu em sua casa e aí almoçou em sua companhia, e examinou o quarto que estava destinado a FRANCISCO NATIVIDADE LYRA (Lyra Cabeção); que nesse momento o acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER declarou que o cômodo servia, combinando com o declarante que voltaria dentro de dois dias para acompanhar o acusado FRANCISCO NATIVIDADE LYRA à sua nova morada, o que realmente fez, passando este último a residir com o declarante; que, cerca de oito dias após a recepção do seu novo hóspede, o acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER voltou à casa do declarante, à rua Maria Bastos, 48-A, acompanhado de uma menina magrinha, de quinze ou dezesseis anos de idade, a quem deu o nome de Elza Fernandes, mas que depois do seu assassinato, soube pela leitura dos jornais, que veicularam o seu desaparecimento, tratar-se de Elvira Cupello Calônio; que por essa ocasião, o acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER pediu ao declarante para também hospedar em sua residência a referida menor, sob a alegação de que se tratava, também, de uma companheira do Partido Comunista do Brasil, que depois de algum tempo deveria ser embarcada para São Paulo,

no que, aliás, o declarante aquiesceu; que Elvira Cupello Calônio (Elza Fernandes) mostrou desde logo ser uma boa companheira, empregando toda a sua atividade nos serviços domésticos do lar do declarante; que logo depois da chegada de Elvira Cupello Calônio (Elza Fernandes), apareceu em sua casa o acusado ADELINO DEYCOLA DOS SANTOS, membro do Partido Comunista do Brasil, mas que o declarante conhecia apenas pela alcunha de "Chico", que também se hospedou em sua casa, ocupando-se desde o primeiro dia em submeter a menor Elvira Cupello Calônio (Elza Fernandes) a longos interrogatórios; que o declarante não assistia aos referidos interrogatórios, mas deles tinha conhecimento, todos os dias, quando voltava do trabalho cerca das dezoito horas e meia, por intermédio do acusado FRANCISCO NATIVIDADE LYRA, que então tudo lhe informava, usando, pouco mais ou menos, das seguintes expressões: "O Chico, com lápis e papel na mão, imprensou hoje bastante a menina, e a camaradinha foi apertada numas perguntas"; que isso foi sucedendo até certo dia do mês de janeiro, ou começo de fevereiro [*Gaguinho antecipa a data em um mês*], do ano de 1936, quando apareceram na casa do declarante os acusados HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES, a quem o declarante conhecia pelo nome de Martins, e EDUARDO RIBEIRO XAVIER (Xavier); que nesse dia ali se reuniram, então, os acusados HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES (Martins), ADELINO DEYCOLA DOS SANTOS (Chico), EDUARDO RIBEIRO XAVIER (Xavier), FRANCISCO NATIVIDADE LYRA (Lyra Cabeção) e o declarante, que, aliás, ficou de parte; que, terminada a reunião, o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES (Martins) chamou o declarante, no alpendre que dá para o quintal, comunicando-lhe que Elvira Cupello Calônio (Elza Fernandes) não mais iria viajar para São Paulo porque, sendo traidora do Partido Comunista do Brasil, deveria ser assassinada; que o declarante vacilou, mas depois acedeu quando o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES (Martins) lhe declarou que se tratava de um ato de grande responsabilidade, aquele que haviam preparado e que iriam executar, contando com a colaboração do declarante; que isto feito, o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES pediu a Elvira Cupello Calônio (Elza Fernandes) que fosse fazer café para os presentes, no que a vítima, sorridente e satisfeita, prontamente acedeu; que, feito o café, a vítima trouxe uma xícara para o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES, que se achava sentado numa sala contígua, e preparou-se para sentar-se ao seu lado; que nesse instante, traiçoeiramente, o acusado FRANCISCO NATIVIDADE LYRA (Lyra Cabeção), vindo do quintal com uma corda na mão, juntou-se ao declarante e aos acusados ADELINO DEYCOLA DOS SANTOS (Chico) e EDUARDO RIBEIRO XAVIER (Xavier), entrando inopinadamente naquele compartimento da casa; que no momento em que a vítima, como já referiu acima o declarante, ia sentar-se, o acusado FRANCISCO NATIVIDADE LYRA (Lyra Cabeção) aproximou-se rapidamente da referida menor, envolvendo-lhe o pescoço com a corda, e, dando um violento puxão, fez com que ela tentasse uma reação; que nesse momento todos os acusados tiveram intervenção no ato do estrangulamento, diante da palavra de comando do acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES (Martins), dizendo que todos deviam ajudar a eliminar a "bandida"; que por essa

razão a referida menor foi atirada ao chão, participando todos do ato do estrangulamento, sem poder precisar, todavia, quais os que apertaram a corda e quais os que seguraram a vítima, insistindo, no entanto, em afirmar que todos os acusados acima mencionados, inclusive o declarante, tomaram parte na execução e na consumação do crime; que o declarante tem certeza, por essa razão, que o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES tomou parte em todos os atos do crime, e não se ausentou do local, a exemplo dos demais; que também não se lembra de ter visto o acusado EDUARDO RIBEIRO XAVIER haver sido acometido de qualquer síncope, não acreditando que tal tenha acontecido, devido ao espírito de decisão com que todos os acusados lhe comunicaram o assassinato de Elvira Cupello Calônio após a entrevista que tivera com Martins, como também à calma e à precisão com que todos cometeram o crime; que, morta Elvira Cupello Calônio, o acusado HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES (Martins) fez um pequeno discurso aos presentes, dizendo, no final, que haviam acabado de eliminar uma bandida…

Com seu pé-direito tão alto que se perdia na obscuridade, a amplidão da sala da Biblioteca Nacional onde se enfileiravam os antiquados monitores à manivela tinha uma imponência que contrastava absurdamente com a modéstia das instalações. O efeito era disparatado, como o de uma favelinha dentro da catedral: cadeiras desconjuntadas, fiação exposta, lâmpadas piscando. Só quebrava o silêncio o nheco-nheco das manivelas que quatro ou cinco pesquisadores pálidos empalmavam para desenrolar tiras de microfilme em suas piscinas de luz âmbar. Em foco ruim, desfilavam diante deles palavras mortas, ideias mortas, paixões mortas.

Gente morta.

Molina sentiu que seu corpo era embalado devagar, começando pelos pés e subindo, num filme de suor gelado. Tinha voltado ao prédio de Xerxes aquela manhã, mas não havia ninguém em casa. O porteiro, um baixinho antipático de lábio leporino com quem nunca sentira necessidade de trocar mais que um boa-tarde seco em suas visitas anteriores, não soube ou não quis lhe dizer nada além disto: não havia ninguém em casa.

O Princípio da Incerteza de Heisenberg. As palavras surgiram no monitor, embora não estivessem escritas lá, puxadas por uma velha notícia econômica envolvendo a falência de uma empresa multinacional chamada Heisenberg Inc. Aquilo acessou na cabeça de Molina uma leitura

adolescente arquivada, do tempo em que questões esotéricas de física o arrepiavam. O jovem físico alemão Werner Karl Heisenberg tinha enunciado a indeterminação inescapável de qualquer observação no reino das partículas subatômicas. Descobriu que a medição vicia o fenômeno observado, o que torna impossível aferir ao mesmo tempo a velocidade e a posição de uma partícula. Quando se tenta fixar a posição, a velocidade é afetada. Era 1927 quando Heisenberg formulou seu princípio — Elza tinha oito anos — e o impacto daquilo na filosofia, na arte, no próprio ar das décadas seguintes, acreditava Molina, era tão decisivo que dispensava comentários. O que talvez nem fosse verdade, mas para ele o princípio de Heisenberg era poesia, não física, e dispensar comentários o ajudava a não pensar muito. Mesmo assim sabia que Einstein nunca gostara daquela história de incerteza — embora tivesse sido o primeiro a apontar o caminho que daria lá — e contra ela chegou a invocar Deus, dizendo que Ele não joga dados. Mas na Biblioteca Nacional, aquela tarde, Heisenberg era no máximo uma metáfora aproximada do que Molina sentia, respirando fundo para tentar deter a mareagem que ameaçava transformar o prédio da Cinelândia num transatlântico em mar revolto. Parecia razoável supor que, quando o físico não estava olhando, as partículas elementares voltassem a se comportar com a pureza primordial que as caracterizava desde o início dos tempos. Se a pureza não podia ser observada, havia o consolo de saber que estava lá. Mas existiria o equivalente a essa terra firme — inacessível, mas firme — na história em que Xerxes o fizera mergulhar?

Dependendo do ponto de vista, um ponto de vista escolhido quase sempre de véspera, Elza não era flor que se cheirasse — ou era a vítima inocente de um massacre covarde. Miranda, um talento exuberante da militância comunista nacional com uma quedinha pela falastronice — ou o mais pérfido traidor da causa revolucionária que já brotou em nosso solo. Prestes, uma lenda, o maior herói da esquerda nas Américas — ou um líder carismático que perdeu o bonde da História e foi tragado pelos próprios delírios de grandeza. Ajudava pouco pensar que eles eram tudo ao

mesmo tempo, um pouco de cada coisa, numa espécie de caleidoscópio. E que nada era mais humano do que isso. A corrente do relativismo que tentou arrastar Molina aquela tarde na biblioteca era nojenta, viscosa. Queria transformar décadas de choques ideológicos, sacrifícios, sofrimento, heroísmo, exílio, lealdade, traição, coragem, horror, décadas de vida e morte, a própria substância do século XX, em matéria pastosa de comédia.

No início da noite, tomava no Amarelinho sua cota de chopes pós-biblioteca sentindo-se um náufrago, a cidade à sua volta um oceano de portas fechadas, quando o celular tocou. Estava tão certo que a ligação era de Camila que nem conferiu o número no visor, atendeu com o coração acelerado. Era o Zé. O amigo o convocava em tom enérgico para um encontro no Serafim dentro de meia hora. O traço de desespero na voz do Zé fez Molina imaginar alguma chatice familiar, uma briga com a Tiz, um desabafo aborrecido. Respondeu que tudo bem. Pagou a conta e seguiu a pé na direção do botequim de Laranjeiras. Meia hora seria o tempo justo de chegar, calculou, aliviado por ter um rumo.

Foi na esquina da rua da Glória com a ladeira curta que sobe da avenida Augusto Severo, em frente à praça Paris, que encontrou Elza. Os mesmos olhos tristonhos de sua única fotografia, os mesmos cabelos curtos, o mesmo corpinho empinado tensionando a pele morena. Os mesmos dezesseis anos. Só o short cavado e o bustiê eram incongruências, ruídos, sinais de um tempo decadente que a mocinha de Sorocaba não poderia ter imaginado. Ela disse:

Oi, amor. Programa completo é cem, você paga o motel.

Pronunciadas num tom que conseguia misturar sedução e indiferença, aquelas palavras não fizeram sentido para Molina. O que Elza estava dizendo? De onde vinha aquela voz que ele não reconhecia? E o sotaque caipira, onde estava? Por que ela não dizia *oi, amoirrr*, como uma boa menina sorocabana? Parado diante da criatura, Molina gaguejou:

Qual o seu nome?

Tábata.

Como a filha da Samantha?

As gargalhadas dos outros travestis o sacudiram de seu transe. Ih, alguém gritou em falsete, o cara vidrou! Numa vertigem, sentindo o rosto queimar, Molina tratou de se afastar o mais depressa que pôde do grupo parado na esquina. Ainda ouviu Tábata cuspir às suas costas:

Bicha.

O Serafim estava cheio. Na mesa ao lado, quatro sujeitos debatiam colericamente o assunto do momento na cidade, no país. A tortura seguida de assassinato de três garotos do morro da Providência por bandidos de uma favela rival, a do morro da Mineira, seria coisa banal, cotidiana, se as vítimas não tivessem sido *presenteadas* a seus algozes por um grupo de militares do Exército, sob o comando de um tenente. O tenentismo brasileiro tinha mudado muito. Metade da mesa parecia achar isso perfeitamente razoável; a outra metade, o fim do mundo. Berravam tanto que o Zé teve que falar quase aos gritos quando disse:

Tudo bem com a Camila?

O tipo da pergunta desagradável.

Ela está viajando, mas tudo ótimo, por quê?

Por nada.

Por nada o cacete, Zé.

Não, nada mesmo.

Ô Zé, me diz por que você me perguntou se está tudo bem com a Camila.

Molina, presta atenção, pode não ser nada.

O que pode não ser nada?

A Tiz sonhou que a Camila morria. E foi um sonho muito real.

Como é que é?

A noite passada. Ela me fez prometer que ia contar para você o quanto antes. A Tiz acha que a Camila pode estar em perigo.

Molina começou a rir com uma mistura de alívio e escárnio.

Você está falando sério, Zé? A Tiz sonhou?

Molina sempre achou que devia haver algo errado com uma Beatriz que, em vez de virar Bia, vira Tiz.

Presta atenção, não foi um sonho qualquer, disse o Zé. A Tiz acordou louquinha com essa história. Coisa muito real, muito impressionante. A Tiz tem disso, eu também não acreditava no começo, mas olha, tem umas coisas nos sonhos dela que são batata.

Quando ouviu o alô do outro lado da linha, Molina teve certeza de que Camila estava de volta. Passara mais uma noite quase insone, entre episódios de *Twilight Zone* e reviravoltas na cama, pensando no tenente da Providência, em Xerxes, em Elza, na namorada distante. A certa altura da madrugada, aquelas ideias desconectadas tinham estabelecido entre si relações cheias de significado, um significado que ele, incapaz agora de reconstituir por inteiro, sabia ser funesto. Gritou ao telefone:

Camila!

A risada que veio pelo fio era gostosa e humilhante.

Aqui é a Luz, Mô.

Mordeu o lábio inferior até doer. Era nisso que dava ligar sonâmbulo, antes de tomar café. Mas, passada a crueldade inicial, sua cunhada adolescente tinha boas notícias para ele:

A Camila chega hoje. Daqui a pouco, na verdade. Por que você não vem esperar por ela?

Foi. Meia hora depois estavam sozinhos no apartamento da rua do Russel, Luz em seu quarto, Molina na sala com um livro no colo: *A loucura de Stálin*, de Constantine Pleshakov. O autor contava como o ditador soviético, depois de passar anos cortejando o colega alemão, fora acometido de um surto de paralisia quando Hitler, irredutível em sua determinação de tratar o comunismo como inimigo do Terceiro Reich, tinha invadido a União Soviética. Molina avançava mal na leitura, distraía-se, consultando o relógio o tempo todo. A certa altura, não muito longe da

hora do almoço, Luz veio lá de dentro com pés descalços e se sentou ao seu lado no sofá.

Estou atrapalhando?

Vestia um short jeans justinho e uma camiseta amarela da Hello Kitty cortada com tesoura na barra. Molina fez um esforço enorme para despregar os olhos da barriga morena de Luz, com seu piercing prateado, sua sombra de penugem entre o umbigo e o botão do short parecendo apontar o caminho. Forçando o olhar para cima, notou algo que lhe escapara minutos antes, ao chegar: a menina tinha trocado o verde habitual de sua mecha por um padrão bicolor mais ousado, azul-turquesa e abóbora.

Imagina, respondeu.

Você lê demais, Mô.

Ele sorriu. O que podia dizer? Nunca tinha visto Luz ler nada além das apostilas em que se debruçava para o dever de casa, sempre com o iPod nos ouvidos. Não tocava nem nas revistas de celebridades que sua mãe colecionava. Em quase um ano de convivência com as moradoras daquela casa, Molina tinha transitado do desprezo a um certo respeito por esse traço de personalidade da cunhada. Luz nutria uma indiferença mais forte que a vida por tudo o que existira no mundo antes de Luz. Não chegava a ser uma forma de egoísmo, ou talvez fosse mais do que isso. Luz habitava seu presente, seu corpo, sua extrema juventude com uma inconsciência gloriosa. Se fosse filósofa, seria uma idealista: o mundo só existia na medida em que ela, ao testemunhá-lo, lhe conferia existência. Bastava virar as costas e babau. Antes de Luz — do Fiat Lux? — só havia o caos, o indeterminado, o breu. Não que ela ignorasse marcos históricos, datas, nomes, essas coisas cheias de ranço escolar. Era inteligente o bastante para decorar e repetir mais ou menos adequadamente tais matérias. Molina suspeitava que não fizessem lá muito sentido para ela, mas sabia que há anos ninguém precisava captar sentido algum para ir adiante no sistema escolar do país de Luz.

Era quando o assunto recaía em artigos culturais de ampla circulação que a menina se destacava. Como os Beatles — o exemplo que ele julgava mais impressionante. Ou as pirâmides do Egito, o movimento hippie, o caminho de Santiago de Compostela, Lampião e Maria Bonita, Charlie Brown, Marilyn Monroe, Hitchcock, Hiroshima, o papa, Tom Jobim. Era nesses momentos de trívia banal que a ignorância de Luz, feito uma cauda de pavão macho em plena dança do acasalamento, se eriçava em todo o seu esplendor. Ela não sabia nada dessas coisas. Não queria saber. Fazia questão de não saber e, mais do que isso — eis o passo em que Molina vislumbrava um quê de genialidade no apedeutismo de Luz e sua geração —, morria de orgulho de não saber, erguendo bem alto o estandarte de sua idiotice. De resto, era uma menina legal.

Sem mais nem menos, como quem comenta que vai chover, a menina legal disse:

Você sabe que a Camila está viajando com um carinha aí, não sabe? Um tal de Franco?

Como é que é?

Luz abanou a cabeça com ar de desolação.

Você não sabia.

Molina se sentiu afundar no sofá. O Franco?

Ela sorriu com escárnio: como podia haver tanto escárnio no sorriso de uma menina tão novinha?

O Franco-Franco?

Desculpa te dar a notícia assim, Mô.

De pálido, Molina foi ficando escuro, arroxeado.

Você está falando sério?

Enterrou a cabeça nas mãos, dedos na testa feito lâminas de arado. Sentindo Luz lhe acariciar os cabelos, ainda não acreditava por completo. Camila, uma vadia, mentirosa profissional? Ocorreu-lhe que sua incredulidade era uma defesa, um anestésico natural secretado pelo organismo em caso de dor aguda. Pois era tudo bem claro, idiota que fora. Fazia o maior sentido — aquela admiração doentia pela Cobra. Vaca!

Mô.

Tá, Luz. Não fala mais nada.

Eu gosto de você, Mô. É chato ver você sendo feito de palhaço.

Tá, agora fica quietinha e me deixa pensar?

Pensar o quê?

O que eu vou fazer com o pescoço da sua irmãzinha.

Ah, não vai fazer nada.

Aquilo o feriu. É claro que vou, protestou.

Vai nada. Com o pescoço dela, não vai. É bonzinho demais para isso. Pode até dar uma de macho e ir embora, dispensar a vagabunda e ir curar a dor de corno com outras vagabundas. Isso pode, mas olha… no máximo!

Molina teve, por meio segundo, a impressão de que Luz estava se divertindo como nunca. De repente se esganiçou, imperdoável:

O que será de mim?

A menina o fitou com ar triste, um sorriso desbotado nos lábios, e disse:

Você é um mané, Molina. Um manezão. Deve ser gostoso, senão minha irmã não estava com você, que aquela, ninfo daquele jeito, não aguentava. Mas um mané gostoso é mané do mesmo jeito.

Os olhos dele se encheram de lágrimas. Como se quisesse confirmar o diagnóstico da menina, murmurou: Ah, Camila…

Luz se levantou do sofá com um salto. Me poupe, disse, e sumiu nas profundezas do apartamento.

Ele ficou olhando para a tela escura da TV gigante que dominava a sala. Aos poucos, foram se formando na superfície negra imagens de Camila engajada em posições rebuscadas com Franco. Dele, dele, dele? Chorou um pouco, parou de chorar, chorou de novo. Logo se deu conta de que as cenas do filminho pornô começavam a se repetir. Seu estado de abjeção imaginosa exigia mais informações, datas, detalhes. Levantou-se resoluto e caminhou com passos largos até o quarto de Luz.

A porta estava entreaberta. Empurrou-a.

Em pé no centro do aposento, mãos na cintura, a adolescente o encarava sob a mecha azul-abóbora. Havia roupas junto de seus pés

descalços: um bolinho de tecido amarelo, uma mancha azul de jeans. As roupas que ela usava há pouco.

Sobre o corpo de Luz não havia roupa nenhuma.

Por que demorou tanto?

Caminhou até ela e caíram na cama desfeita.

Meia hora depois adormeceu, desmaiou, abraçado à cunhadinha. Acordou com um berro demente, um berro de filme de terror. Antes mesmo de se virar e ver Laura na porta do quarto, Molina já sabia que estava perdido.

# 10.

*No livro* Prestes: Lutas e autocríticas*, que tem por base uma longa entrevista concedida por ele aos jornalistas Dênis de Moraes e Francisco Viana em 1982, o Cavaleiro da Esperança diz:*

> Eu não mandei matar Elza. O que ocorreu foi que a polícia ligou a morte dela com uma carta minha, escrita antes de ser preso, em que eu recomendava punição para os traidores. Quem mandou matar Elza foi o partido.

*Até morrer, em 1990, Prestes negou sua participação na morte de Elvira Cupello Calônio. No entanto, mesmo nas fileiras da esquerda é difícil encontrar hoje um historiador sério que negue as evidências contidas naquela correspondência de fevereiro de 1936. O máximo que se faz é recorrer à atenuante da* Realpolitik*, do guerra-é-guerra, nada menos que a velha* raison d'État *— a mesma que o governo Vargas poderia invocar para justificar seus próprios crimes, apenas vista de cabeça para baixo pela óptica de uma insurreição. Como me disse, em entrevista por e-mail, Anita Leocádia Prestes:*

> O referido justiçamento foi empreendido pelo PCB numa conjuntura política, que era considerada de guerra revolucionária. E na guerra, o inimigo ou o traidor devem ser tratados como tais. No caso, as informações de que dispunham os dirigentes do PCB eram de que Elvira Cupello estava a serviço da polícia, delatando os companheiros. Se houve erro, ele decorreu do erro maior, de uma falsa avaliação da situação política daquele momento.

*Que houve erro — e erro grave — no caso Elza Fernandes é algo que hoje ninguém discute. O próprio Prestes destaca isso no depoimento de 1982:*

> O levante de 35 deixara cicatrizes profundas. Não só por causa das prisões. Mas pela sucessão de erros que o partido cometeria no final dos anos 30 e no princípio da década de 40. Um dos saldos mais negativos foi o justiçamento da mulher de Miranda, secretário-geral de 35. Ela saiu da cadeia e começou a visitar os companheiros para contar o que estava acontecendo; não tinha nenhuma ligação com a polícia. Era apenas uma inocente útil. Pessoa de precária formação política, quase ignorante, não notou que estava sendo seguida. E em toda casa que ia, uma pessoa era presa. Foi então justiçada. A pessoa que a matou, anos depois, suicidou-se, atormentada pela constatação de que cometera um crime e não um ato de justiçamento.

*É preciso ler esse trecho com reservas: se a insistência de Prestes em se eximir de culpa é a mesma de sempre, a referência a prisões em série no rastro das visitas de Elza e a menção ao suicídio de seu assassino introduzem novos elementos de confusão. Assim que saiu da cadeia, Elvira foi a Copacabana e bateu na porta de um médico simpatizante, que Miranda havia lhe dito ser capaz de ajudá-la. Isso deu alguma dor de cabeça ao dr. Barbosa de Mello, que prontamente rechaçou a moça, mas nada grave. Quanto ao suicídio, Prestes parece misturar o caso da Garota com o de Tobias Warschawski, estudante tijucano justiçado em 1934. Um dos supostos assassinos de Warschawski apareceu morto algum tempo depois, num aparente caso de suicídio. Apesar dessas imprecisões, o que resta no discurso de Prestes é suficiente para deixar claro que, a seu juízo, ainda que com algumas décadas de atraso, Elza era absolvida da acusação pela qual a mataram.*

*Juntando isso ao que sabemos de outras fontes, é legítimo deduzir que Prestes se arrependeu daquela carta de 19 de fevereiro, o pito de pai severo que determinou o destino da moça. No entanto, reconhecido o erro da decisão de justiçar Elvira, resta a questão de sua autoria, e esta ele jamais*

*assumiu. Chegou a apresentar uma versão fantasiosa do julgamento que o condenou como mandante do crime:*

> Eu lembro bem: antes do julgamento, Sobral Pinto me segredou no ouvido que eu seria absolvido. Eu indaguei: "E os demais?". Estes serão condenados, ele respondeu. Não aceitei isso. Estávamos em 7 de novembro de 1940 (aniversário da Revolução Russa, pelo calendário gregoriano) e a situação não era animadora: o Comitê Central do Partido, Bangu, Honório, Xavier, toda a direção, enfim, tinha caído. Quando entrei para ser julgado, o juiz era o Mayard, tenente de 22. Eu denunciei as condições em que vivia Berger, que deveria estar num asilo, e disse: "É um orgulho estar diante deste Tribunal reacionário no dia do aniversário da gloriosa Revolução Russa…". Mayard respondeu que aquilo não tinha nada a ver com o recinto e eu o contestei: "O aniversário da Revolução Russa é uma data da humanidade". Foi aí que Raquel Gertel, que assistia ao julgamento, gritou: "Viva Prestes!". A polícia invadiu o recinto, ela foi presa. Eu acabei sendo condenado a trinta anos, embora estivesse absolvido. Quem lê a sentença percebe claramente que o juiz transformou, no último momento, a absolvição em condenação. E eu realmente merecia ser absolvido porque não tinha nada com o crime — um ato brutal que devia ser evitado. O Honório, quando foi preso, confessou sua responsabilidade. Outros membros do partido também.

*No livro* Combate nas trevas, *o historiador comunista Jacob Gorender critica Prestes pelo que chama de "pseudoautocrítica". Ele constata o óbvio: nada naquela sentença de 1940 corrobora a tese da metamorfose tardia de absolvição em condenação. Acrescenta que o discurso do enviado do Comintern no Tribunal de Segurança Nacional "teve finalidade diversionista: Prestes quis evitar uma definição sobre sua participação no assassinato de Elza Fernandes". Uma participação que, a partir da análise da correspondência de fevereiro de 1936, Gorender considera provada acima de qualquer dúvida. A carta em que Prestes se mete a grafólogo a fim de sustentar a inocência de Miranda — e, portanto, a culpa de Elza — leva o historiador a dizer:*

> Difícil imaginar maior leviandade. Sabendo que dele depende a vida de um ser humano, de uma companheira de Partido, faz análise grafológica de memória. Sem ser grafólogo, opina que

os bilhetes de Miranda são forjados, quando os membros do secretariado insistem na sua autenticidade.

Esta leviandade, bem característica do mitológico herói, tem a ver com um traço de sua formação intelectual, revelado na carta de 19 de fevereiro e em incontáveis situações posteriores: a completa insensibilidade a informações novas que contradigam decisões tomadas com base em prejulgamentos.

*O veredito de Gorender é duro:*

Quando afirma, quase cinquenta anos depois, que o crime brutal devia ser evitado — Prestes diz a verdade. Quando se isenta de culpa e joga toda responsabilidade sobre o Partido — mente. Prestes orientou o julgamento de Elza e aprovou a sentença de morte. No momento em que o secretariado nacional pretendeu recuar, exigiu a execução. Naquele momento delicadíssimo, um mínimo de sensibilidade de sua parte seria suficiente para salvar a vida de uma companheira inocente e evitar o "crime brutal". Ao invés, empurrou Elza Fernandes para a morte por estrangulamento.

*Marly Vianna, que gravou trinta horas de entrevista com o velho dirigente para seu livro, me contou que, por duas vezes, tentou levá-lo a falar do delicado assunto. "E o caso da Elza?" Em ambas as vezes Prestes se esquivou: "Não, isso aí foi outra coisa, foi outra coisa", dizia, como se, ocupado com uma linha de raciocínio diferente naquele momento, adiasse a conversa para hora mais oportuna. Uma hora que nunca chegava. Prestes simplesmente não conseguia encarar o tema. "Foi a única coisa que ele não quis discutir", diz Marly, que entendeu a deixa e não tocou mais no assunto.*

O telefone tocou no meio da manhã. Não tocava nunca, mas tocou, estava tocando. Engano, claro. Ou telemarketing. Teve que tocar mais algumas vezes enquanto Molina emergia penosamente do abismo e esticava o braço para atender.

Luxemburgo Participações, um *momeiinnto*.

Como assim, um momento? Foi você quem me ligou, sua anta!, ele teria gritado para a moça, se gritar não desse tanto trabalho e se a voz, com seus respectivos ouvidos, ainda estivesse lá. Mas já não estava, substituída por uma musiquinha de pianola vagamente familiar. Impressionante como todo mundo que trabalha falando ao telefone neste país, de Roraima à fronteira gaúcha, fala com sotaque paulistano, Molina pensava, vagamente surpreso de constatar que sua apatia ainda não lhe embotara por completo o espírito crítico.

Então, com um sobressalto, identificou a melodia.

A princípio achou que fosse ilusão auditiva, mas concentrou-se nos compassos seguintes e de repente não havia a menor dúvida: em versão para caixinha de música, blim-blim-blom, estava ouvindo nada menos que *Bella ciao*, a velha canção comunista italiana que Xerxes lhe ensinara:

*Una mattina mi son svegliato,*
*o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!*
*Una mattina mi son svegliato,*
*e ho trovato l'invasor.*

Alguma coisa indefinida acordou dentro de Molina. A voz voltou, mais cantante ainda:

Obrigada por aguardar. Eu poderia falar com o sr. *Moliiina*?

Sim.

É o sr. *Moliiina* quem está falando?

Sim.

Um *momeiinnto* que a dra. Rosa de Torrelodones vai estar falando.

Quem?

Um *momeiinnto*.

Que o nome de Xerxes não era Xerxes, Molina já sabia. Era inacreditável que, jornalista, não tivesse tirado isso a limpo ainda na primeira semana de entrevistas com o velho, depois que digitou seu nome no Google acompanhado de referências variadas da história que ele

contava e o resultado da busca foi zero. Na época não achou que aquilo fosse um problema, pelo menos não do tipo urgente. Xerxes era Xerxes como Elza era Elza, Miranda era Miranda, Gruber era Gruber. O que era um mero registro civil diante disso?

Além do mais, pensava, teria todo o tempo do mundo para tratar dos detalhes burocráticos de seu livro. Parecia-lhe de um mau gosto imperdoável a ideia de perturbar com trivialidades cartoriais o fluxo mnemônico daquele velho que se recusava a morrer — pirâmide, hieróglifo — com sua bengala, seu olhar revolto.

Agora, porém, empacado numa história inacabada que se recusava a fazer sentido e sem um nome ou sobrenome por onde começar a buscar uma solução, o que Molina achava imperdoável era justamente aquele lapso, prova definitiva de sua incompetência e pendor para a inação, seu talento extraordinário para se meter em becos sem saída. *O mundo não é senão o produto do espírito que dialoga consigo mesmo*, a frase começou a assombrar suas noites em claro sem que ele soubesse de onde tinha vindo. Seria de Rod Serling? Lembrou-se do que Camila costumava dizer sobre sua paixão por *Além da imaginação*: que só um adolescente eterno se impressionaria tanto com o efeito *bóing* daquelas historinhas filmadas antes dele nascer, a súbita reviravolta e a euforia de descobrir que, ah, *então era isso*! Era isso — o quê? Noites seguidas, a ausência de Camila latejando como uma dor física, acordava de um sonho arfante em que havia uma máscara sob outra máscara sob outra máscara, ao infinito, e dava com aquela frase a espreitá-lo do fundo da consciência feito uma legenda que não explicava nada: *O mundo não é senão o produto do espírito que dialoga consigo mesmo*. Acabou se acostumando com ela, com a burla que suspeitava não ter estado nas intenções de seu autor, embora fosse o que ela tinha de melhor — o espírito que dialoga consigo mesmo ficando sem assunto, será que vai chover? Acho que não. Talvez de madrugada. Pode ser, pode ser.

O porteiro de lábio leporino perdeu a paciência com ele na altura da décima visita. Ninguém em casa, dizia no início: apartamento fechado. Um dia mudou o discurso: Já vieram buscar a mudança, esteve aqui um caminhão, e parecia feliz de espezinhar daquele jeito as esperanças de Molina. Que, em todo caso, não ia desistir tão fácil de reencontrar Xerxes e continuou aparecendo no prédio do Flamengo dia sim, dia não. Será que não tinham deixado uma carta para ele? Um recado? Foi quando o porteiro perdeu a compostura e ameaçou chamar a polícia. Molina teve um ataque de riso. Por mim pode chamar o Filinto Müller, gritou, histérico, pode mandar o Romano me torturar com agulhas! O homem pareceu se assustar de verdade. O senhor é louco, gaguejou, este é um prédio de família, nos deixe em paz, por favor.

*Às vezes o tempo fica ralo. Em outras, coagula*. Isso, sim, era de Rod Serling, mas em que episódio de *Twilight Zone* a voz radiofônica — uma voz de outro tempo, coagulada — dizia aquelas palavras? Viu um DVD atrás do outro em busca da resposta. Dias, semanas, meses de busca. O tempo cada vez mais ralo. A voz de Xerxes saindo do computador em um dos vinte e cinco arquivos sonoros que perfaziam noventa e sete horas de gravação lhe preenchia os dias. Às vezes, cansado da tela em branco, Molina escrevia um trechinho do que o velho falava, mas a ideia de transcrever aquilo tudo, escavar a montanha com sua pazinha de praia, lhe dava vontade de morrer. Um dia não aguentou mais ouvir a conversa de Xerxes e desde então o apartamento ficou em silêncio, ou o mais perto disso que se pode chegar estando a poucos metros dos bilhões de ônibus da Praia de Botafogo.

Saindo cada vez menos de seu apartamento-catacumba, um Molina magro e barbudo esperou que o tempo voltasse a coagular. Dias, semanas, meses. Anos? Décadas?

E um dia ele coagulou.

Um *momeiinnto*.

O sobrenome era Torrelodones. Havia um endereço também, na rua São Clemente. Tudo naquela história conspirava para fazê-lo caminhar.

A sede da Luxemburgo Participações era mais chique do que Molina esperava. Ele não sabia o que esperava, mas certamente nada tão aristocrático quanto aquele casarão no fundo de um amplo jardim folhudo e úmido, povoado por fontes e bancos de pedra rajados de limo. Com seus clichês clássicos — aqui um leão cuspindo, ali uma Vênus de torso nu com seu jarro, lá no canto um manequinho —, as fontes criavam no jardim sombreado, a poucos metros de distância de uma artéria urbana nervosa, entupida, infernal, um ambiente tão sugestivo de paz que Molina por pouco não cedeu ao desejo de se deitar num dos bancos e ali permanecer para sempre, lesma, taturana, esquecido de si na bolha de silêncio que o rumor de água corrente tornava mais silenciosa. A atração era tão forte que só podia provir de uma das nascentes secretas da primeira infância. Quem o teria levado a passear de carrinho de bebê num jardim parecido com o da Luxemburgo Participações?

Foi fácil transpor a fachada branca do casarão, ao fim de quatro largos degraus de mármore e através de uma porta maciça de madeira trabalhada. Denunciado por câmeras onipresentes, viu a porta se abrir com um claque antes que pudesse acionar a campainha. Ao entrar, porém, compreendeu que a fachada era apenas a casca. Dentro dela havia uma outra, toda de vidro, com uma porta giratória e seguranças de terno, como numa agência bancária. Impossível saber quantos pares de olhos estavam pregados nele naquele momento. Controlou o impulso de dar meia-volta e sair correndo dali. De qualquer modo era tarde, a porta de madeira já se fechava às suas costas.

Ao passar pela roleta de vidro, ficou esperando o momento em que ela travaria para prendê-lo, ratinho de laboratório. Foi com uma sensação absurda de surpresa, quase um desfalecimento, que se viu do lado de dentro da gaiola climatizada. O pé-direito se perdia nas alturas, uma luz

violácea boiava no ambiente vazio, certa musiquinha *new age* — aquilo que nos anos 80 era chique chamar de atmosfera — soprava de alto-falantes ocultos. Fora os dois seguranças de terno que ladeavam a porta giratória, e que não pareciam humanos em suas posturas ridiculamente tesas, os olhos de Molina demoraram a localizar outros seres vivos no saguão.

À sua frente, a uma distância de dez passos que o tapete fofo tornava maior, viu uma bancada de granito de onde sobressaíam dois monitores de cristal líquido. Meio escondidas atrás deles havia duas bonecas Barbie, maquiagem pesada, o mesmo coque e a mesma roupa. As recepcionistas da Luxemburgo Participações eram gêmeas idênticas.

Quando Molina se identificou, a Barbie da esquerda fez sinal para um dos homens de terno, que veio andando até ele e, numa voz polida que não combinava com sua carantonha de bisão, disse: Queira me acompanhar, senhor. Um breve passeio de elevador depois, era deixado pelo segurança num amplo escritório de dois ambientes — mesa de trabalho de um lado, sala de estar do outro, livros em encadernações de luxo em estantes envidraçadas, obras de arte espalhadas pelas paredes e pelo chão. Molina não era nenhum expert, mas podia jurar que aquela pedra com um buraco no meio à sua direita era um Henry Moore autêntico.

No ambiente de estar, à esquerda, a mulher se ergueu para recebê-lo.

Rosa de Torrelodones era a coroa mais elegante que Molina já tinha visto. Seus cabelos nada tinham de vermelhos, como lhe parecera ao cruzar com ela na contraluz da portaria do prédio de Xerxes, ela de olhos úmidos, ele em fuga. Eram de um bonito louro misturado com grisalho, a cor exata que teriam os cabelos de Grace Kelly se ela um dia tivesse interpretado uma mulher de sessenta anos. Cortados à meia altura, impecavelmente escovados e presos por uma faixa branca de tecido fino, os cabelos emolduravam uma máscara facial harmônica em que apenas as rugas indispensáveis confirmavam a idade que sua aparência geral sugeria. E tinha aqueles olhos.

A princípio os olhos de Rosa lhe pareceram do mesmo verde dos de Xerxes, mas logo se percebia estarem um ou dois graus adiante na escala que conduzia ao azul. O suficiente para, em vez de matéria líquida, como era o caso do velho, invocarem algum minério cristalino do tipo que faria magotes de bandeirantes morrerem dez vezes de malária e voltarem do inferno para pedir mais.

Meu nome é Rosa de Torrelodones, disse ela, estendendo a mão e encaminhando Molina para o sofá. A voz era a perfeita tradução sonora de sua elegância. Em nome do meu pai, tenho uma dívida com você. Ele lhe garantiu um mínimo de três meses de trabalho, e consta que falta pagar um. É isso mesmo?

Molina confirmou com a cabeça.

Peço desculpas por ter demorado todos esses meses a entrar em contato. Antes de morrer, papai me fez prometer que o procuraria imediatamente. Mas a agonia final foi tão longa, e tanta coisa ficou de pernas para o ar na empresa… Acabei deixando para o fim esse, ela tossiu, hmm, experimento de papai. Peço desculpas. Estou pronta a acrescentar um bônus ao seu pagamento, a título de juros e indenização por qualquer constrangimento que tenhamos lhe causado. Naturalmente, vou lhe pedir que assine um termo nos isentando de toda responsabilidade.

Molina levantou um indicador, como se tivesse dez anos e pedisse licença à professora para falar em classe.

A senhora é filha do Xerxes?

Nas circunstâncias, o sorriso da mulher foi até bondoso, ele achou.

Meu pai se chamava Pedro de Torrelodones, meu caro jornalista.

Escritor, disse Molina.

Pensei que soubesse a esta altura. Então vamos ter que começar do início?

Parece apropriado.

Você foi enganado, disse a mulher, com surpreendente brusquidão. Meu pai o envolveu numa conspiração lá dele, um de seus projetos

pessoais idiossincráticos — o mais idiossincrático de todos. A obra-prima, o oohhh! final antes de sair de cena.

Isso quer dizer, começou Molina.

Quer dizer que meu pai nunca se chamou Xerxes, nem mesmo em codinome. E que nada daquilo aconteceu com ele.

Sentiu a luz ficando baixa, o estômago dando um lento volteio.

Papai pretendia lhe contar tudo no fim, abrir o jogo, mas não teve tempo, ia falando a mulher, mas Molina já não ouvia.

Abre os olhos. Está deitado num sofá, sem sapatos, colarinho e cinto afrouxados. Não demora a reconhecer o escritório suntuoso de Rosa de Torrelodones, mas a filha de Xerxes não está à vista. É uma loura mais jovem quem lhe faz cócegas nos dedões dos pés com uma pena grande, uma pena de pavão. Molina demora um pouco a reconhecê-la. Quando a viu pela última vez, ela usava uniforme de enfermeira e não esses trajes negros de dominatrix. Sem sua roupa branca, a Katharina que umas poucas tiras de couro mal escondem é uma mulher vasta, peituda, sensacional. Ao perceber que Molina abriu os olhos, dá um sorriso, põe a pena de lado e pega um chicote com pontas de metal serrilhado. Ele começa a gritar.

Abre os olhos. Está deitado no sofá, sem sapatos, colarinho e cinto afrouxados. Katharina acaba de lhe aplicar uma injeção. A febre está baixando, ela diz.

E quando voltou a abrir os olhos, quem estava à sua frente era Rosa de Torrelodones. Sentada na poltrona oposta, do outro lado da mesinha de centro, a mulher mantinha aqueles olhos dela pousados nele enquanto tomava chá numa xícara de porcelana chinesa. Outra xícara e um bule fumegante no mesmo padrão estavam sobre a mesa.

Devo-lhe desculpas mais uma vez. O modo como dei a notícia foi de uma grosseria horrenda.

Envergonhado de sua posição vulnerável no sofá, Molina se sentou. Abotoou a camisa. Sua roupa estava encharcada.

Não sei o que deu em mim, balbuciou. Acho que tenho me alimentado mal.

Rosa encheu a segunda xícara e a estendeu: Vou mandar trazer uns biscoitos. Ou você prefere *scones*?

Pode ser, ele disse. Não sabia o que eram *scones*, mas nunca tinha tomado um chá tão gostoso.

Lamento se dei a impressão de que papai lhe desfiou um rosário de mentiras, que tudo aquilo era falso. Pelo contrário! Talvez eu tenha sido traída, admito, por um certo despeito. O modo como papai conduziu esse projeto sozinho, dispensando minha ajuda, não era habitual. Aquilo me magoou. Sempre fomos tão unidos. Poucas filhas podem se orgulhar de ter feito por seus pais o que eu fiz por Pedro de Torrelodones, e os olhos de Rosa, ao pronunciar essas palavras, tinham um brilho de desafio que fizeram Molina ponderar, inquieto, o que exatamente ela queria dizer. Mas preferiu se afastar de mais aquela borda escura: a história já tinha abismos demais. Em vez de outra queda livre, o momento exigia o contrário, que ele se erguesse em seu ultraje para cobrar uma reparação.

A senhora disse que seu pai não viveu nada do que me contou. Agora, diz que nada era mentira. Em qual das duas Rosas devo acreditar?

A mulher o fitou com expressão divertida.

Só existe uma Rosa, caro jornalista.

Escritor.

Uma Rosa só. Os Pedros é que eram incontáveis. Meu pai lhe disse que foi ator na juventude? Ou melhor, até eu estou confusa, há que corrigir o ponto de vista aqui — contou que seu irmão gêmeo foi ator? Seu irmão chamado Pedro?

Sim.

Pois então. O ator era ele mesmo. Seu irmão, Paulo, foi quem você encontrou todos aqueles dias. Quem lhe contou a história do amor infeliz de Elza e Miranda, o triângulo que se esboça e não chega a se desenhar por inteiro. O triângulo que fica parado no ar, gesto interrompido, como a

própria revolução — quem contou tudo isso a você foi o Paulo. E nada, nada era mentira. Para o Paulo, era a verdade mais profunda que se possa imaginar.

Mas Xerxes era Pedro, disse Molina.

Interpretando o papel de Paulo, disse Rosa. Dando voz a seu irmão morto. Contando a história que o tio Paulo teria contado com as mesmas palavras de revolta que ele usaria, o mesmo ímpeto de fazer justiça a Elza Fernandes, o amor da sua vida, se ao menos a vida lhe tivesse dado esse tempo.

Seu pai resolveu brincar de Deus, disse Molina, sentindo-se cambalear entre sentimentos de horror, indignação e fascínio.

De Deus? Eu não diria isso: papai era ateu. De dramaturgo, sim. E de ator. Daí a necessidade de uma plateia. O teatro só pode existir se a quarta parede der para o público. No caso, o público era você. Duvido que possa começar a compreender o privilégio de ter sido escolhido para o papel.

Molina depôs a xícara na mesa de centro e levou as duas mãos ao rosto. Esfregou os olhos com vigor masoquista.

Papai foi um grande ator, disse Rosa. Pedro Torres. Na época os atores tinham nomes simples, ele achou melhor simplificar, desbastar o Torrelodones. Ensaiou muito para ser Paulo, foi um processo dolorosíssimo. O trabalho teatral da vida de papai, sem dúvida nenhuma. Acredite: ele *virou* o tio Paulo. Antes de morrer, me confessou que não sabia até que ponto você tinha embarcado na história. Sempre foi perfeccionista, não se perdoava por ter sido incapaz de levar o projeto até o fim. E seu orgulho sofria com os furos que tinha deixado, as incongruências. *Bella ciao*, por exemplo.

O que tem *Bella ciao*?

É uma canção italiana da Segunda Guerra. Não poderia ter sido cantada numa festa comunista do Brás em 1934.

Molina conteve o ímpeto de varrer o serviço de chá de cima da mesa com um safanão. Vociferou:

Seu pai era comunista, pelo menos?

Naturalmente, e uma nota de impaciência fez desafinar um pouco a bela voz de Rosa de Torrelodones. Comunista até o fim. Como eu disse, nada era mentira. Papai renegou o integralismo quando Hitler botou as garras de fora. Entrou no Partido na época em que o tio Paulo saiu, exatamente como lhe contou. Quando morreu o velho Enzo, pai de Gina, ela e meu tio se mudaram para São Paulo. Parece que a mãe dela tinha escrito uma carta muito lacrimosa pedindo perdão à filha, dizendo que precisava da sua companhia, e lá foram eles. Foi assim que o tio Paulo se aproximou de Sacchetta e acabou caindo em desgraça junto com o grupo dele, em 1938. Papai tinha grande apreço por esse episódio, sofreu muito em seus últimos dias por não ter conseguido encená-lo para você. O plano era falar do caso uma tarde inteira, esmiuçar aquele livro do Jorge Amado em que o Sacchetta, disfarçado de Saquila, é chamado de traidor sujo, de policial. Aquele catatau stalinista em três volumes que o Sacchetta chamou de romance teratológico.

*Os subterrâneos da liberdade*, disse Molina.

Isso. E você sabe quem o grande escritor estava defendendo, não sabe?, Rosa o olhou fixamente. Quem era o homem que expulsou Sacchetta, tio Paulo e os outros como trotskistas?

Receio não me lembrar agora.

Ora, meu caro jornalista: Lauro Reginaldo da Rocha, o ilustríssimo Bangu. O sujeito que disse ao Prestes que ali não tinha sentimentalismo, que a Elza ia morrer e pronto.

Molina não queria ceder à tentação de uma conversa amigável. Olhou em volta com um sorriso sarcástico, braços abertos, abarcando escritório, prédio e jardim.

Para um comunista, seu pai parece ter sido um capitalista e tanto.

Em vez de se ofender, como ele esperava, Rosa balançou a cabeça concordando.

Pedro de Torrelodones começou a ficar rico em meados dos anos 70, assim que desistiu da luta armada. No princípio, contrabandeava charutos cubanos. Depois rum e, por tabela, vodca. E daqui para o outro lado — eletrodomésticos, uísque, calças jeans. Gostava de dizer que havia dois mundos vivendo lado a lado, cada um contido em si, mas era como se só uma membrana translúcida os separasse. Em geral, acho que por influência do Muro de Berlim, ou talvez da Cortina de Ferro, nós nos habituamos a falar daquela fronteira com metáforas duras de concreto, arame farpado, guardas armados até os caninos. Esqueça isso. Imagine um tecido delicado como uma membrana, nem mesmo uma membrana, nada além de uma película quase imaterial de resistência molecular, como a que existe entre água e óleo. Parece pouco, parece nada, mas é o suficiente para conter em seus lugares dois universos, cada um com sua densidade. Era assim que papai via o mundo da Guerra Fria. Um dia descobriu que as possibilidades que se ofereciam para quem conseguisse transitar de um lado para o outro, trespassando a membrana como quem atravessa uma cortina de água, eram infinitas. Aprendido o truque, dominada a mágica, estabelecidos os contatos, ele dizia que era como ganhar acesso a uma consciência superior. Papai virou um semideus. Daquela nova posição enxergava tudo com uma clareza de ofuscar, as dinâmicas de circulação de riqueza de um lado e do outro desenhadas como rotas fosforescentes no breu: os pontos de tensão, os desequilíbrios mais evidentes, os lugares em que a membrana implorava a todas as leis da física para ser furada. Não sei se você entende o que estou falando. Não tem nada a ver com política, ideologia. Essas noções tinham validade em cada um dos mundos, claro. Uma validade dramática: matava-se por elas, morria-se por elas. Mas papai costumava dizer que, assim que se viu naquela zona de fronteira, o que mais o impressionou foi como essas coisas ficavam vazias. Feito propaganda de produtos saídos de circulação.

Isso é relativismo político barato, rosnou Molina.

Rosa de Torrelodones lhe devolveu um sorriso límpido.

Nada a ver com relativismo. Nem político nem moral. Papai nunca disse que os dois lados eram iguais. Imagino que esse tipo de comparação fosse algo que simplesmente não vinha ao caso de seu novo ponto de vista. O mundo que ele me descrevia quando começou a me preparar para trabalhar com ele, no finzinho dos anos 70, era mais análogo ao da bioquímica, com sua troca de elementos que ansiavam, mais que isso, *tinham* de passar de um ambiente para o outro. Algo totalmente compatível com o espírito do marxismo, se você pensar bem: enquanto o mundo inteiro não virasse comunista, enquanto a luta de classes não fosse abolida em todos os cantos do planeta, haveria a necessidade dessa troca. E como cada lado da membrana obedecia a sua própria lógica, instaurava seu próprio tempo, era um pouco como embaralhar habilmente o passado e o futuro, jogar com isso. Como saber hoje o nome do cavalo que vai chegar na frente amanhã. Depois que você pega o jeito, papai costumava dizer que era covardia. Em dois anos estava rico. Em dez, milionário. Quando caiu o Muro e tudo desmoronou, a Luxemburgo Participações já estava distante da sua origem, vamos dizer, escusa. Tinha virado uma empresa completamente legítima, para usar as palavras de Michael Corleone.

Rosa fez uma breve pausa e acrescentou, com um sorriso que só durou enquanto durou a frase, como se a pusesse entre parênteses: Papai tinha adoração por Michael Corleone.

Novamente grave, prosseguiu:

Há dois anos e quatro meses soubemos do tumor cerebral. Um tumor gigante. Quando os médicos o descobriram, já tinha o tamanho e o formato de um figo. Fizeram de tudo: abriram a cabeça de papai para arrancar o caruncho à faca, despejaram radiação, uma quimioterapia capaz de extinguir a vida em planetas de pequeno porte. Ele quase morreu do tratamento, o câncer não. Quando, ao fim de um ano perambulando pelos círculos do inferno, papai recuperou alguns fios de cabelo e a disposição de comer e beber sem vomitar a alma, os primeiros exames revelaram que o tumor estava mais recuperado ainda. Foi quando ele segurou a minha

mão e disse que bastava daquele teatrinho. Agora é pessoal, eu contra o bicho, disse. Reuniu a junta médica que nós tínhamos na folha salarial, uma dúzia de paspalhos de branco, e fez um discurso. Daquele dia em diante, papai declarava a doença vencedora. Rendia-se incondicionalmente ao magnífico espécime que absorvia os mais fumegantes venenos como se tomasse gim-tônica à beira da piscina. Sendo assim, e Molina notou que Rosa agora estava sorrindo de pura comoção, e ao dizer aquelas palavras erguia um pouco o volume da voz, sendo assim, Pedro de Torrelodones ordenava que todos os conhecimentos acumulados pela medicina desde Hipócrates fossem a partir daquele instante empenhados na missão de fazê-lo conviver da forma mais confortável possível com o tumor extraordinário. Se o monstro lhe dava dores de cabeça incapacitantes, demenciais, queria ser medicado com os analgésicos mais poderosos do mundo, à base de ópio ou de morfina. Se o deixava tonto, que tratassem de quimicamente equilibrá-lo, e se lhe tirava a concentração, que o focassem. Queria atacar os sintomas, apenas os sintomas. Exigia os melhores paliativos que o dinheiro pudesse comprar. De resto, que a morte chegasse a seu tempo: seria muito bem-vinda.

Molina ouvia. Ocorreu-lhe que estava sucumbindo ao mesmo tipo de sortilégio que o dominava na sala de Xerxes, ou melhor, na sala em que Pedro se passava por Paulo de Torrelodones. Aquilo que o tornava um aparelho auditivo hipertrofiado onde se penduravam alguns órgãos secundários.

Imagino o que você está pensando, disse Rosa, enchendo novamente as duas xícaras. Que, se não fosse rico, papai não teria conseguido se impor contra a ditadura médica. Tem razão. Acontece que médicos são ainda mais loucos por dinheiro que advogados, então essa parte foi fácil. Sobrava a questão de como aproveitar o tempo restante, e às vezes eu acho que o plano brotou justamente do maior medo de papai: o medo da perda progressiva de memória que os médicos tinham previsto. Nada poderia ser feito, diziam os paspalhões num corinho ensaiado, era inapelável a morte física de milhões, bilhões de arquivos, à medida que o tumor fosse

comendo os neurônios em sua guerra expansionista. Papai riu muito daquela história de guerra expansionista, chegou a batizar seu tumor de Adolf. Entendi, claro, o quanto a galhofa buscava esconder seu pavor. Perder a memória lhe parecia pior que morrer. O que faz sentido. Basta você pensar que, aos noventa e tantos anos, uma pessoa é puro passado. O que esperar do futuro? Ou mesmo do presente? Coisa nenhuma, óbvio. Nadíssima a esperar. Só existe o passado.

A morte dos neurônios pode ser uma bênção, Molina se pegou dizendo, sem saber se falava de Xerxes ou de si mesmo. Isto é, se o cara não quiser lembrar.

Rosa de Torrelodones pareceu gostar daquilo.

Sim, o esquecimento pode ser uma bênção, concordou. A ideia de que revisitar o acervo do passado embala e dá sentido à velhice é uma daquelas noções edulcoradas de Walt Disney que todo mundo aprendeu a engolir sem questionar. Uma prova, se mais provas fossem exigidas, de que a estupidez venceu a guerra. Porque é evidente que, sendo o ser humano aquilo que é, basta que lhe seja concedido tempo suficiente para que parte do bolo de suas memórias ganhe uma aparência putrefata que não recomenda visitas em sã consciência. Até em sonhos há uma região substancial da matéria vivida que só pode ser contemplada através de véus de ilusão, de alusão, de metáfora ou metonímia. Aí está o gênio de papai.

Acho que não estou acompanhando a senhora.

Papai não sabia até que ponto o tio Paulo tinha sido realmente apaixonado por Elza Fernandes enquanto ela vivia. Acreditava que a noite romântica no Passeio Público tivesse sido mesmo inesquecível, como duvidar? Mas, para papai, aquela fixação de seu irmão não teria ido além de um namorico, uma doença juvenil se Elza, em vez de morrer nas condições em que morreu, envelhecesse aos poucos, perdesse a graça e o viço como todos nós. Mas Elza morreu menina, foi enterrada feito bicho, e meu tio nunca se recuperou. Todo mundo deu um jeito de esquecer aquela história. Era uma história sem sentido, sem moral, sem heroísmo. Até os reacionários um dia se cansaram dela. Tio Paulo não. Papai

costumava dizer que Elza ficou viva dentro dele feito aquele gato emparedado do Edgar Allan Poe. Comendo sua alma por dentro. Por muito tempo os sinais da moléstia não iam além de uma clara alteração em sua personalidade: de sujeito alegre, extrovertido, tio Paulo se tornou o maior dos sorumbáticos. Vivia com Gina, uma grande mulher, como um velho rabugento vive com uma cadelinha vira-lata: dava comida, deixava ela dormir dentro de casa, mas o máximo de carinho que se permitia demonstrar era não cobri-la de pontapés. Pelo menos, é o que consta do folclore familiar que papai me transmitiu. Eu mesma não me lembro bem de Gina, sou nova demais para isso. Depois que ela morreu de apendicite, em 1954, o tio Paulo não quis se casar de novo. Falava pouco, não tinha amigos. Apesar de tudo, nada disso parecia especialmente grave: muita gente vive assim, envelhece assim, meio morta por dentro. E às vezes leva cem anos para morrer de verdade. Não duvido que meu tio estivesse aqui até hoje, estragando o bom humor de todo mundo com sua casmurrice, se não fosse o episódio do Plínio.

Molina notou que a voz da mulher baixava para um tom conspiratório.

Papai e o tio Paulo tinham enfim se encontrado politicamente, no fim dos anos 60. Com sua experiência de décadas de militância, os dois eram dirigentes graduados de uma daquelas organizações de luta armada que pipocaram depois que o regime militar optou pelo fascismo escancarado, em 1968. Não sei se devo lhe dizer o nome dessa organização, uma vez que era clandestina. Claro, tudo isso é história antiga, mas mesmo assim… Digamos que a organização se chamasse PRVOA, Partido Revolucionário da Vanguarda Operária Armada — o que me diz? Você aceitou um Xerxes sem titubear, por que não aceitaria um PRVOA? Um dia, por razões que já não vêm ao caso, um jovem elemento da organização começou a ter comportamento errático. Após voltar de Cuba, aonde fora enviado para receber treinamento especial como guerrilheiro, passou a evitar os companheiros, não prestou contas da viagem, e quando foi procurado por um deles admitiu que pensava em abandonar o movimento — o que, na sua posição e naquele momento, era uma completa impossibilidade. Esse

cara se chamava Plínio e, bom, foi justiçado. Papai nunca escondeu de mim que participou da reunião que decidiu sua eliminação, e que seu maior cuidado foi preservar o tio Paulo. Inventaram uma história de que o Plínio, depois de se graduar em Cuba, estava fazendo uma pós na Albânia, sei lá. Se não foi isso, foi coisa parecida. Valia tudo, desde que meu tio não soubesse a verdade. Papai conhecia aquela fraqueza de seu irmão, sabia muito bem como, desde o episódio da Elza, ele encarava o justiçamento — qualquer justiçamento. O problema é que o tio Paulo soube.

A essa altura, pareceu a Molina que Rosa de Torrelodones falava consigo mesma, numa espécie de transe, olhar boiando à deriva no ar da sala:

O tio Paulo surtou. Quem decidiu isso? Como? Quando? E queria saber tudo, detalhe por detalhe, as provas todas, os trâmites. Escalaram papai para procurar o irmão e tentar acalmá-lo. Esse era o propósito declarado, acalmá-lo. Na verdade, papai sabia que sua missão era avaliar o estado do tio Paulo, recomendar um procedimento. O tio Paulo estava num aparelho em Santa Teresa, e uma tarde papai apareceu lá sem aviso. Era um aparelho com vista, um apartamento na Almirante Alexandrino que ficava abaixo do nível da rua: da portaria, em vez de subir a escada, descia-se. Mesmo assim, como o prédio ficava à beira de um abismo, a paisagem que se descortinava da janela era, pela descrição vívida que papai fazia dela tantos anos depois, realmente impressionante: metade do Rio de Janeiro, a baía inteira, um espetáculo. Tio Paulo estava em pé junto à janela, absorvido na vista, e assim ficou. Papai achou que o tio Paulo não tivesse visto ele entrar, mas de repente, sem se voltar, ele disse: Sabe o que eu estou pensando, Pedro? Que daqui nem dá para ver os homenzinhos que botam de pé aquela ponte espantosa, e apontou as obras da Rio-Niterói lá embaixo, um risco suavemente curvo sobre o mar cinza-chumbo. Àquela altura, março de 1971, a ponte já era um rascunho bem claro do que viria a ser, um esqueleto ao qual faltava a carne, mas de ossatura completa ou quase. Não dá para ver, mas dizem que os operários morrem como moscas nessa obra, não dizem? Papai concordou, dando corda. E o tio Paulo: Nas

pirâmides do Egito deve ter sido parecido. E depois de uma pausa quase bucólica em que ficaram lado a lado em silêncio, dois irmãos apreciando uma bela paisagem, o tio Paulo voltou a falar e, calmo, disse algo que fez gelar a espinha de papai. Disse: Mas a vida humana não significa nada perto de uma obra desse porte, não é verdade, irmão? Então papai percebeu que havia lágrimas nos olhos do tio Paulo e tentou abraçá-lo, mas ele se esquivou com violência e começou a berrar, vermelho de fúria, que estava se desligando naquele momento da organização, e que cada minuto restante da sua vida seria dedicado a escrever um livro sobre a história de Elza Fernandes, seu primeiro amor, seu único amor, um livro tão definitivo e humano e comovente que, depois dele, nunca mais ninguém teria coragem de perpetrar uma monstruosidade como aquela.

No silêncio que se seguiu, Molina ficou ouvindo a respiração levemente acelerada de Rosa.

E depois?, disse.

Não me peça para pôr em palavras, meu caro jornalista. Ou escritor, tanto faz. Nem jornalistas nem escritores costumam levar isso em conta, mas a verdade é que nem tudo deve ser posto em palavras. Depois, você pergunta? Papai passou à organização o único informe que poderia passar. O tio Paulo teve o destino de seu grande amor.

O arrepio que percorreu o corpo de Molina vagarosamente, de baixo para cima, como um choque elétrico em câmera lenta, explodiu em sua cabeça e, sob um clarão de holofote, revelou o mural inteiro com uma nitidez que ofuscava.

O livro que o tio Paulo não pôde escrever é agora tarefa sua, disse Rosa de Torrelodones. Pondo-se de pé, estendeu-lhe um retângulo de papel rosado entre dois dedos: Aqui está o cheque.

Lá fora, espantou-se de ainda não ser noite fechada. Decidido a passar algum tempo na paz do jardim da Luxemburgo Participações antes de mergulhar no caos da rua, sentou-se no primeiro banco que encontrou. Acabava de lhe vir à cabeça um começo de livro:

*Tinha dezesseis anos. Ou assim dizem. As versões variam. Em algumas, Elza é mulher-feita, vinte e um. Na maioria tem dezesseis.*

Depois de estudar as palavras por alguns instantes, revirando-as de um lado para o outro, concluiu que ninguém chegaria ao fim de um livro que começasse assim.

# 11.

*Carta a Elza que Miranda, preso, assinou como Adalba* (*Adalberto*)*, um de seus codinomes, em meados de fevereiro de 1936. Foi ela que levou Prestes, Martins e Bangu a debater grafologia. Sob custódia na casa de Gaguinho, Elza nunca chegou a recebê-la.*

Garota:

Por que é que não vens me ver? Eu te esperei no dia que marcaste. Esperei-te muito no dia 10 de fevereiro, meu aniversário, e não vieste. O que é que aconteceu contigo? Vivo aflito sem saber tuas notícias, e não tenho tranquilidade. O que tens, meu bem, diz-me.

Os inimigos espalham boatos infames a meu respeito. Eu te preveni contra isto, e mandei que prevenisses os nossos amigos. Além dos suplícios físicos, me dão suplícios morais. Se alguém te disser infâmias a meu respeito, repele. O inimigo procura nos destruir e desagregar; é preciso muito cuidado com os boatos, não dar crédito. Estou doente, preciso de dinheiro, roupa e remédios. Confio em ti e te espero, certo de que me esperarás. Minha consciência está tranquila, estou firme, certo de que me portei como um valente, e na altura da confiança que os amigos sempre me depositaram. Que eles tomem cuidado com os boatos, que todos são serviços do inimigo. Cedo esclareceremos tudo. Mas, Garota, meu bem, não me deixes sem tuas notícias, pois isto aumenta meus sofrimentos horrivelmente, estou com o coração e os nervos arrebentados. Hei de sobreviver a tanto sofrimento, com a tua ajuda e conforto. Nossas roupas estão definitivamente perdidas. Garota, meu bem, vem me consolar um pouco, me manda notícias, escreve tu mesmo, que eu compreendo. Espero a hora de alegria em que te verei. Meu bem, me ajuda a lutar, preciso do teu conforto. Vem, Garota, eu te espero. Muitos abraços, carinhos e beijos do teu

Adalba

Neiva's Coiffeur, dizia o letreiro vistoso sobre a entrada. Dali, com seu piso irregular de cimento e largura em torno de um metro e meio, o beco

serpenteava em declive entre as paredes das construções de dois ou três andares, um piso empilhado sobre o outro em perspectivas cambetas, fora os eventuais puxadinhos. Cercado dessa forma pelos dois lados, a luz do sol que conseguia penetrar no beco era residual, como a de uma lâmpada fraca. Molina se obrigou a descer, passando diante de pequenos alpendres que não sabia se eram a frente ou os fundos daquelas casas, portõezinhos tronchos, parapeitos onde dormiam gatos sobre panos de chão postos a secar. Teve a impressão de que o beco ficava mais escuro e úmido à medida que avançava, acompanhando a numeração crescente. Os números subiam devagar enquanto ele descia: 20, 23, 25. Buscava o 48.

Encontrar o número da rua Maria Bastos que correspondia ao da casa em que morrera Elza Fernandes não passava, ele sabia, de um exercício de preciosismo jornalístico. Era evidente que a numeração tinha mudado. Do lado direito da pequena rua de Guadalupe ainda havia casas cercadas de algum espaço, capim, uma ou outra árvore, mas o lado esquerdo era uma longa sequência de casinhas de porta e janela e modestos sobrados, todos espremidos uns contra os outros para formar um único paredão que, a certa altura, se abria como a falha de um dente para dar passagem ao beco estreito anunciado pelo letreiro — Neiva's Coiffeur.

No bar da esquina haviam lhe dito que em algum lugar ali embaixo ficava o número 48. Embora Molina nunca tivesse alimentado a ilusão de encontrar de pé a casa suburbana de Gaguinho, em cujo quintal sombreado de árvores, numa noite de março de 1936, fora enterrado o corpo de Elza, sua imaginação tinha passado longe de conceber algo tão diferente do cenário original quanto aquela fenda claustrofóbica entre barracos de favela, com seu miasma de mofo, cebola frita, cachorro suado.

> *Estava noite fechada e tudo era solidão. Distante, porém, um coqueiro gigante, única testemunha do enterro, baloiçando fleumaticamente suas folhas, presenciava aquele horror.*

As palavras piegas que o capitão Francisco Davino dos Santos escrevera sobre o enterro de Elza pareciam saídas de um conto de fadas. Fleumático

ou não, como vislumbrar um coqueiro?

De repente cruzou com Molina um meninote de quatro ou cinco anos de cabeça baixa, só de short, que vinha subindo a ladeira seguido por um cachorro de pelo falhado. Era o primeiro ser humano que ele via no beco, e só então se deu conta de que, em contraste com a rua propriamente dita lá em cima, onde uma Kombi de mudanças descarregava móveis e quinquilharias cercada pelo alarido de uma pequena multidão de curiosos de todas as idades, o beco estava deserto e, o que era mais estranho, silencioso. O descompasso entre aquelas duas extensões verticais vazadas de portas, janelas, terraços e lajes e a ausência quase completa de sinais de vida era absurdo. Seria ele, forasteiro, o responsável pela quietude? Imaginou mil pares de olhos a acompanhar por trás de frestas e cortinas seu progresso beco abaixo. Os números das casas eram pintados à mão, toscamente, ao lado das portas. De repente estava quase no 60, e ficou feliz de poder dar meia-volta. A partir daquele ponto o declive se acentuava, havia degraus logo adiante, e lhe pareceu que a obscuridade ficava maior. Mas talvez isso fosse uma impressão causada pelo medo que tentava manter calado, domesticado, travestido de uma natural e saudável apreensão, mas que no fundo sabia ser medo mesmo.

O risco que Molina corria estava longe de ser equivalente ao de brincar de roleta-russa com três balas no tambor. Isso ocorreria se seguisse mais dois quilômetros pela estrada do Camboatá na direção de Costa Barros e, saltando do carro, deixasse o Lulinha esperando ao volante e se metesse numa das gretas do morro do Chapadão. Nunca tinha ouvido falar do Chapadão até o Lulinha, a caminho dali, proseando desembestado enquanto voava pela avenida Brasil em seu Escort 92, lhe contar histórias hediondas. Mas não estavam no Chapadão, zona conflagrada de tráfico de drogas. Estavam mais abaixo, a cinco minutos de caminhada do Guadalupe Shopping, área de classe média para os padrões locais. Isso aqui há poucos anos era um horror, disse um dos caras no bar, mas a gente fez uma faxina. Queria dizer que agora a rua Maria Bastos pertencia ao território controlado pela milícia. Molina já desconfiava disso pela pinta do

coroa atlético que, a poucos metros dali, sentado numa cadeira na calçada do outro lado da rua, o encarava. A Maria Bastos, uma transversal da Pelópidas Passamani, tinha virado uma espécie de vila, com uma grade de ferro pintada de preto que era mantida aberta de dia e fechada à noite. O coroa ficava sentado junto à grade, vendo todo mundo que entrava e saía. A rua onde mataram Elza agora tinha porteiro.

Podia procurar sossegado o tal endereço, ia dizendo o único freguês do bar que falava, e que o Lulinha, pagando cerveja no balcão com o dinheiro de Molina, tratava de tornar loquaz. Nada como um bom motorista de jornal. Molina era só um par de ouvidos, evitando ao máximo abrir a boca para não deixar ainda mais patente o quanto era estrangeiro naquele lugar. O dono do bar e um outro sujeito permaneceram arredios, de bico fechado.

A certa altura, Molina deixou o Lulinha bebendo no bar e entrou na rua. Cumprimentou o coroa atlético com a cabeça. Ele não retribuiu.

Bom dia, disse. Posso falar com o senhor?

O coroa fez cara de que remédio, já estava falando mesmo. Pressentiu o fracasso do diálogo, mas foi em frente e perguntou ao coroa se ele sabia que naquela rua tinham matado uma menina chamada Elza, isso no tempo do onça, em 1936, apressou-se a acrescentar, antes que o outro o julgasse um farejador de crime recente. O PM aposentado ficou olhando para ele um tempão e depois abanou a cabeça lentamente mas com grande ênfase e disse, como se a ideia fosse um insulto ao seu orgulho de segurança:

Isso nunca aconteceu.

Depois que deu meia-volta no beco, pensando onde estará o diabo desse número 48, não existe, oba, vamos embora daqui, ele apressou o passo ladeira acima e, dobrando uma esquina, quase atropelou um cachorro grande que fechava a passagem. Estacou a tempo de não atingi-lo, mas o bicho, sentindo-se ameaçado, se pôs de pé com agilidade e arreganhou os dentes. Molina recuou dois passos, resistindo ao impulso de desembestar

morro abaixo. O monstro começou a latir alto e foi respondido por todos os cachorros de Guadalupe.

Então se ouviu uma voz de velha:

Sultão!

O cachorro parou de latir imediatamente. Abaixou a cabeça e se meteu por um portãozinho de ferro entre duas muretas. Do lado de dentro, numa espécie de varanda diminuta, manta quadriculada no colo, Molina viu uma velha muito velha sentada numa cadeira de balanço. Meio escondida atrás de antúrios e samambaias, a mulher lhe passara despercebida um minuto atrás, quando descia a ladeira à procura de uma abstração matemática e fugidios sinais de vida. Agora, porém, dominava o beco com uma imponência de monumento.

Entra, meu filho.

Percebeu que desobedecer não era uma possibilidade. Cruzando o portão, deu de cara com aquilo que, pintado em pinceladas largas no muro, por algum capricho se mantinha oculto de quem transitava pelo beco. Tinha encontrado o número 48.

# Advertência

Esta é uma obra de ficção baseada em acontecimentos históricos. Os personagens fictícios, que dão suas próprias versões desses acontecimentos, aparecem apenas nos segmentos de tipologia em corpo normal. Os trechos em itálico que abrem cada capítulo têm dupla face: dentro do jogo ficcional são obra do personagem Molina, mas ao mesmo tempo são rigorosamente jornalísticos, baseados em documentos e entrevistas reais, e por eles se responsabiliza o próprio autor.

# Bibliografia


AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *Os subterrâneos da liberdade*. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1960.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho. *Sorocaba operária*. Sorocaba: LINC, 2005.

BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário*. Rio de Janeiro: Melso, 1962.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República: De 1930 a 1960*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1981.

BRANCO, Carlos Castello. *Retratos e fatos da história recente*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern, 1919-1943*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CANALE, Dario; TAVARES, José Nilo; VIANA, Francisco. *Novembro de 1935: Meio século depois*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Salvadora!* Sorocaba: LINC, 2001.

COBRA, Ercília Nogueira; BITTENCOURT, Adalzira. *Visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

DULLES, John W. F. *O comunismo no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GOMES, Angela de Castro; FLAKSMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo. *Velhos militantes: Depoimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

JOFFILY, José. *Harry Berger*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea: O PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1983.

KRIVITSKY, W. G. *In Stalin's Secret Service*. Nova York e Londres: Harper & Brothers, 1939.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: Memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MALTA, Maria Helena. *A Intentona da vovó Mariana*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORAIS, Fernando. *Olga*. 15. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1989.

OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Prascedes —Um operário no poder*. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

PANDOLFFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB: 1922-1924*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: A revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PINTO, Herondino Pereira. *Nos subterrâneos do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1950.

PLESHAKOV, Constantine. *A loucura de Stálin*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: Patriota, revolucionário, comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. *Da insurreição armada (1935) à "União Nacional" (1938-1945)*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PRESTES, Luiz Carlos. *Anos tormentosos: Correspondência da prisão, 1936-1945*. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

PRESTES, Maria. *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos anos, uma biografia*. São Paulo: Arx, 2004.

QUINTELLA, Ary. *Sobral Pinto: Por que defendo os comunistas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

SANTOS, Francisco Davino dos. *A marcha vermelha*. São Paulo: Saraiva, 1948.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3. República: Da Belle Époque à Era do Rádio.

SILVA, Hélio. 1935: *A revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

VALTIN, Jan. *Do fundo da noite*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

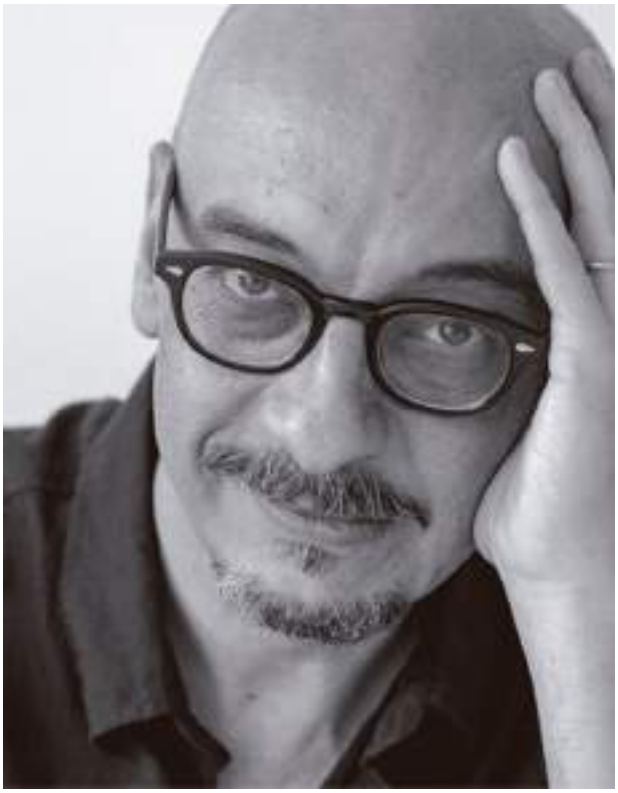
VINHAS, Moisés. *O Partidão: A luta por um partido de massas, 1922-1974*. São Paulo: Hucitec, 1982.

WAACK, William. *Camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras/Biblioteca do Exército, 1999.

WERNECK, Maria. *Sala 4: Primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: Cesac, 1988.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984.

ZICREE, Marc Scott. *The Twilight Zone Companion*. Nova York: Bantam Books, 1982.



RENATO PARADA

SÉRGIO RODRIGUES é escritor e jornalista. Mineiro que adotou o Rio de Janeiro, é autor, entre outros, do romance *O drible* (vencedor do prêmio Portugal Telecom, atual Oceanos) e do almanaque *Viva a língua brasileira!*, além de organizador da antologia *Cartas brasileiras*, todos publicados pela Companhia das Letras. É colunista da *Folha de S.Paulo* e roteirista do programa de TV *Conversa com Bial*. Em 2011, recebeu o prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro pelo conjunto de sua obra.

Copyright © 2008, 2018 by Sérgio Rodrigues

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e ilustração de capa*
Rafael Nobre

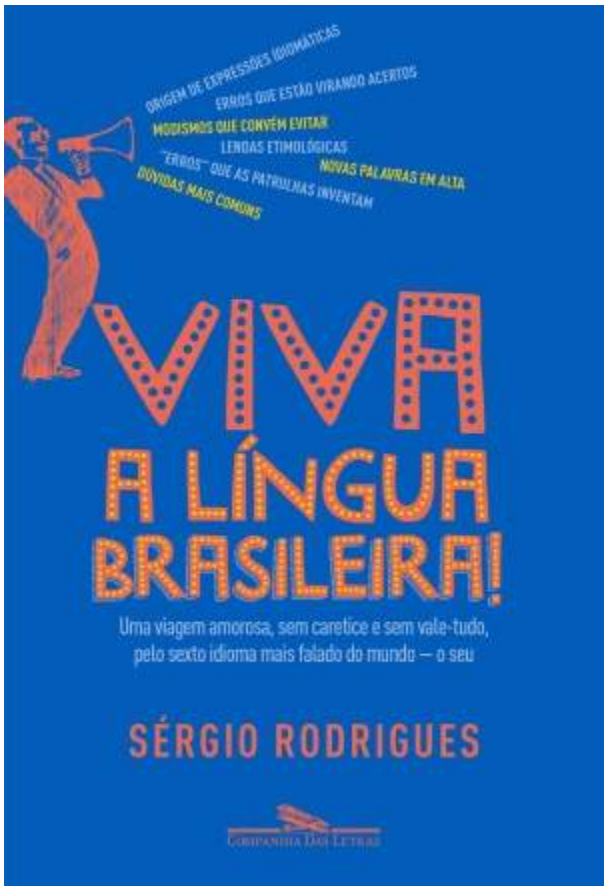
*Preparação*
Silvia Massimini Felix

*Revisão*
Isabel Cury
Nana Rodrigues

ISBN 978-85-545-1140-1

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras




# Viva a língua brasileira!

Rodrigues, Sérgio

9788543806716

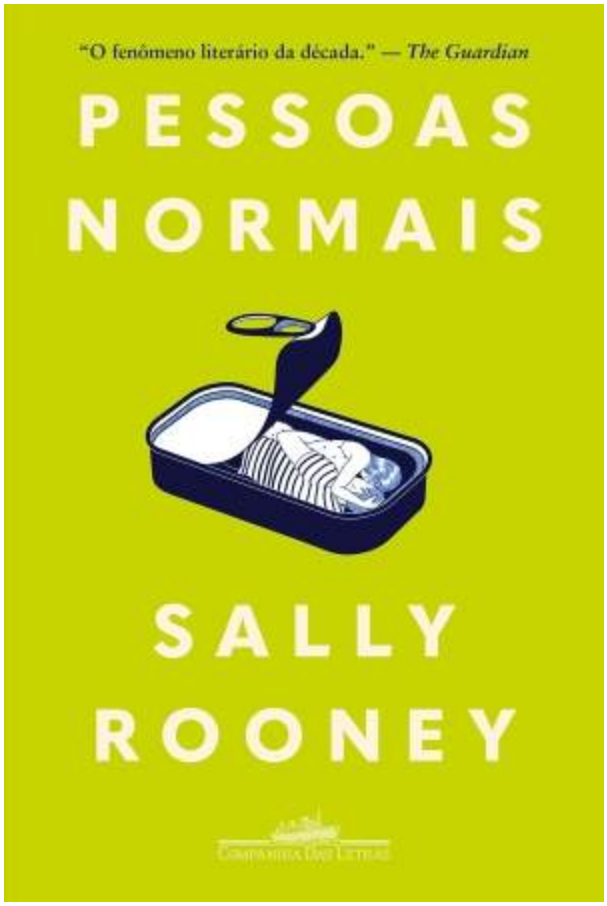
384 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Almanaque ensina de forma divertida e desfaz mitos sobre a língua portuguesa. Este livro é uma declaração de amor à

língua portuguesa falada no Brasil. Em forma de verbetes rápidos e instrutivos, dá dicas e tira dúvidas que você sempre teve sobre o uso do idioma. Contra aqueles que defendem que só os irmãos de Portugal sabem tratar a gramática como ela merece, aqui está um antídoto. Contra aqueles que adoram corrigir o que nunca esteve errado e defendem bobagens, aqui está a resposta perfeita. Contra o analfabetismo funcional, o pedantismo do juridiquês, a barbaridade do corporativês, a importação servil de estrangeirismos e o chiclete viciante do clichê, este é um manual perfeito para usar nossa língua em toda sua riqueza e sem nenhum preconceito.

Compre agora e leia




# Pessoas normais

Rooney, Sally

9788554514686

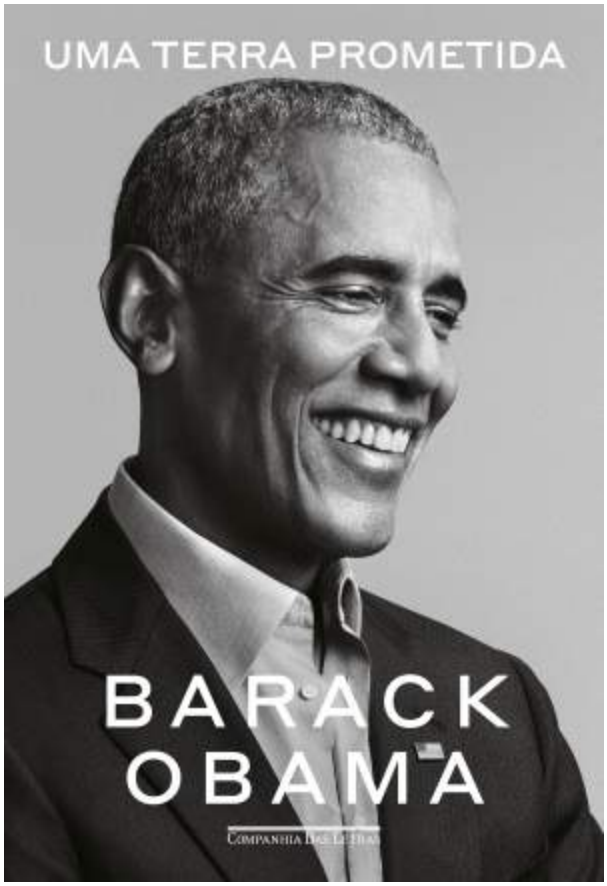
264 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Uma história única e envolvente sobre dois jovens que devem enfrentar a eletricidade do primeiro amor em meio às

sutilezas das classes sociais e dos problemas familiares. Sally Rooney é a voz da geração millennial. Na escola, no interior da Irlanda, Connell e Marianne fingem não se conhecer. Ele é a estrela do time de futebol, ela é solitária e preza por sua privacidade. Mas a mãe de Connell trabalha como empregada na casa dos pais de Marianne, e quando o garoto vai buscar a mãe depois do expediente, uma conexão estranha e indelével cresce entre os dois adolescentes — contudo, um deles está determinado a esconder a relação. Um ano depois, ambos estão na universidade, em Dublin. Marianne encontrou seu lugar em um novo mundo enquanto Connell fica à margem, tímido e inseguro. Ao longo dos anos da graduação, os dois permanecem próximos, como linhas que se encontram e separam conforme as oportunidades da vida. Porém, enquanto Marianne se embrenha em um espiral de autodestruição e Connell começa a duvidar do sentido de suas escolhas, eles precisam entender até que ponto estão dispostos a ir para salvar um ao outro. Uma história de amor entre duas pessoas que tentam ficar separadas, mas descobrem que isso pode ser mais difícil do que tinham imaginado. "O fenômeno literário da década." — The Guardian

Compre agora e leia




# Uma terra prometida

Obama, Barack

9786557820322

764 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Um relato fascinante e profundamente íntimo da história em formação — feito pelo presidente que nos inspirou a

acreditar no poder da democracia. No comovente e aguardado primeiro volume de suas memórias presidenciais, Barack Obama narra, nas próprias palavras, a história de sua odisseia improvável, desde quando era um jovem em busca de sua identidade até se tornar líder do mundo livre. Com detalhes surpreendentes, ele descreve sua formação política e os momentos marcantes do primeiro mandato de sua presidência histórica — época de turbulências e transformações drásticas. Obama conduz os leitores através de uma jornada cativante, das primeiras aspirações políticas à vitória crucial nas primárias de Iowa, na qual se demonstrou a força do ativismo popular, até a noite decisiva de 4 de novembro de 2008, quando foi eleito 44º presidente dos Estados Unidos, o primeiro afro-americano a ocupar o cargo mais alto do país. Ao refletir sobre a presidência, ele faz uma análise singular e cuidadosa do alcance e das limitações do poder executivo, além de oferecer pontos de vista surpreendentes sobre a dinâmica da política partidária dos Estados Unidos e da diplomacia internacional. Obama leva os leitores para dentro do Salão Oval e da Sala de Situação da Casa Branca, e também em viagens a Moscou, Cairo e Pequim, entre outros lugares. Acompanhamos de perto seus pensamentos enquanto monta o gabinete, enfrenta uma crise financeira global, avalia a verdadeira face de Vladímir Pútin, supera dificuldades que pareciam insuperáveis para aprovar a Lei de Assistência Acessível (Affordable Care Act), bate de frente com generais sobre a

estratégia militar dos Estados Unidos no Afeganistão, trata da reforma de Wall Street, reage à devastadora explosão da plataforma petrolífera Deepwater Horizon e autoriza a Operação Lança de Netuno, que culmina com a morte de Osama bin Laden. Uma terra prometida é extraordinariamente pessoal e introspectivo — o relato da aposta de um homem na história, da fé de um organizador comunitário posta à prova no palco mundial. Obama fala com sinceridade sobre a situação delicada de concorrer a um cargo eletivo sendo um americano negro, sobre corresponder às expectativas de uma geração inspirada por mensagens de "esperança e mudança" e sobre lidar com os desafios morais das decisões de alto risco. É honesto sobre as forças que se opuseram a ele dentro e fora do país, franco sobre os efeitos da vida na Casa Branca em sua esposa e em suas filhas e audacioso ao confessar suas dúvidas e desilusões. Jamais duvida, porém, de que no grande e incessante experimento americano o progresso é sempre possível. Brilhantemente escrito e poderoso, este livro demonstra a convicção de Barack Obama de que a democracia não é uma benção divina, mas algo fundado na empatia e no entendimento comum e construído em conjunto, todos os dias.

Compre agora e leia

# Sejamos todos feministas

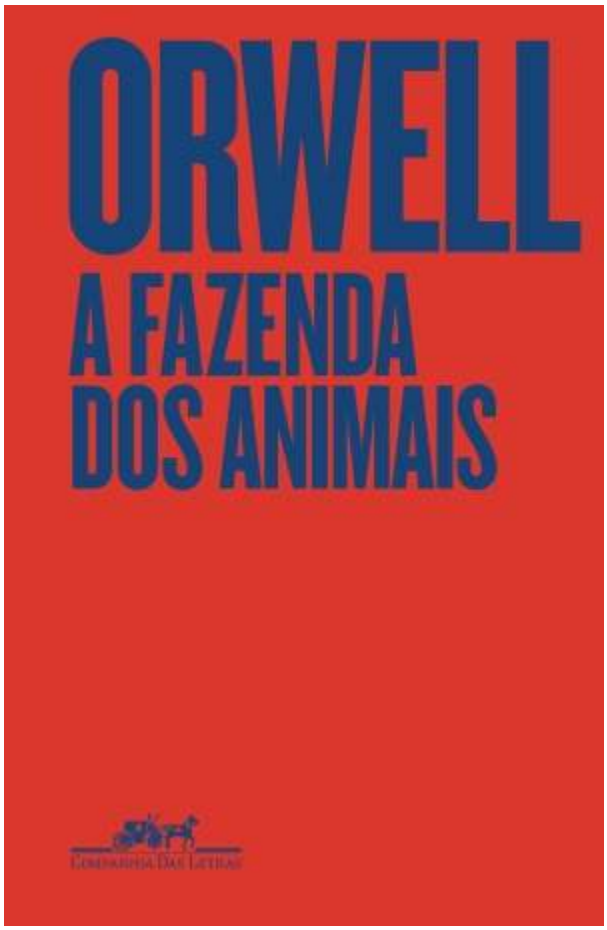
Adichie, Chimamanda Ngozi
9788543801728
24 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis

as questões que estão no cerne de Sejamos todos feministas, ensaio da premiada autora de Americanah e Meio sol amarelo. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

Compre agora e leia




# A Fazenda dos Animais - Edição especial

Orwell, George

9786557820636

280 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Uma das obras mais emblemáticas do século XX ganha edição atualizada com nova tradução, projeto gráfico especial e ampla fortuna crítica. A história é conhecida: cansados da exploração a que são submetidos pelos humanos, os animais da Fazenda do Solar se rebelam contra seu dono e tomam posse do lugar, com o objetivo de instituir um sistema cooperativo e igualitário. Mas não demora para que alguns bichos voltem a usufruir de privilégios, fazendo com que o velho regime de opressão regresse com ainda mais força. Escrita em plena Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945, A Fazenda dos Animais é uma alegoria satírica sobre os mecanismos do poder e tudo aquilo que leva à corrosão de grandes ideias e projetos de revolução. Pela primeira vez no Brasil, o clássico de George Orwell é publicado com seu título original. Com nova tradução, de Paulo Henriques Britto, e projeto gráfico especialíssimo — com capa em tecido, corte impresso e obras da artista brasileira Vânia Mignone —, este A Fazenda dos Animais conta também com uma série de ensaios que cobrem a recepção crítica do livro desde o seu lançamento até os dias de hoje.

Compre agora e leia